

FAM DE CASO

GRAHAM
GREENE



BIBLIOTECA AZUL

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

FAM DE CASO

GRAHAM
GREENE



BIBLIOTECA AZUL

Table of contents

1. [Capa](#)
2. [Folha de rosto](#)
3. [Sobre o autor](#)
4. [Sumário](#)
5. [Biografia](#)
6. [Prefácio](#)
7. [Dedicatória](#)
8. [Epígrafe](#)
9. [LIVRO UM](#)
 1. [1](#)
 2. [2](#)
 3. [3](#)
 4. [4](#)
 5. [5](#)
 6. [6](#)
 7. [7](#)
10. [LIVRO DOIS](#)
 1. [1](#)
 2. [2](#)
 3. [3](#)
 4. [4](#)
 5. [5](#)
 6. [6](#)
 7. [7](#)
 8. [8](#)
11. [LIVRO TRÊS](#)
 1. [1](#)
 2. [2](#)
 3. [3](#)
 4. [4](#)
 5. [5](#)
 6. [6](#)
 7. [7](#)
12. [LIVRO QUATRO](#)
 1. [1](#)
 2. [2](#)
13. [LIVRO CINCO](#)
 1. [1](#)
 2. [2](#)
 3. [3](#)

- 4. [4](#)
- 5. [5](#)
- 6. [6](#)
- 7. [7](#)
- 8. [8](#)
- 14. [Notas](#)
- 15. [Créditos](#)

Guide

- 1. [Cover](#)
- 2. [Sumário](#)

GRAHAM GREENE FIM DE CASO

tradução de Bruno Gambarotto



BIBLIOTECA AZUL



O inglês **Graham Greene** (1904-1991) teve uma formação ortodoxa em colégios no interior da Inglaterra e sempre se arriscou na vida literária — em poemas, artigos e contos. Aos 22 anos, mudou-se para Londres, onde trabalhou para os mais importantes jornais, como *Times* e *The Spectator*. A conversão ao catolicismo moldaria em grande parte sua obra, que, desde o início, trata de questões morais em meio a histórias policiais e dramas psicológicos. Durante a Segunda Guerra Mundial, Greene trabalhou no serviço de inteligência inglês e depois da guerra viajou por vários países — e isso introduziu em seus romances um forte teor político. Recebeu inúmeros prêmios e hoje é considerado um dos autores mais importantes do romance moderno inglês. Dele, a Biblioteca Azul publica, ainda, *Os farsantes*, *O americano tranquilo*, *Um lobo solitário*, *Nosso homem em Havana*, *O cerne da questão*, *O condenado* e *O poder e a glória*.

SUMÁRIO

Pular sumário [»»]

Biografia
Prefácio
Dedicatória
Epígrafe

LIVRO UM

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7

LIVRO DOIS

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8

LIVRO TRÊS

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7

LIVRO QUATRO

- 1
- 2

LIVRO CINCO

- 1
- 2

- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8

Notas
Créditos

BIOGRAFIA

GRAHAM GREENE NASCEU EM 1904, em Hertfordshire, na Inglaterra. Ao deixar o Balliol College, em Oxford, trabalhou por quatro anos como subeditor do jornal *The Times*. Consolidou sua reputação com o quarto romance, *Stamboul Train*. Em 1935, realizou uma viagem pela Libéria, descrita em *Journey Without Maps*; no retorno à ilha britânica, foi nomeado crítico de cinema da revista *Spectator*. Em 1926 fora batizado na Igreja Católica Romana e visitou o México em 1938 para relatar a perseguição religiosa no país. Da experiência resultaram *The Lawless Roads* e, mais tarde, seu famoso romance *O poder e a glória*. *O condenado* foi publicado em 1938; em 1940, tornou-se editor literário da *Spectator*. A seguir, trabalhou para o Ministério das Relações Exteriores, lotado em Serra Leoa, de 1941 a 1943. A temporada no país africano produziu, posteriormente, o romance *O cerne da questão*, ambientado na África Ocidental.

Além de seus muitos romances, Graham Greene escreveu várias coletâneas de contos, quatro livros de viagens, seis peças para o teatro, três autobiografias — *A Sort of Life*, *Ways of Escape* e *A World of My Own* (publicado postumamente) —, duas biografias e quatro narrativas infantis. Também escreveu centenas de ensaios e resenhas de filmes e livros, alguns dos quais aparecem nas coletâneas *Reflections* e *Mornings in the Dark*. Muitos de seus romances e contos foram adaptados para o cinema, e *O terceiro homem* foi escrito como argumento para um roteiro. Graham Greene foi membro da Ordem de Mérito e da Ordem dos Companheiros de Honra. Morreu em 1991.

PREFÁCIO

A CAMINHO DO FUNERAL de Sarah, Maurice Bendrix faz uma parada na cidade para encontrar um crítico que escreverá um artigo sobre sua obra. Ele imediatamente se pergunta por que fez isso. “Eu conhecia bem demais as frases pomposas de seu artigo, o significado oculto que ele descobriria e eu desconhecia, e os defeitos que estava cansado de enfrentar.” Greene dota seu personagem de uma perícia mortal e bota o aspirante a prefaciador para correr.

Tanto já foi escrito sobre a obra de Greene que parece que a crítica, como uma história, não tem começo ou fim efetivo. As salivações sobre as aparentes remissões de *O fim de caso* ao próprio caso famoso de Greene com lady Catherine Walston (ela se converteu ao catolicismo, tinha fama de ter muitos amantes, era casada com um homem “importante” e dócil, e assim por diante) não precisam ser repetidas aqui. Basta notar que Greene estava certamente atento à possibilidade de sua vida ser submetida à devassa de detetives literários. No início do livro, Bendrix reflete quão poucas cartas enviou à amante, consciente dos riscos implicados para um escritor profissional. “As mulheres tendem a exagerar a importância de seus amantes e nunca anteveem o decepcionante dia em que uma carta indiscreta aparecerá assinalada como ‘Interessante’ em um catálogo de autógrafos ao preço de cinco xelins.”

O pressuposto fácil que segue a equiparação Catherine/Sarah é que Bendrix é o *alter ego* de Greene. Mesmo Parkis — o desajeitado, porém zeloso, xereta profissional — teria pouca dificuldade em exumar as evidências. Bendrix escreve disciplinadamente quinhentas palavras por dia, tem paixão por folhas de papel almaço pautadas limpas, reflete sobre seu trabalho antes de ir para a cama e obedece — ao que parece — todas as ordens dos próprios hábitos de escrita de Greene. Estes, entretanto, são apenas ossos esbranquiçados, e é em duas áreas que Greene dá substância ao escritor de ficção. A primeira diz respeito ao misterioso ato de criação. Bendrix descreve com precisão o papel do inconsciente (“aquelas profundas grutas marinhas”) e anseia pela paixão do próximo romance, esperando voltar “a sentir a excitação de lembrar o que nunca se sabia conscientemente”. A segunda é a arte ainda mais misteriosa das relações sociais. Bendrix gosta instantaneamente de Sarah “porque ela disse que tinha lido meus livros, mas não voltou a tocar no assunto”. Quando se encontram pela primeira vez após o fim do caso, ela pergunta se ele está trabalhando em um novo livro. “Nem mesmo da primeira vez, a do xerez sul-africano, ela havia cometido esse clichê.” Greene lança o verbo como uma granada de mão, destruindo a tênue esperança de Bendrix de um reenlace. E aqui (muito mais do que nas rotinas de escrita emprestadas) ficamos tentados a fundir autor e personagem. As perspectivas de Bendrix, filtradas pelo seu ponto de vista de escritor, são

simplesmente convincentes demais.

Mas prosseguir nessa linha seria um exercício frustrante, como enviar arqueólogos para escavar um terraço pavimentado. Greene, é claro, precisa doar carne (e órgãos vitais) para Bendrix. De que outra forma um escritor criaria um escritor? Mas isso não faz de Bendrix o homem (em oposição ao escritor) o *alter ego* de Greene.

Em *Ways of Escape*, o próprio autor procurou descartar paralelos com seu relacionamento com Catherine: “Em *Fim de caso*, eu havia descrito um amante que estava com tanto medo de que o amor acabasse um dia que tentou apressar o fim e superar a dor. No entanto, não havia caso de amor infeliz do qual escapar daquela vez: eu estava feliz no amor”. É claro que ele pode ter simplesmente mentido nessa passagem. E embora não haja necessidade de que Bendrix *seja* o *alter ego* do autor, não há necessidade de que *não* seja.

As perguntas a fazer são as seguintes: isso importa? Estamos interessados nisso? Para os aficionados por Greene, as respostas podem ser sim, sim. Para o resto de nós, meros fãs, parece mais uma disputa sobre a datação do terraço ser 1947 ou 1948; um assunto de pouco interesse.

O que confere ao romance, então, sua atração peculiar depois de todo esse tempo? O adultério é tão rotineiro quanto visitas ao dentista, com a diferença de custar menos. As alusões sexuais não fariam um editor desses livros românticos de banca sequer erguer a sobancelha. Catolicismo torturado, milagres e diálogos tempestuosos sobre a natureza da fé não costumam fazer o coração bater mais forte. E um vislumbre lascivo dos hábitos extraconjugais do escritor não chega a carregar os leitores por um livro inteiro.

Na opinião do próprio Greene, o livro não foi um sucesso total (foi um sucesso popular). Em *Ways of Escape*, ele nos esboça o pano de fundo dessa primeira incursão na composição em primeira pessoa e retrata a si mesmo como uma figura solitária e desiludida arrastando-se em meio a uma nuvem de poeira. “Muitas vezes me arrependi de ter buscado o ‘eu’ ao longo de sua estrada sombria...” Ele lamenta a questão do tom (“havia apenas dois tons, ambos da mesma cor — o do amor obsessivo e o do ódio obsessivo”) e admite que Parkis e seu filho foram “minha tentativa de introduzir mais dois tons, o humorístico e o patético”. Em uma seção anterior do livro, ele identifica Smythe como um personagem que “se recusa obstinadamente a ganhar vida”. Em uma crítica mais generalizada, afirma que o livro deveria ter, após a morte de Sarah, uma extensão pelo menos igual à que a precede, intenção original que “traiu”.

Não são palavras de amor incondicional, mas tampouco são capazes de impedir nossa apreciação do romance. Greene, sempre o mestre do suspense, calmamente mostra a que veio já no início. A predição e

confirmação da morte de Sarah são dadas no primeiro capítulo e nós, como o narrador, mal acreditamos no que estamos lendo; pulamos de expectativa durante os primeiros encontros de Bendrix com Henry (quando ele vai sacar?); aguardamos com ansiedade a cena da escada (um cadinho incandescente), onde somos informados como terminou o caso, e a espera aprofunda nossa reação; e quando Parkis entrega o importantíssimo diário, somos detidos junto com Bendrix pelos tormentos comezinhos dos protocolos sociais e da conversa educada.

O prazer travesso de Greene de colocar em operação seu elenco de apoio nos faz aplaudir em silêncio. Em sua melhor forma, ele o entrega com toda a economia de um haikai. Veja a sua conversa com o sr. Savage, o chefe da agência de detetives: “A melhor propaganda, você sabe’, ele introduziu o clichê como se fosse um termômetro, ‘é um cliente satisfeito.” Em poucas palavras, ele nos diz tudo o que queremos saber sobre o jeito profissional excessivamente suave, o discurso de vendas decorado, o distanciamento interior revestido com a pátina da preocupação. Ou este comentário sobre as esposas do funcionalismo público no funeral de Sarah: “Elas ao menos estavam satisfeitas com a cerimônia — isso ficava patente pelos chapéus”. De repente, ele evoca tanto a afronta, a ameaça à respeitabilidade representada por Sarah, quanto o triunfo desafiador e meio oculto daqueles que viveram para ver seu fim.

Ele não é menos bem-sucedido ao reproduzir uma cena. Conta-nos ele, na abertura do livro, naquela noite terrível no parque, que as árvores “estavam no entorno como canos d’água estourados”, e imediatamente sentimos a chuva em nosso pescoço. Ele constrói o clube de Bendrix rápida e maravilhosamente em todas as suas tristes dimensões através de seus membros ausentes (clérigos, jornalistas, inspetores escolares — “foram para casa em Bromley e Streatham”); não membros (autores — exceto aqueles “pendurados na parede”); comida (Henry “deu um jeito de empurrar a mistura rosa e encharcada goela abaixo”); móveis (“desperdício de sofás pretos de crina de cavalo”); e, coroando o episódio, o secretário do clube (“Eu o apresentei a Henry, e ele disse com a rapidez de um cabeleireiro: “Tenho acompanhado os relatórios todos os dias”). Greene declarou que só descobriu a “comédia” uma década depois, quando escreveu seu livro mais sombrio, *A Burnt-out Case*, mas há certo humor sombrio a ser identificado aqui também. O interessante é que isso oferece pouco alívio ao tom do livro. Compreendemos o que Bendrix indica sobre o desespero do secretário do clube, mas estamos mergulhados demais na amargura do narrador para contrair os lábios. O mesmo acontece quando nos deparamos com outras linhas de humor afiado. A senhoria de Bendrix bate à sua porta: “Um sr. Parkis quer vê-lo’, indicando assim, por meio de um artigo gramatical, a condição social do meu visitante”. E quando a piada é sobre Bendrix, ficamos preocupados demais com seu estado mental para aproveitar de verdade. O primeiro sucesso de Parkis é a obtenção para Bendrix de um pedaço de

papel, no qual Sarah parece ter começado uma carta de amor. Isso provoca uma ira ciumenta em seu ex-amante. Em outros tempos, eles haviam usado “cebolas” como código para amor, uma palavra imbuída para eles de muitas camadas de significado, associação e afeto: “Já quero abandonar tudo, todos, menos você”, e cebolas, pensei, com ódio, cebolas — assim eram as coisas no meu tempo”. Há algo particularmente cômico na situação, mas saber que Bendrix começou a destruir até mesmo a memória do que ele tinha amarga a nossa capacidade de sorrir.

Não são apenas os personagens secundários que Greene desenha com particular confiança. Henry também é um pequeno milagre da criação. Ele se apresenta quase de pronto em seu “sobretudo preto de funcionário público” e seu comentário no bar sobre a garçonete — um veículo improvável para um resumo da convencionalidade: “Bonito”, comentou Henry, sem acreditar naquilo”. E no seu surto, após o confronto no clube, não precisamos saber mais que: o ar livre, sem chapéu, ele parecia ter se unido aos anônimos e despossuídos...”. Mas é o narrador, Bendrix, a joia da obra. A complexidade de sua angústia, a força de seus impulsos conflitantes, a escuridão e a amplitude de seu coração e nervos, a lógica distorcida de seus desejos (que sabemos nos pertencer igualmente), nos dão uma criação quase palpável. Greene mostra-se praticamente impecável, exceto talvez pela memória de Sarah da cicatriz de Bendrix, resultado do salvamento de um homem prestes a ser esmagado por uma parede em queda. É quase como se Greene não confiasse em nós para aceitá-lo como parte do grupo sem cavar uma garantia de “bondade”.

Em contraste gritante, Smythe não decola, e também há dificuldades com Parkis e o menino, inventados por Greene como um remédio para seu “problema” autopercebido de monotonia de tom. Em um artigo de 1935 para a *London Mercury*, Greene escreveu que “a técnica é, mais do que qualquer outra coisa, um meio de... disfarçar a deficiência”. Ficamos tentados a dizer que a técnica de Greene fica à mostra nesses casos. Ele se sentira inspirado a experimentar uma narrativa em primeira pessoa depois de ler *Grandes esperanças*, de Dickens, e ficar impressionado com a variedade de tons que Dickens foi capaz de produzir a partir de tal recurso. Mas Dickens tinha a vantagem da perspectiva impressionável de um menino de olhos arregalados, algo absolutamente distinto de um narrador taciturno e sombrio, e — mais significativamente — uma bem desenvolvida veia cômica sobre o mundo. Em Parkis, a tentativa de humor não funciona nada bem. Sua humildade está no mesmo nível de um personagem de *David Copperfield*, de Dickens: Uriah Heep. Mas é claro que Heep arranca risadas porque ele é uma víbora; Parkis é simplesmente deprimente.

Não é muito difícil perceber por que Greene se sentia, na melhor das hipóteses, ambivalente quanto ao tom do livro. Bendrix fala incessantemente sobre amor e ódio, fim e começo (pensamos nos *Quatro quartetos*, de T. S. Eliot: “Em meu princípio está meu fim” e “Em meu fim está meu começo”), e

quase não há alívio. Vez por outra, a escuridão ameaça dar lugar a um melodrama de baixo orçamento. Bendrix diz a Henry: “Eu queria que o amor fosse para sempre, que nunca arrefecesse...” e nos perguntamos se esse é o mesmo Bendrix que, momentos antes, informou amargamente ao marido de Sarah que ele não fora problema maior para Sarah e ele do que para Sarah e os outros. Em outras partes, a obsessão é transmitida com magnífico eufemismo, como ao relembrar o auge do caso: “Suponho que a essa altura a Alemanha já tivesse invadido os Países Baixos”. No fim, o persistente olhar íntimo é vitorioso, à medida que somos sugados cada vez mais fundo para o mundo de Bendrix, enfrentando a inefabilidade do desejo a partir do mesmo núcleo supurante.

O que dizer de Sarah, a santa/puta? Nós a vemos sob a perspectiva de Bendrix, uma mulher capaz de exsudar uma franqueza desarmante e, ao mesmo tempo, cobrir seus rastros adúlteros com uma praticidade tranquila. E nós — através do dispositivo do diário — a absorvemos diretamente de sua perspectiva pessoal do inferno (“Sempre quis ser querida ou admirada”) e sua luta renhida com a santidade que parece estar se lançando sobre ela (“Imagino estar pronta para a dor de Seus cravos e não suporto vinte e quatro horas de mapas e guias Michelin”). Assim como para a própria Sarah, a questão central para o leitor é esta: por que ela insiste em manter o voto de não ver Bendrix novamente, feito em um momento de crise a um Deus em que não acredita? Greene circunda essa questão abordando-a de todos os ângulos, ora por meio das conversas de Sarah com o ateu Smythe, ora por meio de seu próprio diálogo consigo mesma, e no fim dá a notícia de que ela foi na verdade “convertida” naquele momento. “Quando você entrou pela porta com o rosto ensanguentado, tive certeza. De uma vez por todas.” É o momento da revelação, mas não nos purga da insistência incômoda de que certamente, nos dois anos que se passaram, ela teria desmoronado o bastante para discutir seu dilema com o homem que amara como nenhum outro antes dele. Greene involuntariamente lança dúvidas sobre esse cenário em uma passagem não relacionada em *Ways of Escape*, na qual discute uma nova descoberta emocional que compara a uma experiência de conversão. “(Eu não havia sido convertido a uma fé religiosa. Eu havia sido convencido por argumentos específicos sobre a probabilidade de seu credo.) A experiência era muito nova para mim; não fosse, eu saberia que as conversões não duram...” Este é o enigma de Sarah e ele nos deixa com um incômodo e uma frustração que, a seu favor, talvez nos forneça um pouco dos do próprio Bendrix.

No final da história, a frustração de Bendrix não diminuiu. Ela é, de fato, intensificada quando ele encara a perspectiva “impensável” da existência de Deus, dirigindo-se a Ele com um ódio impotente. O plano original de Greene era continuar a história após a morte de Sarah pelo mesmo tanto que se passa antes e fazer Bendrix enfrentar um lento acúmulo de coincidências que o forçaria a considerar a possibilidade de um poder divino. Embora nos seja

dito que Bendrix está escrevendo a história após um intervalo de três anos, a narrativa avança apenas cinco semanas depois do funeral, e Greene não se dá realmente a chance de um acréscimo adequado de circunstâncias e detalhes. Através da aparição de sua mãe, Sarah “parece” responder à prece de Bendrix do lado de fora do crematório por uma distração (relacionada à mulher com quem ele teme ter uma noite de sexo tedioso e sem sentido). Para um homem tão decididamente sem Deus como Bendrix, é um padrão estranhamente baixo de persuasão. A mãe de Sarah aparecer no funeral dela não é nada surpreendente, diríamos nós, ímpios teimosos... Já a melhora do estado de saúde do filho de Parkis não direcionaria os pensamentos da maioria das pessoas a uma intervenção santa (com ou sem a existência de uma inscrição em um livro emprestado). A condição nervosa da pele de Smythe, que desaparece com a aplicação do cabelo de Sarah, parece ser o mais milagroso dos “milagres”, mas dificilmente chega a ser um acúmulo. Bendrix está, de qualquer forma, narrando toda a história de um futuro possivelmente dominado pela figura de Deus, mas essa informação não chega até nós (exceto por algumas sugestões calculadas) ao longo de toda a sequência de eventos. Essa perspectiva privilegiada não apenas nos dá a estrutura ousada, com seus saltos para a frente e para trás no tempo, mas também permite que Greene brinque conosco de maneiras que acrescentam bastante à profundidade e à complexidade do romance. O narrador nos conta sua história, na qual acredita orquestrar os acontecimentos, sem saber que foi dominado por forças fora do seu controle. Como olha para o passado ele está, no momento da narrativa, de posse desse conhecimento, mas opta por nos arrastar o tempo todo através dos labirintos sombrios de suas tramas e imaginações para que nós também fiquemos à mercê de um poder superior: o do escritor.

* * *

O que torna *Fim de caso* tão sedutor hoje, cinquenta anos após a primeira publicação e em um clima social muito diferente? Quero colocar duas hipóteses aqui. A primeira diz respeito ao eixo destino/livre-arbítrio, com o qual não estamos menos preocupados agora do que há meio século (talvez mais, agora que as respostas estão cada vez mais fragmentadas e complexas, girando entre o determinismo genético e o florescer de uma espiritualidade *faça você mesmo*). O romance começa apresentando uma questão aguda, mas unidimensional, acerca da liberdade do narrador de escolher suas imagens, ou antes, “foram essas imagens que me escolheram?”; tece uma rede em torno das escolhas e ilusões enfrentadas pelos personagens; e fecha num apoteótico festival de paralisia quando Bendrix compara suas criações literárias a um mundo criado por Deus:

Posso imaginar um Deus tendo sentimentos similares em relação a alguns de nós. Os santos são, pode-se supor, criadores de si mesmos, de certa maneira. Eles ganham vida. São capazes de atos ou palavras surpreendentes — existem apartados da trama, não são condicionados por ela.

Já nós precisamos de um empurrão. Teimamos em não existir, e não arredamos pé da trama; resta a Deus nos arrastar vez por outra segundo suas intenções, personagens sem poesia e sem vontade própria, cuja única importância reside no fato de que ajudamos, em algum lugar, em algum momento, a compor a cena em que um personagem vivo se move e fala, fornecendo talvez aos santos as oportunidades de exercício do *seu* livre-arbítrio.

Não precisamos ser apanhados pela angústia católica, não precisamos nos interessar pela religião para nos sentirmos envolvidos na cena. Não enfrentamos, nestes dias “globais” (política, economia, aquecimento, pobreza), nossos limites, nossa impotência — ocasionalmente, ou no mínimo quando ruminamos as coisas? Não recuamos ante nossa insignificância e a criticamos duramente?

Há outra razão, não menos fundamental, pela qual o romance resiste tão bem ao teste do tempo. No romance de 2001 de David Lodge, *Thinks...*, a heroína, Helen, comenta em seu diário já perto do final do livro: “Durante meses, alimentei a fantasia de ser Sarah... Agora me encontro praticamente na situação dela, mas sem sua fé”. De fato, existem semelhanças: adultério e segredos e diários e tensões do catolicismo. Mas as semelhanças mais profundas entre os dois livros residem no que *abordam*, e não no assunto ou nos dispositivos narrativos.

Dez anos depois de escrever *Fim de caso*, Greene escreveu sobre um arquiteto famoso que perdeu a fé em tudo, que não “sentiu absolutamente nenhuma dor em vinte anos”. Essa é a natureza de seu problema. Query, o anti-herói de *A Burnt-out Case*, desenvolve uma amizade com um médico em uma colônia de leprosos, e este pondera: “Às vezes eu penso que a busca pelo sofrimento e a lembrança do sofrimento são os únicos meios que temos para nos colocar em contato com toda a condição humana”. Poderíamos ler isso como uma redução ao cerne da obra de Greene.

Bendrix, por essa medida, certamente se mantém “em contato”. É uma medida que ele usa também para os outros. Seu primeiro sentimento de respeito por Henry se manifesta quando este está visivelmente sofrendo. “Eu não podia mais tratá-lo com indulgência: ele era um pós-graduado em tristeza.” A dor é indispensável para uma vida plenamente realizada: “a felicidade nos aniquila: perdemos nossa identidade”.

Em *Thinks...*, Lodge reformula os argumentos em torno de seu herói cientista cognitivo e da heroína romancista. O primeiro cita Darwin (“Chorar é um enigma”) e espera o dia em que um computador possa “pensar como um humano”; a última resiste até mesmo a essa possibilidade, citando a centralidade do sofrimento na experiência humana.

Para conseguir criar uma máquina que pode pensar como uma pessoa, é preciso primeiro saber como uma pessoa pensa. Nossa romancista do novo milênio mapeia os mais recentes desenvolvimentos científicos e teorias por meio de seu cientista cognitivo (“A consciência é o maior espaço em branco no mapa do conhecimento humano”), mas quando voltamos ao nosso romance do pós-guerra, descobrimos explorações não menos ousadas, nem menos relevantes. “Às vezes, não reconheço meus próprios pensamentos”,

escreve Bendrix. E suas reflexões enviam ecos através das décadas: “Estou perdido em uma região estranha: não tenho mapa. Às vezes me pergunto se existe alguma coisa de verdadeiro no que estou escrevendo aqui”.

O debate intelectual entre o casal adúltero de Lodge acaba por se resumir à enorme questão, não apenas do que significa pensar, mas do que significa *ser*. Quando a romancista pergunta ao cientista se ele quer dizer que não existe um eu, ele responde: “Não existe tal coisa, não, se você se refere a uma entidade fixa e distinta. Mas é claro que existem eus. Nós os inventamos o tempo todo. Como você inventa suas histórias”.

Greene, embora escrevendo em uma época diferente, com um conjunto distinto de pontos de referência, é sempre convincente quanto à questão do que nos constitui. Após a morte de Sarah, Bendrix luta para descobrir como nos constituímos. “Ela havia perdido todas as nossas memórias para sempre, e foi como se ao morrer tivesse me roubado parte de mim mesmo. Eu estava perdendo minha individualidade.” Quando pensa na possibilidade de um Deus, seu maior medo é que “deixaria de ser Bendrix”. Reconhecemos instintivamente o medo da perda de si mesmo, seja para Deus ou para a ciência; sabemos que, embora Bendrix afirme que sua crônica é de ódio, na verdade ela é de dúvida; e saudamos a complexidade enganosamente simples de um escritor que nunca nos dá respostas fáceis à pergunta sobre o que é ser humano.

Monica Ali, 2004

Para C.

No coração do homem, há lugares ainda por existir. Para que conheçam a existência, é preciso que neles adentre o sofrimento.

LÉON BLOY

LIVRO UM

UMA HISTÓRIA NÃO TEM começo ou fim: escolhe-se arbitrariamente um momento da experiência a partir do qual se olha para trás ou para a frente. Digo “escolhe-se” com o orgulho equivocado de um escritor profissional que, quando recebeu verdadeira atenção especializada, foi celebrado por sua habilidade técnica — mas é de fato minha própria vontade que rege a *escolha* dessa noite escura e úmida de janeiro no parque, em 1946, no momento em que vejo Henry Miles atravessando, com o tronco inclinado, a pesada torrente de chuva, ou foram essas imagens que me escolheram? É conveniente, é correto, segundo as regras do meu ofício, começar exatamente aí, mas se na época eu acreditasse em um Deus, também poderia ter acreditado em uma mão me puxando pelo braço, numa sugestão: “Fale com ele: ele ainda não viu você”.

Mas por que eu falaria com ele? Se ódio não é um termo largo demais para se usar em relação a qualquer ser humano, eu odiava Henry — e também odiava sua esposa, Sarah. E ele, imagino, passou a me odiar não muito tempo depois dos acontecimentos daquela noite — como é certo que por vezes tenha odiado sua esposa e aquele outro, em quem naqueles tempos tínhamos a sorte de não acreditar. Este é, portanto, um relato de ódio, muito mais do que um relato de amor, e se eu vier a declarar qualquer coisa em favor de Henry e Sarah, creiam-me: escrevo contra o que há de mais profundo em mim. Faz parte de meu orgulho profissional preferir a quase-verdade, ainda que expresse o meu quase-ódio.

Era estranho ver Henry fora de casa em uma noite como aquela: ele gostava do conforto que tinha e, afinal de contas, ou assim eu pensava, ele tinha Sarah. Para mim, o conforto é como a memória errada no local ou hora errados: se a pessoa está sozinha, ela prefere o desconforto. Havia conforto demais até na quitinete que eu alugava na face sul (a propósito, a errada) do parque, em meio às relíquias de um mobiliário alheio. Minha ideia era a de atravessar a chuva e beber alguma coisa ali perto. O hall, apertado e apinhado, estava cheio de chapéus e casacos de estranhos, e acabei pegando o guarda-chuva de outro por engano — o morador do segundo andar estava com visitas em casa. Fechei então a porta de vitral atrás de mim e desci com cuidado os degraus que haviam sido destruídos em 1944 e nunca reformados. Tinha motivos para me lembrar da ocasião e de como os vitrais — duros, feios, vitorianos — haviam suportado a explosão, assim como nossos próprios avós o teriam feito.

Tão logo comecei a cruzar o parque, percebi que estava com o guarda-chuva errado, pois havia um buraco nele e a chuva corria sobre a gola da minha capa. Foi nesse instante que vi Henry. Eu poderia tê-lo evitado facilmente; ele estava sem guarda-chuva e, sob a luz do poste, notei que o aguaceiro lhe cegava os olhos. As árvores pretas desfolhadas não ofereciam

proteção; estavam no entorno como canos d'água estourados, e a chuva escorria de seu chapéu duro e escuro e descia em cascatas pelo sobretudo preto de funcionário público. Se eu tivesse passado direto, ele não teria me visto, e bastava dar dois passos para além da calçada para me certificar disso, mas falei: “Henry, você nem parece você mesmo”, e vi seus olhos brilharem como se fôssemos velhos amigos.

“Bendrix”, respondeu ele com carinho, ainda que o mundo pudesse dizer que *ele*, não eu, tinha os motivos para odiar.

“O que você está fazendo na chuva, Henry?” Existem homens que nos despertam um desejo irresistível de provocar — homens cujas virtudes não compartilhamos. Ele foi evasivo: “Ah, eu queria tomar um pouco de ar”, e quando uma súbita rajada de vento e chuva soprou, ele só teve tempo de agarrar o chapéu para que não fosse arrastado aos turbilhões para a face norte.

“Como está Sarah?” Perguntei porque talvez soasse esquisito se não o fizesse, embora nada pudesse me soar mais delicioso do que ouvir que ela estava doente, infeliz, à beira da morte. Naqueles idos, tinha para mim que qualquer aflição que a acometesse aliviaria a minha própria, e que, se ela morresse, aquilo significaria minha liberdade: não teria mais razão para imaginar todas as coisas que se imaginam naquela minha situação desonrosa. Talvez até me tornasse capaz de gostar daquele coitado, daquele homem estúpido, se Sarah estivesse morta.

Ele respondeu: “Ah, ela saiu agora à noite, não sei para onde”, e desse modo botou aquele demônio que habita em mim em funcionamento outra vez, fazendo-me pensar em outras ocasiões nas quais Henry provavelmente respondera o mesmo a outros inquiridores, enquanto só eu sabia onde Sarah estava. “Que tal um drinque?”, perguntei, e para minha surpresa ele se colocou ao meu lado. Nunca antes havíamos bebido juntos fora de sua casa.

“Faz muito tempo que não vemos você, Bendrix.” Por alguma razão, sou um homem conhecido pelo sobrenome — talvez sequer precisasse de nome de batismo, dado o uso que meus amigos fazem do afetadíssimo Maurice que meus pais, com seu verniz literário, me deram.

“Bastante tempo!”

“Nossa, certamente faz... mais de um ano.”

“Junho de 1944”, especifiquei.

“Veja só... faz tempo mesmo!” Um idiota, pensei, só um idiota para não perceber nada de estranho em um intervalo de um ano e meio. Menos de quinhentos metros de grama baixa separavam nossos dois “lados”. Nunca lhe ocorrera perguntar à Sarah: “Tem notícias de Bendrix?” ou “Que tal convidarmos Bendrix para vir aqui?”. E as respostas que ela lhe dera, será que nunca tinham lhe parecido... estranhas, evasivas, suspeitas? Era como uma pedra que se joga em um lago: eu havia desaparecido por completo de suas vidas. Imagino que a ligeira agitação da água possa ter incomodado Sarah por uma semana ou um mês, mas os antolhos de Henry — estes

estavam muito bem amarrados. O ódio que sentia da cegueira de Henry já se manifestava quando eu mesmo tirava proveito dela, pois sabia que outros poderiam fazer o mesmo.

“Ela foi ao cinema?”, perguntei.

“Ah, não, ela quase nunca vai.”

“Ela tinha o costume de ir.”

O Pontefract Arms ainda ostentava a decoração de Natal, com fitas e sinos de papel, as relíquias da felicidade comercial, laranja e malva, e a jovem senhoria apoiava os seios no balcão com um olhar de desprezo pelos clientes.

“Bonito”, comentou Henry, sem acreditar naquilo, e olhou ao redor com um ar um tanto perdido, uma certa timidez, à procura de um lugar para pendurar o chapéu. Tive a impressão de que o mais próximo que ele já estivera de um *pub* havia sido a casa de carnes perto da Northumberland Avenue, onde almoçava com seus colegas de ministério.

“O que vai beber?”

“Acho que um uísque estaria na medida.”

“Também acho, mas você vai ter que se virar com rum.”

Ocupamos uma mesa e apalpamos os copos: eu nunca havia tido muito assunto com Henry. Duvido que algum dia teria me dado ao trabalho de conhecer a fundo Henry ou Sarah se, em 1939, não tivesse começado a escrever uma história que tinha um funcionário público de carreira como personagem principal. Foi Henry James quem disse, certa vez, em uma conversa com Walter Besant, que uma jovem de talento só precisava passar pelas janelas do refeitório de um quartel da Guarda e dar uma espiada dentro para escrever um romance sobre a Brigada, mas acho que em algum momento do livro ela teria considerado necessário ir para a cama com um membro da Guarda, nem que fosse só para verificar os detalhes. Não foi com Henry que fui para a cama; para ser preciso, fiz a segunda melhor coisa que poderia fazer, e na primeira noite em que saí com Sarah para jantar, tinha a fria intenção de analisar o cérebro da esposa de um funcionário público. Ela não conhecia meu intento; pensou, tenho certeza, que eu estava sinceramente interessado em sua vida familiar, e talvez tenha sido essa impressão a responsável por acender seus sentimentos por mim. A que horas Henry tomava o café da manhã?, perguntei-lhe. Ia para o escritório de metrô, ônibus ou táxi? Levava trabalho para casa à noite? Tinha uma pasta com o brasão real estampado nela? Nossa amizade floresceu a partir do interesse que eu demonstrava: ela estava muito feliz de ver que alguém levava Henry a sério. De fato, Henry era importante, mas importante como um elefante é importante — pelo tamanho do departamento que ocupava; existem alguns tipos de importância que permanecem irremediavelmente condenados à falta de seriedade. Henry era um importante secretário-assistente no Ministério da Previdência — mais tarde, do Ministério da Segurança Interna. Segurança Interna: posteriormente — naqueles momentos em que você odeia sua companheira e procura qualquer arma — passei a rir disso... Houve um

momento em que disse deliberadamente a Sarah que só havia me aproximado de Henry com o propósito de copiar, e copiar para um personagem que era o elemento cômico e ridículo em meu livro. Foi quando ela passou a não gostar do meu romance. Ela tinha uma lealdade enorme a Henry (eu jamais poderia negar isso), e naqueles momentos nebulosos, quando o demônio tomava conta do meu cérebro e me ressentia até mesmo do inofensivo Henry, eu usava o romance e inventava episódios grosseiros demais para escrever... Uma vez, quando Sarah passou uma noite inteira comigo (eu havia ansiado por aquele momento como um escritor anseia pela palavra final de seu livro), eu de repente estraguei a ocasião devido a uma palavra casual que quebrou o clima do que às vezes parecia por horas a fio um amor completo. Eu havia caído no sono, de mau humor, por volta das duas; acordei às três, e ao colocar minha mão no braço de Sarah, despertei-a. Acho que havia alimentado a esperança de restabelecer a paz entre nós, até minha vítima virar o rosto — desorientado, lindo de sono e cheio de confiança — para mim. Ela havia se esquecido da briga — e descobri, dado o seu esquecimento, uma nova razão para renová-la. Como somos tortuosos, nós, humanos — e ainda assim dizem que um Deus nos criou; mas acho difícil conceber qualquer Deus que não seja tão simples quanto uma equação perfeita, tão transparente quanto o ar. Disse a ela: “Fiquei acordado pensando no quinto capítulo. Henry mastiga grãos de café para limpar o hálito antes de uma conferência importante?”. Ela balançou a cabeça e começou a chorar silenciosamente, e é claro que fingi não entender o motivo — era uma pergunta banal, estava preocupado com o meu personagem, não era um ataque a Henry, as melhores pessoas comem grãos de café às vezes... Então continuei. Ela chorou um pouco e caiu no sono. Ela pegava fácil no sono, e cheguei até a considerar seu poder de dormir como uma ofensa a mais.

Henry tomou muito rápido sua dose de rum, enquanto seu olhar vagava com tristeza pelas fitas malva e laranja da decoração. Perguntei: “O Natal foi bom?”.

“Foi bom, muito bom”, disse ele.

“Em casa?”, Henry olhou para mim como se a inflexão que dava à palavra lhe soasse estranha.

“Em casa? Sim, claro.”

“E Sarah está bem?”

“Está.”

“Outra dose?”

“Vou lá dessa vez.”

Enquanto Henry buscava as bebidas, fui ao banheiro. As paredes estavam rabiscadas com frases do gênero “Maldito seja o senhorio e sua mulher peituda” e “A todas as putas e cafetões, uma feliz avariose e uma próspera gonorreia”. Em um instante saí de encontro às fitinhas alegres da decoração e ao tilintar dos copos. Às vezes a necessidade de conforto faz com que eu

busque nos outros um reflexo muito imediato; nessas horas, tenho um desejo enorme de acreditar nos santos e nas virtudes heroicas.

Repeti a Henry as duas frases que havia lido. Queria constrangê-lo e fiquei surpreso quando ele respondeu, sem mais: “O ciúme é uma coisa horrível”.

“Você diz, quanto ao trecho da mulher peituda?”

“As duas frases. Quando você está infeliz, você inveja a felicidade das outras pessoas.” Não era o tipo de coisa que eu esperava que ele aprendesse no Ministério da Segurança Interna. E então — na frase — o fel vaza novamente da minha pena. Um fel tão gratuito, de uma qualidade tão insossa... Se fosse capaz, escreveria com amor, mas se fosse capaz de escrever com amor, eu seria outro homem — jamais teria perdido o amor. No entanto, de repente, do outro lado da reluzente superfície azulejada da mesa do bar, senti algo, nada tão extremo quanto o amor, talvez apenas uma companhia no infortúnio. Perguntei a Henry: “Você está infeliz?”.

“Estou preocupado, Bendrix.”

“Conte.”

Penso que o rum o fez falar — ou ele estava de algum modo ciente do quanto eu sabia a seu respeito? Sarah era leal, mas em um relacionamento como o nosso fora, é impossível deixar de descobrir uma coisa ou outra... Eu sabia, por exemplo, que ele tinha uma verruga à esquerda do umbigo, porque uma marca de nascença minha lembrara Sarah disso; sabia que ele era míope, mas não usava óculos na frente de estranhos (e eu ainda era estranho o bastante para nunca tê-lo visto com eles); sabia que gostava de tomar chá às dez — eu conhecia até seus hábitos de sono. Estaria ele consciente do tanto que eu já sabia, que um fato a mais não mudaria em nada nossa relação? Ele disse: “Estou preocupado com Sarah, Bendrix”.

A porta do bar se abriu, e pude ver a chuva caindo torrencialmente contra a luz. Um homenzinho muito hilário entrou correndo e gritou: “E aí, pessoal!”, sem que ninguém respondesse.

“Ela está doente? Pensei que você tivesse dito...”

“Não, não está doente. Não me parece.” Ele olhou em torno com angústia: aquele não era o seu *ambiente*. Percebi que os brancos dos seus olhos estavam vermelhos; talvez não estivesse usando os óculos o suficiente: sempre há tanta gente desconhecida em torno, ou poderia ser consequência de lágrimas. Ele disse: “Bendrix, não posso falar aqui”, como se em algum momento tivesse tido o hábito de falar em algum lugar. “Venha para casa comigo.”

“Sarah vai voltar?”

“Acho que não.”

Paguei as bebidas e isso, mais uma vez, era sintoma do estado de perturbação de Henry: ele nunca aceitava sem renitência a generosidade dos outros. No táxi, era sempre ele quem tinha o dinheiro pronto na palma da mão, enquanto os demais fuçavam os bolsos. A chuva seguia forte sobre as

alamedas que cortavam o parque, mas a casa de Henry não ficava distante. Ele entrou usando uma chave colocada sob o vitral em formato de leque acima da porta, chamando: “Sarah. Sarah”. Eu tanto desejava quanto temia uma resposta, mas tudo permaneceu em silêncio. Ele disse: “Ela ainda está fora. Vamos para o escritório”.

Eu nunca estivera em seu escritório antes — sempre havia sido amigo de Sarah, e quando encontrava Henry, era no território de Sarah, em sua sala caótica onde nada combinava, nada era de época ou planejado, onde tudo parecia pertencer à semana em questão pois nada tinha a permissão de permanecer como vestígio de gostos ou sentimentos do passado. Lá, tudo era usado — ao passo que, no escritório de Henry, estava agora claro para mim que muito pouco sequer fora usado uma vez. Não me parecia que a coleção das obras de Gibbon tivesse sido aberta, e a coleção das obras de Scott só estava ali porque havia antes — provavelmente — pertencido ao seu pai, a exemplo da réplica do *Discóbolo* em bronze.^[1] E, no entanto, ele se mostrava mais feliz em seu escritório intocado simplesmente porque lhe pertencia: era seu território. Pensei com amargura e inveja: uma pessoa que tem a posse incontestável de algo nunca precisa usá-lo.

“Uísque?”, ele perguntou. Lembrei-me de seus olhos e me perguntei se andava bebendo mais do que antigamente. Sem dúvida os uísques que serviu vieram em generosas doses duplas.

“Por que tanta preocupação, Henry?” Fazia um bom tempo que eu havia abandonado aquele romance sobre o funcionário público de carreira: não estava mais procurando um modelo.

“Sarah é minha preocupação”, respondeu ele.

Será que eu ficaria atemorizado se ele tivesse dito aquilo, naquele tom exato, dois anos antes? Não, eu possivelmente teria ficado em êxtase: a enganação tem o poder de nos cansar às raias do desespero. Eu teria sido bastante receptivo a uma luta aberta unicamente porque poderia haver uma chance, por menor que fosse — uma chance de vencer por algum erro tático de sua parte. E nunca houve um momento em minha vida, antes ou depois, em que eu quis tanto vencer. Nunca tive um desejo tão forte, nem mesmo de escrever um bom livro.

Ele olhou para mim com aqueles olhos com as bordas vermelhas e disse: “Bendrix, estou com medo”. Eu não podia mais tratá-lo com indulgência: ele era um pós-graduado em tristeza; havíamos passado pela mesma escola e, pela primeira vez, vi nele um igual. Lembro-me de que havia sobre sua mesa uma daquelas antigas fotografias marrons, uma fotografia de seu pai, em uma moldura estilo Oxford, e olhando para ela pensei em como o retratado era ao mesmo tempo parecido com Henry (ele fora retratado nos mesmos quarenta e poucos anos do filho) e diferente dele. Não era o bigode que os afastava: era aquela confiança vitoriana, a aparência de quem está em casa no mundo e sabe se virar, e de repente senti mais uma vez aquela sensação amigável de solidariedade. Eu gostava mais de Henry do que teria gostado de seu pai (que

havia trabalhado no Tesouro). Éramos íntimos desconhecidos.

“Por que você está preocupado, Henry?”

Ele se sentou em uma poltrona como se alguém o tivesse empurrado e disse com asco: “Bendrix, sempre pensei nas piores coisas, as piores que um homem seria capaz de fazer...”. Naquela outra época, a conversa sem dúvida teria me deixado de orelhas em pé — como me era estranha, e infinitamente tediosa, a serenidade da inocência.

“Você sabe que pode confiar em mim, Henry.” Era possível, pensei, que ela tivesse guardado uma carta, embora eu tivesse escrito tão poucas. É um risco profissional que os escritores correm. As mulheres tendem a exagerar a importância de seus amantes e nunca anteveem o decepcionante dia em que uma carta indiscreta aparecerá assinalada como “Interessante” em um catálogo de autógrafos ao preço de cinco xelins.

“Dê uma olhada nisso, então”, disse Henry.

Ele me estendeu uma carta — não tinha a minha letra. “Vá em frente, leia”, prosseguiu Henry. Era de algum amigo de Henry, que escrevera: “Sugiro que o homem que você quer ajudar procure um sujeito chamado Savage. Vigo Street, 159. Segundo minha avaliação, é hábil e discreto, e seus funcionários não parecem tão asquerosos quanto esses sujeitos geralmente são”.

“Não entendi, Henry.”

“Escrevi a esse homem e disse que um conhecido meu havia pedido conselho sobre agências de detetives particulares. É terrível, Bendrix. Ele deve ter percebido o véu do fingimento.”

“Você realmente quer dizer...?”

“Não tomei nenhuma atitude com relação a isso, mas essa carta fica na minha mesa me lembrando... Parece tão bobo, não é, que eu possa confiar totalmente que ela não vai ler, embora venha aqui incontáveis vezes por dia. Eu nem chego a guardar na gaveta. E, no entanto, como posso ter certeza... ela saiu para dar uma volta, agora. Uma *volta*, Bendrix.” A chuva também havia penetrado seu impermeável, e ele segurava a ponta da manga próxima ao aquecedor a gás.

“Lamento.”

“Você sempre foi um amigo especial dela, Bendrix. Não é o que sempre dizem, que o marido é a última pessoa de fato a conhecer o tipo de mulher... Esta noite pensei, quando o vi no parque, que se eu lhe contasse, e você risse de mim, talvez eu conseguisse queimar a carta.”

Ele permaneceu ali com o braço úmido estendido, o olhar distante de mim. Nunca havia sentido tão pouca vontade de rir e, no entanto, teria até gostado de fazê-lo, se conseguisse.

Respondi: “Não é o tipo de situação da qual rimos, mesmo que seja *surreal* pensar...”.

Ele me perguntou desejosamente: “É *surreal*. Você realmente acha que sou um idiota, não é...?”

Eu teria rido com gosto um instante antes, mas agora, no entanto, quando só precisava mentir, todos os antigos ciúmes reacenderam. Serão marido e mulher uma só carne a ponto de, se odiarmos a esposa, também termos de odiar o marido? Sua pergunta me lembrava de quão fácil havia sido enganá-lo: tão fácil que ele me parecia quase conivente com a infidelidade da esposa, assim como o homem que deixa dinheiro à mostra em um quarto de hotel é conivente com o roubo, e eu o odiava pela mesma qualidade que, noutros tempos, ajudara meu amor.

Desprendia vapor da manga de seu paletó próxima ao aquecedor, e ele repetiu, ainda sem me dirigir o olhar: “Está claro que você me acha um idiota...”.

O demônio, então, tomou a palavra: “Ah, não, não acho você um idiota, Henry”.

“Quer dizer que você realmente acha que é... possível?”

“Claro que é possível. Sarah é humana.”

Ele foi tomado de indignação: “E eu que sempre pensei que você fosse amigo dela”, como se fosse eu o autor da carta.

“Claro”, repeti, “você a conhece muito melhor do que eu jamais conheci.”

“Em alguns aspectos”, disse ele, num tom triste, e eu tinha certeza de que ele estava pensando precisamente nas maneiras pelas quais eu a conhecia melhor.

“Você me perguntou, Henry, se eu o considerava um idiota. Eu apenas disse que não há nada de idiota na suposição. Eu não disse nada contra Sarah.”

“Eu sei, Bendrix. Me desculpe. Não tenho dormido bem ultimamente. Acordo no meio da noite pensando no que fazer com essa carta odiosa.”

“Queime-a.”

“Quem dera eu conseguisse.” Ele ainda a tinha em mãos e, por um instante, de fato pensei que fosse entregá-la ao fogo.

“Ou vá encontrar o sr. Savage”, sugeri.

“Mas não posso fingir para *ele* que não sou marido dela. Imagine só, Bendrix: estar sentado lá, diante de uma mesa, em uma cadeira na qual incontáveis maridos ciumentos se sentaram, contando a mesma história... Você acha que existe uma sala de espera, onde podemos ver os rostos uns dos outros quando passamos?” Que estranho, pensei; era quase possível considerar Henry um homem dotado de imaginação. Senti minha superioridade abalada e o velho desejo de provocar ressurgiu em mim. Eu disse: “Então por que você não me deixa ir, Henry?”.

“Você?” Me perguntei por um instante se não tinha ido longe demais, se até mesmo Henry não começaria a suspeitar.

“Sim”, respondi, brincando com o perigo — afinal, o que importava agora se Henry descobrisse um pouco sobre o passado? Não lhe faria mal, e talvez o ensinasse a controlar melhor a esposa. “Eu poderia fingir que sou um amante ciumento”, continuei. “Os amantes ciumentos são mais respeitáveis e

menos ridículos do que os maridos ciumentos. Eles têm um peso literário. Amantes traídos são trágicos, nunca cômicos. Veja o caso de Troilo. Não perderei meu *amour propre* quando estiver cara a cara com o sr. Savage.” A manga de Henry havia secado, mas ele ainda a segurava contra o fogo, e o pano começava a chamuscar. Ele disse: “Você realmente faria isso por mim, Bendrix?” e havia lágrimas em seus olhos, como se ele nunca tivesse esperado ou merecido essa demonstração suprema de amizade.

“Claro que sim. Sua manga está queimando, Henry.”

Ele olhou para ela como se pertencesse a outra pessoa.

“Mas isso é surreal”, disse ele. “Não sei o que me deu. Primeiro para lhe contar, depois para lhe pedir... isso. Não se pode espionar a própria esposa através de um amigo... e esse amigo fingir ser amante dela.”

“Ora, mas nada disso aconteceu”, respondi, “assim como não acontecem adultério, roubo ou fuga da artilharia inimiga. Não acontecimentos acontecem todos os dias, Henry. Fazem parte da vida moderna. Eu mesmo já cometi boa parte deles.”

Ele disse: “Você é um bom sujeito, Bendrix. Tudo de que eu precisava era uma boa conversa... para clarear as ideias”, e agora, sim, ele levou a carta à chama do gás. Depois que pousara o último fragmento no cinzeiro, eu disse: “O nome era Savage, e o endereço era Vigo Street, 159 ou 169”.

“Esqueça o assunto”, irrompeu Henry. “Esqueça o que eu lhe disse. Não tem cabimento. Tenho sentido fortes dores de cabeça ultimamente. Preciso ver um médico.”

“Isso foi a porta”, comentei. “Sarah chegou.”

“Ah”, fez ele, “deve ser a empregada. Ela foi ao cinema.”

“Não, foram os passos de Sarah.”

Ele foi à porta e a abriu, e de pronto seu rosto assumiu absurdas linhas de gentileza e afeto. Sempre me irritara com aquela resposta mecânica de Henry à presença de Sarah, porque não significava nada: não se pode acolher a presença de uma mulher sempre, ainda que se esteja apaixonado, e acreditei em Sarah quando ela me disse que eles nunca haviam se apaixonado. Havia recepção mais genuína, creio eu, em meus momentos de ódio e desconfiança. Para mim, pelo menos, ela era uma pessoa por si só: não fazia parte de uma casa como uma peça de porcelana, a ser manuseada com cuidado.

“Sa-rah”, chamou-a, “Saaaa-rah”, espaçando as sílabas com uma artificialidade insuportável.

Como posso descrevê-la a um estranho naquele instante — quando ela parou ao pé da escada no corredor e se virou para nós? Nunca fui capaz de descrever nem mesmo minhas personagens de ficção, senão pelas suas ações. Sempre me pareceu que, em um romance, o leitor deve se sentir à vontade para imaginar o personagem da maneira que quiser: não quero entregar a ele detalhes pré-fabricados. Agora, no entanto, sou traído por minha própria técnica, pois não quero nenhuma outra mulher fazendo as vezes de Sarah —

quero que o leitor veja aquela testa larga, aquela boca polposa, a conformação do crânio, mas tudo que posso transmitir é uma figura vaga que se vira, ainda vestindo a capa de chuva encharcada, dizendo: “Sim, Henry?” e em seguida “Você?”. Era assim que ela sempre me chamava: “você”. “É você?”, no telefone; “Você pode? Você vai? Você...?”, e de uma tal maneira que, como um idiota, eu sempre tinha por alguns minutos a impressão, a cada vez, de que só havia um “você” no mundo, e esse era eu.

“É bom ver você”, eu disse — esse foi um dos momentos de ódio. “Saiu para dar uma volta?”

“Saí.”

“A noite está horrível”, eu disse num tom acusatório, e Henry arrematou, com aparente inquietação: “Você está toda molhada, Sarah. Qualquer dia você vai pegar uma pneumonia por conta do frio e morrer de teimosa”.

Um clichê, com sua sabedoria popular, pode por vezes atravessar uma conversa feito uma nota premonitória, mas mesmo que então soubéssemos que ele dizia a verdade, me pergunto se algum de nós dois teria sentido qualquer angústia genuína pela ruína dela capaz de atravessar nossa inquietação, desconfiança e ódio.

NÃO SEI DIZER QUANTOS dias se passaram. A antiga agitação havia retornado e, na escuridão que ela instaurava, não se pode contar os dias mais do que um cego é capaz de perceber as nuances da luz. Decidi o que faria no sétimo ou no vigésimo primeiro dia? Passados três anos, só me resta uma vaga lembrança das vigílias nos limites do parque, vigiando a casa deles à distância, perto do lago ou sob o pórtico da igreja do século XVIII, com a esperança quase vã de ver a porta se abrir e Sarah descer aqueles degraus bem esfregados e ilesos das explosões. A hora certa nunca chegava. Os dias de chuva haviam passado, e as noites eram agradáveis e geladas, mas como uma casinha do tempo em ruínas, nem o homenzinho nem a mulherzinha saíam: nunca mais vi Henry cruzando o parque depois que a noite caía. Talvez tenha se envergonhado do que havia me contado, pois era um homem muito convencional. Escrevo o adjetivo com um escárnio de canto de boca, e no entanto, quando examino a mim mesmo, encontro apenas confiança e admiração pelo convencional, como as aldeias que se avistam da estrada por onde passam os carros, parecendo tão calmas e descansadas sob seus telhados colmados e estruturas de pedra.

Lembro-me de sonhar muito com Sarah naqueles dias ou semanas obscuros. Às vezes eu acordava com uma sensação de dor, às vezes de prazer. Se uma mulher permanece em seus pensamentos o dia todo, não há razão para sonhar com ela à noite. Eu tentava escrever um livro que simplesmente não avançava. Escrevia minhas quinhentas palavras diárias, mas as personagens nunca ganhavam vida. Muito do escrever depende da superficialidade dos dias de quem escreve. Pode-se estar preocupado com compras e declarações de imposto de renda e conversas casuais, mas o fluxo do inconsciente continua a fluir imperturbável, resolvendo problemas, planejando o que vem a seguir: a pessoa se senta vazia e desanimada à mesa, e de repente as palavras lhe vêm como que do ar: as situações que pareciam atravancadas se desatam de seu impasse fatal: o trabalho se realizou enquanto dormíamos, íamos à mercearia, conversávamos com amigos. Mas esse ódio e suspeita, esse desejo louco de destruição calava mais fundo que o livro — era nele que o inconsciente trabalhava, até que certa manhã acordei e soube, como se tivesse planejado ao longo da noite, que naquele dia eu visitaria o sr. Savage.

Como é aleatório o elenco de profissões de confiança. Temos o advogado de confiança, o médico, o padre, suponho, no caso dos católicos — e a eles eu agora acrescentava o detetive particular. O medo de Henry de passar diante dos olhos inquiridores de outros clientes era absolutamente infundado. O escritório tinha duas salas de espera e fui convidado a ocupar sozinho uma delas. Era curiosamente distinto do que se esperaria encontrar na Vigo Street: tinha um pouco do ar bolorento da recepção do escritório de

um advogado, combinado com uma seleção bastante atual de material de leitura, lembrando mais o consultório de um dentista: havia a *Harper's Bazaar*, a *Life* e várias revistas francesas de moda, e o homem que me recebeu era um pouco bem-vestido e atencioso demais. Ele puxou uma cadeira para que eu ficasse próximo à lareira e fechou a porta com muito cuidado. Eu me sentia como um paciente e suponho que fosse um paciente, doente o bastante para tentar o famoso tratamento de choque para o ciúme.

A primeira coisa que observei no sr. Savage foi sua gravata: imagino que representasse algum clube de ex-colegas de escolas de elite: em seguida, o rosto bem barbeado sob uma leve pincelada de pó e, em seguida, a testa, brilhante e tornada maior pela queda dos cabelos claros, um farol do entendimento, da empatia, da preocupação em servir bem. Percebi que, em nosso aperto de mão, ele torceu meus dedos de maneira estranha. Provavelmente era um maçom, e se eu tivesse sido capaz de lhe retribuir o cumprimento, talvez tivesse recebido condições especiais.

“Sr. Bendrix?”, começou ele. “Sente-se. Acho que essa é a cadeira mais confortável.” Ele amaciou uma almofada para mim e, solícito, permaneceu ao meu lado até que eu tivesse me acomodado em absoluto conforto sobre ela. Em seguida, puxou uma cadeira simples até o meu lado, como se fosse ouvir meu pulso. “Por favor, conte-me tudo com suas próprias palavras”, disse ele. Não consigo imaginar que outras palavras eu poderia ter usado que não as minhas. Senti-me constrangido e irritado: não estava ali para receber compaixão, mas para pagar, se pudesse, por alguma assistência concreta.

Comecei: “Não sei quanto você cobra para vigiar uma pessoa”.

O sr. Savage acariciou delicadamente a gravata listrada. Ele disse: “Não se preocupe com isso agora, sr. Bendrix. Cobro três guinéus por esta consulta preliminar, mas se não for de seu interesse contratar o serviço, não cobro nada, absolutamente nada. A melhor propaganda, você sabe”, ele introduziu o clichê como se fosse um termômetro, “é um cliente satisfeito.”

Em uma situação comum, ao menos assim imagino, todos nos comportamos de forma bastante semelhante e usamos as mesmas palavras. Eu disse: “É um caso muito simples”, e então entendi, com raiva, que o sr. Savage de fato sabia de tudo antes que eu comesse a falar. Nada do que eu tinha a dizer seria estranho ao sr. Savage, nada que ele pudesse descobrir já não teria sido descoberto tantas dezenas de vezes já naquele próprio ano. Mesmo um médico às vezes fica desconcertado com um paciente, mas o sr. Savage era um especialista que lidava com apenas uma doença, da qual conhecia cada sintoma.

Ele disse, com uma gentileza horrível: “Sem pressa, sr. Bendrix”.

Eu estava me mostrando confuso como todos os seus outros pacientes.

“Não há realmente muita coisa a dizer”, expliquei.

“Ah, esse é o meu trabalho”, disse o sr. Savage. “Apenas me dê o clima, a atmosfera. Presumo que estejamos tratando da sra. Bendrix?”

“Não exatamente.”

“Mas ela usa esse nome?”

“Não, você está entendendo tudo errado. Ela é esposa de um amigo meu.”

“E ele mandou você?”

“Não.”

“Talvez você e a dama sejam... íntimos?”

“Não. Só a vi uma vez desde 1944.”

“Receio não entender muito bem. Você disse que era um caso de vigilância.”

Eu não tinha percebido até aquele instante o tanto que ele havia me irritado. “Não se pode amar ou odiar por tanto tempo?”, explodi com ele. “Não se engane. Sou apenas mais um de seus clientes ciumentos, não pretendo ser nada diferente dos demais, apenas houve um lapso de tempo no meu caso.”

O sr. Savage pousou a mão na minha manga como se eu fosse uma criança irritadiça. “Não há nada vergonhoso no ciúme, sr. Bendrix. Sempre o saúdo como a marca do amor verdadeiro. Agora, a dama de quem estamos falando, o senhor tem motivos para supor que ela agora é... íntima de outra pessoa?”

“O marido dela acha que está sendo traído. Ela tem encontros privados e mente sobre os lugares em que esteve. Ela tem... segredos.”

“Ah, segredos, lógico.”

“Pode não ser nada, é claro.”

“Em minha longa experiência, sr. Bendrix, quase sempre é.” Como se já tivesse me tranquilizado o suficiente para prosseguir com o tratamento, o sr. Savage voltou para a mesa e se preparou para tomar notas. Nome. Endereço. Ocupação do marido. Com o lápis pronto para o registro, o sr. Savage perguntou: “O sr. Miles sabe desta consulta?”

“Não.”

“Presumo que nosso detetive não deva ser visto pelo sr. Miles.”

“Certamente que não.”

“Isso traz uma complicação.”

“Posso mostrar a ele seus relatórios depois. Eu não sei.”

“Você pode me dar algumas informações sobre a casa? Alguma criada?”

“Sim.”

“Idade?”

“Eu não saberia dizer. Trinta e oito?”

“Você não sabe se ela tem alguém que a acompanha?”

“Não sei. E também não sei o nome da avó dela.”

O sr. Savage dirigiu-me um sorriso paciente: pensei por um momento que ele tinha a intenção de deixar sua mesa e me tranquilizar novamente. “Posso ver, sr. Bendrix, que o senhor não tem experiência em investigações. Uma empregada é muito relevante. Ela pode nos contar muito sobre os hábitos de sua senhora... se estiver disposta. Você ficaria surpreso com o quanto é relevante, até mesmo para a investigação mais simples.” Naquela manhã, ele

sem dúvida provou seu ponto de vista: cobriu páginas inteiras com sua caligrafia pequena e rabiscada. A certa altura, interrompeu seu interrogatório para me perguntar: “Você se oporia, se fosse urgentemente necessário, que meu detetive fosse à sua casa?”. Eu lhe disse que não via problema, e de pronto senti como se estivesse guiando alguma infecção ao meu próprio quarto. “Se pudéssemos evitar...”

“Claro. Claro. Eu entendo”, e neste ponto ele me pareceu bastante convincente. Eu poderia ter-lhe dito que a presença de seu detetive seria como poeira sobre os móveis, manchando meus livros como fuligem, e ele não teria demonstrado surpresa ou irritação. Tenho paixão por escrever em folhas de papel almaço pautadas bem limpas — uma mancha, uma marca de chá em uma página a torna inutilizável —, e então me ocorreu a ideia fantástica de que devia manter minhas resmas de papel guardadas para o caso de receber uma visita desagradável. Eu disse: “Seria melhor se ele me avisasse...”

“Claro, mas nem sempre é possível. Seu endereço, sr. Bendrix, e seu número de telefone?”

“Não é uma linha particular. Minha senhoria tem uma extensão.”

“Todos os meus detetives são muito discretos. O senhor gostaria de receber os relatórios semanalmente ou prefere apenas receber o inquérito concluído?”

“Semanalmente. Pode nunca ser concluído. Provavelmente não há nada a ser descoberto.”

“Você tem o costume de ir ao seu médico e não encontrar nada de errado? O senhor sabe, sr. Bendrix, o fato de um homem sentir necessidade de nossos serviços quase sempre significa que há algo a ser relatado.”

Acho que tive sorte de ter que lidar com o sr. Savage. A recomendação dizia que era uma figura menos desagradável do que a média de sua profissão, mas mesmo assim achei sua confiança detestável. Pensando bem, a identificação de inocentes não pode ser um ofício respeitável — pois os amantes não são quase sempre inocentes? Os amantes não cometeram nenhum crime, estão em seu íntimo certos de que não fizeram nada de errado, “enquanto ninguém além de mim se ferir” — o velho lugar-comum está sempre na ponta da língua —, e o amor, é claro, desculpa tudo. Assim pensam os amantes, e assim eu costumava pensar, nos dias em que amei.

E quando chegamos aos custos, o sr. Savage foi surpreendentemente moderado: três guinéus por dia e despesas, “que devem ser aprovadas, é claro”. Ele as explicou para mim como “um cafezinho aqui e ali, sabe, e às vezes até um drinque”. Respondi com uma piada fajuta sobre não aprovar uísque, mas o sr. Savage não detectou o humor. “Houve um caso”, contou-me ele, “em que uma dose dupla na hora certa poupou um mês de investigação... o uísque mais barato que meu cliente já pagou.” Ele explicou que alguns de seus clientes gostavam de receber relatórios diários, mas eu lhe disse que ficaria satisfeito com um semanal.

Toda a consulta se desdobrou muito rapidamente; e quando estava para voltar à Vigo Street, ele já havia quase me convencido de que aquele era o tipo de situação que, cedo ou tarde, acometia todos os homens.

“E HÁ MAIS ALGUMA coisa de relevante que você possa me contar?” Lembro-me de ouvir o sr. Savage dizer: tanto para o detetive quanto para o romancista, o momento da reunião do material trivial é de suma importância e antecede a escolha do caminho correto. Mas como é difícil essa escolha — o momento em que o verdadeiro tema se revela. A enorme pressão do mundo exterior se abate sobre nós como uma *peine forte et dure*. Mesmo agora, quando escrevo minha própria história, o problema não muda, apenas piora: a quantidade de fatos é ainda maior, agora que não preciso inventá-los. Como posso desenterrar o personagem humano de cenas tão cruas — o jornal diário, a refeição diária, o congestionamento em direção a Battersea, as gaivotas vindo do Tâmis em busca de pão, e o início do verão de 1939 reluzindo no parque, onde as crianças conduziam seus barquinhos — um daqueles luminosos verões condenados que antecederam a guerra? Fiquei me perguntando se era capaz, caso me dedicasse bastante ao assunto, de identificar o futuro amante de Sarah na festa oferecida por Henry. Encontramo-nos pela primeira vez bebendo um xerez sul-africano ruim — pois a Espanha estava em guerra. Prestei atenção em Sarah, penso, porque ela estava feliz: eram tempos em que a sensação de felicidade vinha padecendo de uma morte lenta diante da tempestade que se aproximava. Era possível identificá-la nas pessoas bêbadas e nas crianças, raramente em outros lugares. Gostei de Sarah no ato porque ela disse que tinha lido meus livros, mas não voltou a tocar no assunto — e imediatamente me senti tratado como um ser humano, não como um escritor. Não me passava pela cabeça me apaixonar por ela. Em primeiro lugar, porque era linda, e mulheres bonitas, em especial quando também são inteligentes, despertam em mim um profundo sentimento de inferioridade. Não sei se os psicólogos já nomearam o complexo de Cophetua, mas sempre julguei difícil sentir desejo sexual sem algum senso de superioridade, mental ou física. Tudo o que observei nela naquela primeira ocasião foi sua beleza e felicidade e seu jeito de tocar as pessoas com as mãos, como se as amasse. Só consigo lembrar de uma coisa que ela me disse, além da declaração com a qual começou: “Você realmente não parece gostar de muita gente”. Talvez eu estivesse falando com desprezo sobre meus colegas escritores. Não me lembro.

Foi um ótimo verão. Não vou tentar nomear o mês exato — teria que atravessar muita dor para chegar a essa informação, mas me recordo de deixar a sala quente, repleta de gente, depois de beber muito daquele xerez horrível, e caminhar com Henry. O sol se punha do outro lado do parque e sua luz empalidecia todo o gramado. Ao longe, as casas eram as casas de uma gravura vitoriana, pequenas, desenhadas com precisão, silenciosas — ouvia-se apenas uma criança chorando ao longe. A igreja do século XVIII mais

parecia um brinquedo em uma ilha de relva — o brinquedo podia ser deixado do lado de fora, no escuro, naquele tempo seco e implacável. Era a hora em que se faziam confidências a um estranho.

Henry disse: “Poderíamos todos ser tão felizes”.

“Sim.”

Senti uma afeição enorme por ele, parado ali no parque, longe de sua própria festa, com lágrimas nos olhos. Eu disse: “Você tem uma casa adorável”.

“Foi minha mulher que a descobriu.”

Fazia uma semana que havíamos sido apresentados. Era outra festa: naquela época, ele estava no Ministério da Previdência, e eu o havia encurralado em busca de material. Dois dias depois, recebi o cartão com o convite. Soube mais tarde que Sarah pedira que ele o enviasse a mim. “Você é casado há muito tempo?”, perguntei.

“Há dez anos.”

“Achei sua esposa encantadora.”

“Ela me auxilia muito”, disse ele. Coitado. Mas por que dizer coitado? No fim das contas, não eram dele as cartas vencedoras — as cartas da gentileza, da humildade e da confiança?

“Preciso voltar”, disse ele. “Não posso deixar tudo na mão dela, Bendrix”, e pôs a mão no meu braço como se nos conhecêssemos há um ano. Teria aprendido aquele gesto com ela? O casamento faz os casais ficarem parecidos entre si. Caminhamos de volta lado a lado e, quando abrimos a porta da entrada, vi refletido no espelho de uma alcova duas pessoas se separando, como se a interromper um beijo — uma delas era Sarah. Olhei para Henry.

Ou ele não tinha visto ou não se importava — ou então, pensei, que homem infeliz ele deve ser.

O sr. Savage teria considerado aquela cena relevante? Não era, vim a saber depois, um amante que a beijava: era um dos colegas de Henry no Ministério da Previdência, cuja esposa havia fugido com um marinheiro de carreira uma semana antes. Aquele era o primeiro dia que se encontravam, e parece improvável que ele ainda fizesse parte da cena da qual eu havia sido tão firmemente excluído. O amor não leva tanto tempo assim para se dissolver.

Não teria me feito mal deixar todo esse passado em paz, pois, ao escrever sobre 1939, sinto que todo o meu ódio retorna. O ódio parece operar as mesmas glândulas que o amor — ele até produz as mesmas ações. Se não nos fosse ensinado como interpretar a história da Paixão, teríamos condições de saber, apenas pelas ações de cada um, se foi o ciumento Judas ou o covarde Pedro quem amou Cristo?

QUANDO CHEGUEI EM CASA, vindo do sr. Savage, e minha senhoria me contou que a sra. Miles havia ligado, senti a alegria que costumava sentir quando ouvia a porta da frente se fechar e os passos dela no corredor. Alimentei uma esperança louca de que ter me visto alguns dias antes não teria despertado o amor, é claro, mas ao menos um sentimento, uma memória na qual eu pudesse investir. Naquele momento, parecia-me que, se eu pudesse tê-la mais uma vez — ainda que de maneira rápida, tosca e insatisfatória —, encontraria a paz novamente: eu a teria expurgado de meu organismo, e depois a deixaria, não ela a mim.

Era estranho, depois de dezoito meses de silêncio, discar aquele número: Macaulay, 7753, e mais estranho ainda que eu o precisasse procurar em minha agenda, porque não tinha certeza do último dígito. Fiquei sentado ouvindo o toque do telefone e me perguntei se Henry havia retornado ou não do Ministério e o que deveria dizer se ele atendesse. Então percebi que já não havia nada de errado com a verdade. As mentiras haviam me abandonado, e me sentia sozinho como se elas tivessem sido minhas únicas companheiras.

A voz de uma empregada bastante treinada repetiu o número em meu tímpano. Perguntei: “A sra. Miles está?”

“Sra. Miles?”

“Não é Macaulay, 7753?”

“Sim.”

“Gostaria de falar com a sra. Miles.”

“Desculpe, aqui não tem ninguém com esse nome”, e ela desligou. Nunca tinha me ocorrido que as pequenas coisas também se alteram com o tempo.

Procurei Miles na lista telefônica, mas ainda era o número antigo — estava desatualizada há mais de um ano. Eu estava a ponto de ligar para o serviço de informações quando o telefone tocou novamente, e era a própria Sarah. Ela disse com certo constrangimento: “É você?”. Ela nunca me chamara por qualquer nome, e agora, sem seus antigos termos de afeto, ela não sabia o que dizer. Eu disse: “Sim... Bendrix”.

“Aqui é Sarah. Você não recebeu meu recado?”

“Ah, eu ia ligar para você, mas precisava terminar um artigo. Aliás, acho que não tenho seu número novo. Está na lista telefônica?”

“Não está. Ainda não. A gente se mudou. Agora é Macaulay, 6204. Eu queria te perguntar uma coisa.”

“O quê?”

“Nada muito terrível. Queria almoçar com você, só isso.”

“Claro. Eu ia adorar. Quando?”

“Que tal amanhã?”

“Não, amanhã não dá. Eu realmente tenho que terminar esse artigo...”

“Na quarta?”

“E quinta?”

“Sim”, ela respondeu, e a decepção no monossílabo era quase palpável — eis como nosso orgulho nos trai.

“Então encontro você no Café Royal à uma?”

“Está ótimo”, disse ela, e pude perceber por sua voz que falava sério. “Até quinta.”

“Até quinta.”

Fiquei sentado com o fone na mão e encarei o ódio como um homem horrível e estúpido de quem ninguém quer proximidade. Disquei o número que ela havia passado, e a ligação deve ter se completado antes que tivesse tempo de sair do lado do telefone. Eu disse: “Oi, Sarah. Pode ser amanhã, sem problemas. Tinha esquecido algo. Mesmo lugar, mesma hora”, e sentado ali, meus dedos no aparelho mudo, tendo algo pelo que ansiar, pensei comigo mesmo: Ainda lembro. Esse é o gosto da esperança.

ABRI O JORNAL SOBRE a mesa e li a mesma página repetidas vezes para não olhar para a porta. As pessoas entravam sem parar, e eu não ia me passar por um daqueles que, levantando e abaixando a cabeça, denunciavam qualquer expectativa estúpida. Ansiamos tanto pelo quê, que nos permitimos chafurdar em decepção? No jornal vespertino, lia-se o assassinato de sempre, e um embate parlamentar sobre o racionamento de chocolates e doces em geral, e ela já estava cinco minutos atrasada. Azar o meu que ela me pegou olhando para o relógio. Ouvi sua voz dizer: “Desculpe. Vim de ônibus, o trânsito estava parado”.

“O metrô é mais rápido.”

“Eu sei, mas não queria chegar tão rápido.”

Ela tinha esse costume de me desconcertar com a verdade. Quando estávamos apaixonados, eu a provocava, queria que ela me dissesse mais do que a verdade: que nosso caso nunca terminaria, que um dia nos casaríamos. Não teria acreditado nela, mas queria que as palavras saíssem de sua boca, talvez apenas para ter a satisfação de eu mesmo rejeitá-las. Mas ela nunca jogou esse jogo de faz de conta, e então de repente, inesperadamente, destruía minhas defesas com uma declaração tão doce e tão ampla... Bem me lembro de como fiquei triste uma vez, diante da sua suposição tranquila de que nossa relação acabaria, ouvindo com incrédula felicidade: “Nunca, nunca ameie um homem como amo você e nunca mais vou amar”. Bem, pensei comigo, ela não sabia disso, mas também jogava o mesmo jogo de faz de conta.

Ela se sentou ao meu lado e pediu um copo de cerveja.

“Reservei uma mesa no Rules”, comentei.

“A gente não pode ficar aqui?”

“Era onde a gente costumava ir.”

“Era.”

Talvez estivéssemos parecendo tensos em nossa interação, porque percebi que havíamos chamado a atenção de um homenzinho sentado em um sofá não muito longe. Tentei fixar os olhos nele até que ele se constrangesse, e isso não foi difícil. Tinha um bigode comprido e olhos de cervo e desviou o olhar atabalhoadamente — seu cotovelo bateu no copo de cerveja, e ficou sem saber o que fazer diante da cerveja derramada pelo chão. Lamentei a situação, porque me ocorreu que talvez tivesse me reconhecido por fotos: talvez fosse até um dos meus poucos leitores. Ele estava acompanhado de um garotinho — e que coisa cruel é humilhar um pai na presença de seu filho. O menino ficou vermelho quando o garçom veio rapidamente ao socorro da mesa, e seu pai começou a se desculpar com veemência desnecessária.

Eu disse a Sarah: “É claro, você deve almoçar onde quiser”.

“Sabe, nunca voltei lá.”

“Bom, também nunca foi seu restaurante...”

“Você vai lá sempre?”

“É conveniente para mim. Vou duas, três vezes por semana.”

Ela se levantou abruptamente e disse: “Vamos”, e de repente foi acometida de um acesso de tosse. Parecia uma tosse forte demais para seu corpo pequeno: o acesso fez suor brotar em sua testa.

“Que horror...”

“Ah, não é nada. Desculpe.”

“Um táxi?”

“Prefiro ir andando.”

Quando se sobe a Maiden Lane, do lado esquerdo, a certa altura se chega a uma entrada de estabelecimento e um gradil de bueiro, pelos quais passamos sem trocar palavra. Depois do primeiro jantar, quando a havia questionado sobre os hábitos de Henry e ela se entusiasmara com meu interesse, acabei beijando-a meio que sem jeito a caminho do metrô. Não sei por que fiz aquilo, a menos que talvez tivesse me ocorrido aquela imagem no espelho, pois não tinha intenção de transar com ela: não tinha sequer intenção de procurá-la novamente. Ela era bonita demais para me excitar com a ideia de acessibilidade.

Quando nos sentamos, um dos antigos garçons me disse: “Faz muito tempo que não vejo o senhor aqui”, e eu desejei não ter mentido para Sarah.

“Ah”, respondi, “eu almoço em casa hoje em dia.”

“E a senhora faz muito tempo também...”

“Quase dois anos”, disse ela com a exatidão que às vezes me irritava.

“Mas lembro que a senhora gostava de uma boa caneca de cerveja.”

“Você tem uma boa memória, Alfred”, e ele sorriu de prazer com a lembrança. Ela sempre tivera jeito com garçons.

A comida interrompeu nosso papo sem rumo, e só quando havíamos terminado o almoço é que ela deu a entender minimamente a razão de estar ali. “Queria almoçar com você porque queria lhe perguntar sobre Henry.”

“Henry?”, repeti, querendo que a frustração não transparecesse em minha voz.

“Estou preocupada. O que você achou dele naquela noite? Ele estava estranho?”

“Não percebi nada de errado.”

“Queria pedir a você... bom, sei que você está muito ocupado... mas se pudesse encontrá-lo de vez em quando, acho que ele está se sentindo sozinho.”

“Com você?”

“Você sabe que ele nunca me deu atenção de verdade. Faz anos.”

“Talvez ele tenha começado a se dar conta de suas ausências.”

“Não saio muito”, disse ela, “hoje em dia”, e sua tosse interrompeu convenientemente aquela linha de raciocínio. Quando o acesso acabou, já

havia pensado nos movimentos seguintes, embora não fosse de seu feitio se desviar da verdade. “Você está escrevendo um livro novo?”, perguntou. Era como um estranho falando, o tipo de estranho que se encontra em um coquetel. Nem mesmo da primeira vez, a do xerez sul-africano, ela havia cometido esse clichê.

“Claro.”

“Não gostei muito do último.”

“Foi uma luta para escrever qualquer coisa naquele momento... era a paz chegando...” E eu poderia perfeitamente ter dito a paz indo embora.

“Às vezes eu temia que você fosse voltar àquela velha ideia... a que eu detestava. Alguns homens teriam feito isso.”

“Um livro leva um ano para ser escrito. É um trabalho hercúleo demais para uma vingança.”

“Se você soubesse quão pouco tem para se vingar...”

“Bom, lógico que é uma piada. A gente se divertiu bastante... somos adultos... a gente sabia que ia acabar em algum momento. Ora, veja, podemos nos encontrar como amigos e conversar sobre Henry.”

Paguei a conta e saímos, e vinte metros rua abaixo estavam a entrada e o bueiro. Parei na calçada e disse: “Imagino que você esteja indo para a Strand”.

“Não, para Leicester Square.”

“Estou indo para a Strand.” Ela parou diante da entrada, e a rua estava vazia. “Me despeço aqui. Foi bom ver você.”

“Foi bom.”

“Quando estiver livre, é só ligar.”

Aproximei-me dela: podia sentir o gradil do bueiro sob meus pés. “Sarah”, eu disse. Ela virou a cabeça bruscamente para longe, como se procurasse ver se alguém se aproximava, checar se havia tempo... mas quando se virou de volta, a tosse a consumiu. Ela se dobrou diante da entrada e tossiu muito, deixando seus olhos vermelhos. Abrigada em seu casaco de pele, parecia um animalzinho encurralado.

“Desculpe.”

Eu disse com amargura, como se algo me tivesse sido roubado: “Isso precisa ser resolvido”.

“É só uma tosse.” Ela estendeu a mão e disse: “Até logo... Maurice”. O nome foi como um tapa. Eu respondi: “Até logo”, mas não segurei sua mão: afastei-me rapidamente, sem olhar em volta, procurando dar a impressão de estar ocupado e aliviado por ir embora, e quando ouvi a tosse começar de novo, desejei ser capaz de assobiar alguma melodia, alguma coisa alegre, desobrigada, feliz, mas não tenho ouvido para música.

QUANDO SOMOS JOVENS, DESENVOLVEMOS hábitos de trabalho que, acreditamos, durarão a vida inteira e resistirão a qualquer catástrofe. Ao longo de vinte anos, provavelmente cheguei a uma média de quinhentas palavras por dia, cinco dias por semana. Sou capaz de escrever um romance em um ano, com direito a revisão e correção do texto datilografado. Sempre fui muito metódico: quando atinjo minha cota, paro até no meio de uma cena. De tempos em tempos, durante o trabalho pela manhã, conto o que fiz e marco as centenas no manuscrito. Nenhum impressor precisa fazer uma contagem minuciosa de palavras do meu trabalho, pois lá na primeira página do texto datilografado está marcada a cifra — 83.764. Quando era jovem, nem mesmo um caso amoroso alterava meu cronograma. Um encontro tinha que começar depois do almoço, e por mais tarde que eu fosse para a cama — contanto que dormisse em minha própria cama — eu lia o trabalho da manhã e dormia pensando nele. Mesmo a guerra pouco me afetou. Uma perna coxa me deixou fora do Exército e, como eu estava na Defesa Civil, meus colegas de trabalho ficavam muito contentes por eu nunca querer os tranquilos turnos matinais. Conquistei, como resultado, uma reputação bastante questionável de entusiasmo e dedicação, quando só o que eu queria era minha escrivadinha, minha folha de papel, aquela cota de palavras pingando, lenta e metodicamente, da caneta. Precisei de Sarah para perturbar minha disciplina autoimposta. As bombas, entre aquelas primeiras incursões diurnas e as VI de 1944, conservaram seus convenientes hábitos noturnos, mas muitas vezes era apenas pela manhã que eu podia ver Sarah, pois à tarde ela nunca estava totalmente livre das amigas, que, tendo feito suas compras, gostavam de companhia e fofoca antes da sirene noturna. Às vezes ela me visitava entre duas filas e transávamos entre as do verdureiro e do açougueiro.

Mas era muito fácil voltar ao trabalho, mesmo nessas condições. Enquanto se está feliz, pode-se suportar qualquer disciplina — era a infelicidade que acabava com os hábitos de trabalho. Quando comecei a perceber quantas vezes brigávamos, quantas vezes eu a provocava com uma irritação nervosa, percebi que nosso amor estava condenado: o amor havia se transformado em um caso amoroso com um começo e um fim. Eu era capaz de nomear o momento exato em que ele começara, e certo dia soube que seria capaz de nomear a hora final. Quando ela saía de casa, não conseguia me acalmar e trabalhar: ficava repassando o que havíamos dito um ao outro: eu me inflamava e tocava as raías da raiva ou do remorso. E o tempo todo sabia que estava forçando o ritmo. Estava afastando, afastando a única coisa que amava para longe de minha vida. Enquanto podia fazer de conta que o amor duraria, eu era feliz — acho que até o convívio comigo era bom, e assim o amor durou. Mas se o amor tinha que morrer, eu queria que morresse rápido. Era como se nosso amor fosse uma criaturinha presa numa

armadilha, sangrando até a morte: eu tinha que fechar os olhos e torcer o pescoço dela.

E por todo esse tempo não consegui trabalhar. Grande parte da escrita de um romancista, como eu já disse, ocorre no inconsciente: nessas profundezas, a última palavra é escrita antes que a primeira apareça no papel. Nós lembramos, não inventamos, os detalhes de nossa história. A guerra não perturbava aquelas profundas grutas marinhas, mas agora havia algo de importância infinitamente maior para mim do que a guerra ou meu romance: o fim do amor. Era isso que consumia esse espaço agora, como uma história: o gume da palavra que a fazia chorar, que parecia ter chegado tão espontaneamente aos lábios, havia sido afiado naquelas cavernas submersas. Meu romance se atrasava, mas meu amor corria como inspiração até o fim.

Não me admira que ela não tivesse gostado do meu último livro. Foi escrito o tempo todo na contramão, sem qualquer alívio e nenhuma outra razão a não ser a de que era preciso seguir vivendo. Os críticos disseram ser a obra de um artesão: era tudo o que me restava do que havia sido uma paixão. Achei que talvez com o romance seguinte a paixão se reacendesse, que voltaria a sentir a excitação de lembrar o que nunca se sabia conscientemente, mas por toda a semana que se seguiu ao almoço com Sarah no Rules não consegui trabalhar em nada. Aí está isso de novo — o eu, eu, eu, como se essa fosse a minha história, e não a história de Sarah, Henry e, claro, daquele terceiro, que eu odiava sem ainda conhecê-lo, ou mesmo acreditar nele.

Havia tentado trabalhar de manhã, sem sucesso: bebi demais durante o almoço e perdi a tarde; após o cair da noite, fiquei sentado diante da janela com as luzes apagadas e pude ver, do outro lado do parque plano e escuro, as janelas iluminadas da face norte. Estava muito frio, e minha lareira a gás só me aquecia se eu me encolhesse perto dela, quando, então, ela queimava. Uns poucos flocos de neve revolteavam diante das lâmpadas dos postes da face sul e tocavam a vidraça da janela com dedos úmidos e grossos. Não ouvi a campainha tocar. Minha senhoria bateu na porta e disse: “Um sr. Parkis quer vê-lo”, indicando assim, por meio de um artigo gramatical, a condição social do meu visitante. Eu nunca tinha ouvido o nome, mas lhe pedi que o deixasse entrar.

Eu me perguntei onde já tinha visto aqueles olhos desconsolados, aquele longo bigode antiquado e úmido da noite lá fora. Tão logo acendi minha luminária de leitura, ele se aproximou dela, cerrando os olhos em minha direção — não conseguia me ver nas sombras. Ele perguntou: “Sr. Bendrix?”.

“Sou eu.”

Ele disse: “Sou Parkis”, como se isso pudesse significar algo para mim. Acrescentou: “Trabalho para o sr. Savage”.

“Ah, claro. Sente-se. Acenda um cigarro.”

“Oh, não, senhor”, respondeu ele, “não em serviço... exceto, é claro, para fins de disfarce e ocultação.”

“Mas você está em serviço agora?”

“De certa forma, sim, senhor. Acabo de ser rendido, senhor, por meia hora, enquanto faço meu relatório. O sr. Savage disse que o senhor preferia que fosse semanalmente... com as despesas.”

“Alguma coisa a relatar?” Eu não tinha certeza se o que sentia era decepção ou excitação.

“Não chega a ser bem uma folha em branco, senhor”, comentou, complacente, e tirou do bolso um número extraordinário de papéis e envelopes, buscando o certo.

“Sente-se, sr. Parkis. Assim não me sinto confortável.”

“Como quiser, senhor.” Sentando-se, ele pôde me ver um pouco mais de perto. “Já não vi o senhor em algum lugar antes?”

Eu havia tirado a primeira folha do envelope: era a lista de despesas, escrita em uma caligrafia bem cuidada, como se fosse a de um jovem aluno. Eu a elogiei: “Você tem uma letra bem clara.”

“É do meu filho! Faz parte do treinamento no ofício”, respondeu ele, acrescentando de pronto: “Não incluo nenhuma despesa dele, senhor, só mesmo quando o deixo na vigilância, como agora”.

“Ele está na vigilância agora?”

“Só enquanto faço meu relatório, senhor.”

“Quantos anos ele tem?”

“Passou de doze”, respondeu ele, como se o filho fosse um relógio. “Um menino pode bem ser útil e não custa nada, só um gibizinho de vez em quando. E ninguém dá por ele. Meninos meio que fazem parte do cenário.”

“Parece um trabalho estranho para um menino.”

“Bem, senhor, ele não entende o verdadeiro significado. Se fosse para invadir o quarto de uma pessoa, eu não o levaria comigo.”

Eu li:

18 de janeiro

Dois jornais vespertinos

2d.

Volta metrô

1/8d.

Café. Na Gunter's

2/—

Ele estava me observando atentamente enquanto eu lia. “A casa de chá foi mais cara do que eu esperava”, disse ele, “mas era o mínimo que eu podia consumir sem chamar a atenção.”

19 de janeiro

Metrô

2/4d.

Cervejas de garrafa

3/—

Coquetel

2/6d.

Pint de cerveja preta

1/6d.

Ele interrompeu minha leitura novamente. “A cerveja está doendo um pouco na minha consciência, senhor, porque virei um copo por descuido. Mas eu estava um pouco nervoso, já que havia algo a relatar. Sabe, senhor, às vezes há semanas de frustração, mas desta vez no segundo dia...”

Claro que me lembrava dele e de seu menino envergonhado. Li, debaixo

de 19 de janeiro (pude ver de relance que em 18 de janeiro havia apenas um registro de movimentos insignificantes): “A investigada foi de ônibus para Piccadilly Circus. Parecia agitada. Subiu a Air Street até o Café Royal, onde um cavalheiro a esperava. Eu e meu filho...”

Ele não me deixava em paz. “O senhor vai perceber que está em uma caligrafia diferente. Nunca deixo meu filho escrever os relatórios no caso de haver algo de caráter íntimo.”

“Você cuida bem dele”, eu disse.

Prossegui na leitura. “Eu e meu filho ficamos em um sofá próximo. Havia clara intimidade entre a investigada e o cavalheiro, pois se tratavam com carinhosa falta de cerimônia. Penso que a determinada altura ficaram de mãos dadas embaixo da mesa. Não pude me certificar disso, mas não se via a mão esquerda da investigada, nem a mão direita do cavalheiro, o que geralmente indica gesto dessa natureza. Depois de conversa curta e íntima, seguiram a pé até um restaurante tranquilo e isolado, conhecido por seus clientes como Rules, e, escolhendo um sofá em vez de uma mesa, pediram duas costeletas de porco.”

“As costeletas de porco são importantes?”

“Podem ser marcas de identificação, senhor, se forem consumidas com frequência.”

“Você não identificou o homem, então?”

“Você verá, senhor, se continuar a ler.”

“Bebia um coquetel no bar quando dei com o pedido das costeletas de porco, mas não consegui extrair de nenhum dos garçons, nem da senhora atrás do balcão, a identidade do cavalheiro. Embora tenha formulado minhas perguntas de maneira vaga e desinteressada, obviamente despertaram curiosidade, e achei por bem ir embora. No entanto, travando contato com o porteiro do camarim do Teatro Vaudeville, consegui manter o restaurante sob observação.”

“Como”, perguntei, “você travou contato?”

“No balcão do ‘Bedford Head’, senhor, já que os investigados estavam resguardados e dedicados às costeletas... depois acompanhei o porteiro de volta ao teatro, onde a porta que dá para o camarim...”

“Eu conheço o lugar.”

“Tentei me ater ao essencial no relatório, senhor.”

“Com razão.”

O relatório continuava: “Depois do almoço, a investigada e o acompanhante seguiram juntos até a Maiden Lane e se despediram do lado de fora de uma mercearia. Tive a impressão de que estavam sob forte emoção, e me ocorreu que poderiam estar se despedindo definitivamente, um final feliz, se assim posso dizer, para esta investigação”.

Mais uma vez, ele me interrompeu. Perguntou-me, com ar ansioso: “O senhor me perdoa o toque pessoal?”

“Claro.”

“Mesmo em minha profissão, senhor, às vezes somos tocados em nossas emoções, e me *afeiçoei* pela senhora... pela investigada em questão, quero dizer.

“Hesitei quanto a seguir o cavalheiro ou a investigada, mas decidi que as instruções a mim transmitidas não permitiam a primeira opção. Acompanhei a investigada, portanto. Ela caminhou um pouco na direção da Charing Cross Road, aparentando estar muito agitada, e entrou na National Portrait Gallery, mas ficou apenas alguns minutos...”

“Existe algo mais de importância?”

“Não, senhor. Acho que na verdade ela só estava procurando um lugar para se sentar, porque entrou logo em seguida em uma igreja.”

“Uma igreja?”

“Uma igreja católica, senhor, na Maiden Lane. Está tudo aí. Mas não para orar, senhor. Só para se sentar.”

“Mas você sabe até isso?”

“Claro, acompanhei a investigada. Ajoelhei-me alguns bancos atrás para parecer um devoto fiel, e posso lhe assegurar, senhor, que ela não orou. Ela não é católica, é, senhor?”

“Não.”

“Foi para sentar-se no escuro, senhor, até se acalmar.”

“Será que ela não estava à espera de alguém?”

“Não, senhor. Ela só ficou três minutos e não conversou com ninguém. Se cabe minha opinião, ela queria chorar um tanto.”

“É possível. Mas você está errado sobre as mãos, sr. Parkis.”

“As mãos, senhor?”

Eu me movi para que a luz tocasse meu rosto mais inteiramente.

“Nós não tocamos as mãos um do outro em nenhum momento.”

Depois de ter feito a piada, senti pena dele... senti pena de ter assustado ainda mais alguém que já era tão acanhado. Ele olhava para mim com a boca um pouco aberta, como se tivesse recebido um golpe inesperado e estivesse agora paralisado à espera da próxima estocada. Eu disse: “Imagino que esse tipo de equívoco aconteça com frequência, sr. Parkis. O sr. Savage deveria ter nos apresentado”.

“Oh, não, senhor, era minha responsabilidade”, emendou ele, consternado. Em seguida, abaixou a cabeça e ficou ali, olhando para o chapéu que estava sobre os joelhos. “Não é nada grave”, eu disse, procurando animá-lo. “Aliás, visto assim de fora, é até bem engraçado.”

“Mas estou do lado de dentro, senhor”, retrucou Parkis. Ele girou o chapéu e prosseguiu com uma voz tão melancólica e úmida quanto o parque lá fora: “Não é o sr. Savage que me preocupa, senhor. Ele é um homem muito compreensivo, tanto quanto é possível encontrar nesta profissão... o que me preocupa é o meu garoto. Ele alimentou grandes ideias a meu respeito”. Ele pescou das profundezas de sua tristeza um sorriso depreciativo e assustado. “Você sabe o tipo de leitura que fazem, senhor. Nick Carters e outros como

ele.”

“Por que isso chegaria aos ouvidos dele?”

“A gente precisa jogar limpo com um filho, senhor, e ele com certeza vai fazer perguntas. Vai querer saber como dei seguimento... pois é isso que ele está aprendendo, a dar seguimento.”

“Você não pode dizer a ele que consegui identificar o homem... só isso, e que eu não estava interessado?”

“É gentil de sua parte sugerir isso, mas o senhor tem que olhar para o todo. Não digo que não faria isso, mesmo com meu filho, mas o que ele vai pensar se algum dia vir o senhor... no decorrer da investigação?”

“Isso não será necessário.”

“Mas pode muito bem acontecer, senhor.”

“Por que não o deixa em casa dessa vez?”

“É ainda pior, senhor. Ele perdeu a mãe, e estamos em recesso escolar, e minha opção sempre foi de instruí-lo nas férias... com a aprovação total do sr. Savage. Não. Eu fiz papel de bobo desta vez, e tenho que enfrentar. Se ao menos ele não fosse tão severo, senhor, mas ele leva a sério quando cometo um erro. Certo dia o sr. Prentice — que é o assistente do sr. Savage, um homem bastante duro, senhor — disse: ‘Outra das suas comidas de bola, Parkis’, e o menino escutou. Foi o que o fez ficar ressabiado da primeira vez.” Ele se levantou com um ar de enorme resolução (quem somos nós para medir a coragem de outro homem?) e disse: “Estou gastando o tempo do senhor falando sobre *meus* problemas”.

“Gostei da conversa, sr. Parkis”, eu disse, sem ironia. “Tente não se preocupar. Seu filho vai seguir os seus passos.”

“Ele tem o cérebro da mãe, senhor”, comentou com tristeza. “Tenho que me apressar. Está frio lá fora, embora eu tenha encontrado um local bom e protegido para ele antes de vir para cá. Mas o menino é tão diligente que tenho minhas dúvidas se não se molhou... O senhor se importa de rubricar as despesas, senhor, caso esteja de acordo?”

Fiquei observando-o da minha janela, o impermeável fino de golas levantadas e o chapéu velho enfiado na cabeça. A neve havia aumentado e já sob o terceiro poste ele parecia um pequeno boneco de neve salpicado de lama. Ocorreu-me com espanto que por dez minutos eu não tinha pensado em Sarah ou em meu ciúme; havia me tornado quase humano o suficiente para pensar nos problemas de outra pessoa.

O CIÚME — AO menos sempre pensei que funcionasse assim — só existe com o desejo. Os escritores do Antigo Testamento gostavam de usar as palavras: “um Deus ciumento”, e talvez essa fosse sua maneira rude e enviesada de expressar a crença no amor de Deus pelo homem. Mas suponho que existam diferentes tipos de desejo. Meu desejo agora estava mais próximo do ódio do que do amor, e eu tinha motivos para acreditar, a partir do que certa vez Sarah me contara, que Henry já não sentia qualquer desejo físico por ela havia muito tempo. Mesmo assim, penso que naquela época ele era tão ciumento quanto eu. Seu desejo era simplesmente por companheirismo: ele se sentia pela primeira vez excluído da confiança de Sarah: estava preocupado e desesperado — não sabia o que estava acontecendo ou em vias de acontecer. Vivia numa insegurança terrível. Nesse sentido, a aflição de Henry era pior do que a minha. Eu tinha a segurança de não possuir nada. Não podia ter mais do que havia perdido, enquanto ele ainda possuía a presença dela à mesa, o som dos seus pés na escada, o abrir e fechar das portas, o beijo no rosto — duvido que houvesse muito mais do que isso agora, mas o que não significava este tanto para um homem faminto? E, talvez para piorar tudo, ele já havia desfrutado da sensação de segurança como eu jamais havia feito. Ora, no instante em que o sr. Parkis retornava atravessando o parque, ele nem sequer tinha ideia de que Sarah e eu havíamos sido amantes. E quando escrevo essa palavra, meu cérebro viaja, contra a minha vontade, irresistivelmente de volta ao ponto onde a dor começou.

Uma semana inteira se passou depois do beijo atrapalhado na Maiden Lane até eu ligar para Sarah. Ela havia mencionado no jantar que Henry não gostava de cinema, por isso ela raramente ia. A adaptação de um dos meus livros estava em cartaz no Warner e, então, em parte para “me exhibir”, em parte porque eu sentia que, por uma questão de cortesia, aquele beijo não podia simplesmente cair no vazio, em parte também porque ainda estava interessado na vida conjugal de um funcionário público, pedi a Sarah que fosse comigo. “Suponho que não adianta chamar o Henry.”

“Nem um pouco”, disse ela.

“Ele poderia jantar conosco depois?”

“Ele anda trazendo muito trabalho de volta para casa. Algum liberal de merda fará perguntas na próxima semana na Câmara a respeito das viúvas.” Não seria errado dizer, portanto, que tal liberal — se não me engano, era um galês chamado Lewis — armou para a gente naquela noite.

O filme não era bom — em alguns momentos, foi bastante doloroso ver situações que haviam sido tão reais para mim distorcidas nos clichês comezinhos da tela. Eu preferiria ter ido assistir a outra coisa com Sarah. No começo, dissera a ela: “Não foi isso que eu escrevi, sabe?”, mas era

impossível dizer aquilo a cada cinco minutos. Ela tocou minha mão num gesto compassivo, e dali em diante ficamos sentados com nossas mãos entrelaçadas no abraço inocente próprio das crianças e dos amantes. De repente e inesperadamente, por alguns minutos apenas, o filme ganhou vida. Esqueci-me de que era uma história minha, e de que enfim aquele era meu diálogo, e fiquei genuinamente comovido por uma cena curta em um restaurante barato. O amante havia pedido bife e cebolas, a garota hesitou por um instante em se servir das cebolas porque o marido não gostava do cheiro, o amante ficou magoado e zangado porque percebeu o que estava por trás da hesitação dela, o que lhe trouxe à mente o inevitável abraço quando ela voltasse para casa. A cena foi um sucesso: minha intenção havia sido transmitir o sentimento de paixão por meio de algum episódio prosaico, simples, desprovido de qualquer palavrório ou ação retórica, e funcionou. Por alguns segundos, fiquei feliz — aquilo era escrever: eu não estava interessado em mais nada no mundo. Queria ir para casa e reler a cena: queria trabalhar em algo novo; desejei — ah, desejei muito — não ter convidado Sarah Miles para jantar.

Depois — estávamos de volta ao Rules, e eles tinham acabado de trazer nossos bifés —, ela disse: “Teve uma cena que você *realmente* escreveu”.

“A das cebolas?”

“Essa mesma.” E naquele exato instante um prato de cebolas foi colocado na mesa. Eu disse a ela — sequer me passara pela cabeça desejá-la naquela noite —: “E Henry se incomoda com cebolas?”

“Sim. Não suporta. Você gosta?”

“Gosto.” Ela serviu meu prato com elas e depois o dela.

É possível se apaixonar tendo como mote um prato de cebolas? Parece improvável, mas posso jurar que foi só então que me apaixonei. Claro que não eram apenas cebolas — era aquela percepção repentina daquela mulher específica, de uma franqueza que tantas vezes mais tarde me levaria aos extremos da alegria e da infelicidade. Passei minha mão por baixo da toalha de mesa e pousei-a em seu joelho, e sua mão desceu e firmou a minha onde estava. Eu disse: “É um bom bife”, e ouvi sua resposta — “O melhor que já comi” — como se fosse poesia.

Não houve caça, não houve sedução. Deixamos metade do bom bife em nossos pratos, abandonamos um terço da garrafa de clarete e saímos para a Maiden Lane com nossos pensamentos dominados por uma só ideia. Exatamente no mesmo lugar de antes, perto da entrada e do gradil do bueiro, nos beijamos. Eu disse: “Estou apaixonado”.

“Eu também estou.”

“Não podemos ir para casa.”

“Não.”

Pegamos um táxi na estação Charing Cross e falei ao motorista que nos levasse até a Arbuckle Avenue — esse era o nome que haviam dado à Eastbourne Terrace, a fileira de hotéis que costumava dominar a lateral da

estação Paddington com seus nomes luxuosos, Ritz, Carlton e semelhantes. As portas desses hotéis estavam sempre abertas, e era possível conseguir um quarto a qualquer hora do dia por uma ou duas horas. Faz uma semana que revisitei a rua. Metade dela havia desaparecido — a metade onde ficavam os hotéis havia sido reduzida a escombros, e o lugar onde vivemos nossa primeira noite de amor era um recorte no ar. Havia sido o Bristol; havia uma samambaia num vaso no saguão, e uma gerente de cabelo azul nos mostrou o melhor quarto: um verdadeiro quarto eduardiano, com uma grande cama de casal dourada, cortinas de veludo vermelho e um espelho de corpo inteiro. (As pessoas que iam à Arbuckle Avenue nunca pediam camas de solteiro.) Lembro-me muito bem dos detalhes triviais: a gerente me perguntando se gostaríamos de passar a noite; os quinze xelins do custo do quarto para uma estada breve; o aquecedor a gás que só aceitava xelins, e nós sem nenhum; mas fora isso, mais nada: a aparência de Sarah na primeira vez ou o que fizemos, exceto que ambos estávamos nervosos e que a transa acabou sendo ruim. Não importava. Havíamos começado — esse era o ponto. Havia toda uma vida pela frente. Ah — e há uma outra coisa de que sempre me lembro. Na porta do nosso quarto (“nosso quarto”, depois de meia hora), quando a beijei de novo e falei como detestava a ideia de que ela voltasse para casa, para Henry, ela disse: “Não se preocupe. Ele está ocupado com as viúvas”.

“Odeio até a ideia de ele beijar você”, eu disse.

“Ele não vai me beijar. Não há nada que ele deteste mais do que cebolas.”

Eu a acompanhei até sua casa, do seu lado do parque. A luz brilhava sob a porta do escritório de Henry, e subimos as escadas. Na sala de estar, colocamos as mãos contra o corpo um do outro, incapazes de nos soltar. “Ele vai subir”, eu disse, “a qualquer momento.”

“Podemos ouvi-lo”, ela respondeu, acrescentando com uma lucidez terrível: “Tem um degrau que sempre range”.

Não tive tempo de tirar o casaco. Nos beijamos e ouvimos o barulho da escada, e observei com tristeza a calma no rosto dela quando Henry entrou. Ela disse: “Esperávamos que você subisse e nos oferecesse um drinque”.

Henry disse: “Claro. O que vai beber, Bendrix?”. Eu disse que não beberia; tinha trabalho a fazer.

“Mas você não me disse que nunca trabalhava à noite?”

“Ah, mas esse texto não conta. É uma resenha.”

“O livro é bom?”

“Não muito.”

“Eu gostaria de ter o seu poder de... dar nomes às coisas.”

Sarah me acompanhou até a porta e nos beijamos mais uma vez. Naquele instante eu gostava de Henry, não de Sarah. Era como se todos os homens do passado e todos os homens do futuro lançassem suas sombras sobre o presente. “O que houve?”, ela perguntou. Ela sempre lia rápido o significado por trás de um beijo, o sussurro no cérebro.

“Nada”, respondi. “Ligo para você pela manhã.”

“Seria melhor se eu ligasse”, ela sugeriu, e cuidado, pensei comigo, cuidado, veja como ela sabe conduzir uma situação dessas, e lembrei novamente da escada que sempre — “sempre” foi o termo que ela usara — rangia.

É MUITO MAIS FÁCIL transmitir a sensação de infelicidade do que a de felicidade. Tristes, parecemos cientes de nossa própria existência, ainda que sob a forma de um egoísmo monstruoso: essa dor é minha, só minha; esse nervo que se contrai pertence a mim, a mais ninguém. Já a felicidade nos aniquila: perdemos nossa identidade. As palavras do amor humano foram usadas pelos santos para descrever sua visão de Deus e, assim, suponho, podemos usar termos como oração, meditação e contemplação para explicar a intensidade do amor que sentimos por uma mulher. Também rendemos a memória, o intelecto e a inteligência, assim como experimentamos a privação, a *noche oscura* e, às vezes, uma espécie de paz como recompensa. O próprio ato de amor foi descrito como a pequena morte, e os amantes às vezes também experimentam a pequena paz. É estranho me pegar a escrever essas frases como se amasse o que em verdade odeio. Às vezes, não reconheço meus próprios pensamentos. O que sei de expressões como “a noite escura” ou de rezar, eu que conheço apenas uma oração? Eu as herdei, isso é tudo, como um marido que a morte deixa na posse inútil de roupas, cheiros e potes de creme de uma mulher... E mesmo assim *havia* essa paz...

É assim que penso naqueles primeiros meses de guerra — foi a um só tempo uma paz falsa e uma guerra falsa? Agora ela me parece ter estendido braços de conforto e segurança por todos aqueles meses de dúvida e espera, mas a paz deve, assim presumo, mesmo naquela época ter sido pontuada por mal-entendidos e suspeita. Assim como fui para casa naquela primeira noite sem nenhuma alegria, tão somente uma sensação de tristeza e resignação, voltei repetidas vezes para casa em outros dias com a certeza de que era apenas um dentre muitos homens — o amante favorito do momento. Essa mulher, a quem eu amava de forma tão obsessiva que, quando acordava durante a noite, de imediato me deparava com ela em meus pensamentos e abandonava o sono, parecia dedicar a mim todo o seu tempo. E, mesmo assim, eu não sentia confiança: eu podia ser arrogante no ato de amor, mas a sós eu precisava apenas olhar no espelho para vislumbrar a dúvida sob a forma de um rosto vincado e uma perna coxa — por que eu? Sempre havia ocasiões em que não podíamos nos encontrar: compromissos no dentista ou no cabeleireiro, recepções de Henry em casa, quando estavam os dois a sós. Não adiantava dizer a mim mesmo que em sua própria casa ela não teria oportunidade de me trair (com o egoísmo de um amante, eu já usava essa palavra como se estivesse implicado um dever inexistente) enquanto Henry trabalhava nas pensões das viúvas ou — pois logo foi transferido desse trabalho — na distribuição de máscaras de gás e na regulamentação de caixas de papelão aprovadas: eu já não sabia que, desde que houvesse desejo, era possível fazer amor nas circunstâncias mais perigosas? A desconfiança cresce com o sucesso de um amante. Ora, já em nosso segundo encontro as coisas

se deram precisamente de maneira que eu poderia ter declarado impossível.

Acordei com a tristeza de seu último conselho cauteloso ainda pairando em minha mente, e três minutos depois de acordar, sua voz ao telefone a dissipou. Nunca conheci uma mulher, antes ou depois, capaz de alterar todo um estado de espírito simplesmente falando ao telefone, e quando ela entrava em um cômodo ou colocava a mão em minha cintura, imediatamente despertava a confiança absoluta que eu perdia a cada despedida.

“Olá”, disse ela. “Estava dormindo?”

“Não. Quando vou poder ver você? Agora de manhã?”

“Henry está gripado. Ele vai ficar em casa.”

“Se você pudesse vir aqui...”

“Preciso ficar em casa para atender o telefone.”

“Só porque ele está gripado?”

Na noite anterior, havia sentido amizade e compaixão por Henry, mas ele já se tornara um inimigo, destinado a ser objeto de humilhação e ressentimento e menosprezo em segredo.

“Ele perdeu completamente a voz.”

Senti um prazer ácido diante do absurdo de seu mal-estar: um funcionário público sem voz, que sussurrava rouca e inutilmente sobre as pensões das viúvas. Eu disse: “Não tenho como ver você?”.

“Claro que tem.”

Fez-se silêncio na linha por um momento, e pensei que a ligação tivesse caído. Eu disse: “Olá, olá”, mas ela estivera pensando, apenas isso, com cuidado, sensatez, rapidez, para que pudesse me dar imediatamente a resposta correta. “À uma preciso levar o almoço de Henry na cama. Poderíamos comer sanduíches na sala de estar. Vou dizer a ele que você quer falar sobre o filme... ou sobre aquela história que está escrevendo”, e assim que ela desligou o sentimento de confiança se desconectou e eu pensei: quantas vezes antes ela havia planejado encontros exatamente daquele jeito? Quando fui à sua casa e toquei a campainha, me sentia como um inimigo — ou um detetive, pronto a pesar suas palavras da mesma forma que Parkis e seu filho observariam seus movimentos alguns anos depois. E então a porta se abriu, e a confiança voltou.

Nunca houve qualquer dúvida naqueles dias quanto a quem desejava quem — estávamos juntos no desejo. Henry estava com sua comida, sentado com dois travesseiros nas costas em seu roupão de lã verde, e na sala de baixo, no piso de madeira, com uma única almofada de apoio e a porta entreaberta, fizemos amor. Quando chegou o momento, precisei colocar minha mão suavemente sobre sua boca para abafar aquele estranho, triste e irritado grito de entrega, temendo que Henry o pudesse ouvir lá de cima.

E pensar que eu só pretendia consultá-la. Eu me agachei no chão ao lado dela e a admirei e admirei, como se talvez nunca visse aquilo novamente: o cabelo, de um castanho indeterminado, espalhado no assoalho de taco como uma poça de bebida; o suor em sua testa; a respiração pesada como se tivesse

corrido uma maratona e, como uma jovem atleta, estivesse agora deitada na exaustão da vitória.

E então a escada rangeu. Por um instante, nenhum de nós se moveu. Os sanduíches estavam empilhados na mesa, intocados; os copos não haviam sido cheios. Ela disse em um sussurro: “Ele desceu”. Sentou-se em uma cadeira e colocou um prato no colo e um copo ao seu lado.

“Ele deve ter ouvido”, eu disse, “quando passou.”

“Ele não saberia dizer o que era.”

Devo ter parecido incrédulo, pois ela explicou com uma ternura melancólica: “Pobre Henry. Isso nunca aconteceu... não em todos esses dez anos”, mas mesmo assim não estávamos tão certos de nossa segurança: ficamos lá sentados em silêncio, de ouvidos atentos, até que a escada rangeu de novo. Minha voz soou, para mim, infirme e falsa quando disse, alto demais: “Que bom que você gostou daquela cena com as cebolas”, e Henry abriu a porta e olhou para dentro. Ele carregava uma bolsa de água quente em uma capa de flanela cinza. “Olá, Bendrix”, sussurrou ele.

“Você não deveria ter se levantado para buscar isso”, disse ela.

“Não queria incomodar vocês.”

“Estávamos conversando sobre o filme de ontem à noite.”

“Espero que esteja bem à vontade”, sussurrou ele para mim. Voltou o olhar ao clarete que Sarah me servira. “Você devia ter oferecido o da safra de 1929”, suspirou em sua voz adimensional e seguiu lentamente em seu caminho de volta, agarrado à bolsa de água quente na capa de flanela. Estávamos mais uma vez sozinhos.

“Você se importa?”, perguntei a ela, e ela balançou a cabeça. Eu não sabia direito o que queria dizer; acho que tinha a impressão de que, ao ver Henry, ela pudesse vir a sentir remorso, mas ela tinha uma maneira maravilhosa de eliminar o remorso. Diferentemente de todos nós, não era assombrada pela culpa. Em sua opinião, quando se fazia qualquer coisa, feita ela estava — o remorso morria com o ato. Ela teria considerado irracional, da parte de Henry, caso tivéssemos sido flagrados, ficar com raiva por mais de um instante. Sempre se diz que, no confessionário, os católicos são libertados dos malfeitos do passado — neste ponto, você poderia sem dúvida chamá-la de católica nata, embora acreditasse em Deus tão pouco quanto eu. Ou era o que eu pensava então e me pergunto agora.

Se não consigo seguir neste livro um caminho reto, é porque estou perdido em uma região estranha: não tenho mapa. Às vezes me pergunto se existe alguma coisa de verdadeiro no que estou escrevendo aqui. Naquela tarde, senti tanta confiança quando ela me disse de repente, sem que lhe perguntasse: “Nunca ameí ninguém, nem nada quanto amo você”. Era como se, sentada ali na cadeira, com um sanduíche pela metade na mão, ela estivesse tão completamente entregue quanto havia estado, cinco minutos antes, no chão de madeira. A maioria de nós hesita em fazer declarações tão categóricas — lembramos, prevemos e duvidamos. Ela não tinha dúvidas. Só

o instante importava. É dito que a eternidade não é uma extensão, mas uma ausência do tempo, e às vezes me parecia que sua entrega tocava aquele estranho ponto matemático da infinitude, um ponto sem largura, que não ocupava espaço. De que importava o tempo — todo o passado e os outros homens que ela talvez de tempos em tempos (aí está essa palavra novamente) tivesse conhecido, ou todo o futuro em que ela pudesse fazer a mesma afirmação com o mesmo senso de verdade? Quando respondi que também a amava dessa forma, eu era o mentiroso, não ela, pois nunca perco a consciência do tempo: para mim o presente nunca está aqui: sempre é o ano passado ou a próxima semana.

Ela não mentia nem mesmo quando disse: “Mais ninguém. Nunca mais”. Existem contradições no tempo, só isso, que não existem no ponto matemático. Ela tinha muito mais capacidade de amar do que eu — eu não conseguia baixar aquela cortina naquele momento, não conseguia esquecer e não conseguia *não* temer. Mesmo no momento de amor, eu era como um policial reunindo evidências de um crime que ainda não havia sido cometido, e quando, mais de sete anos depois, abri a carta de Parkis, as evidências estavam todas lá na minha memória para aumentar minha amargura.

“CARO SENHOR”, DIZIA A carta, “fico feliz em poder informar que eu e meu filho fizemos contato amistoso com a doméstica do número 17. Isso permitiu que a investigação prosseguisse com mais rapidez, porque às vezes posso dar discretamente com os olhos na agenda da investigada e, assim, antecipar-lhe os movimentos, além de inspecionar diariamente o conteúdo da cesta de lixo da investigada, da qual aqui incluo uma interessante amostragem. Favor devolvê-la com observações. A investigada também conserva um diário e o faz há alguns anos, mas até aqui a doméstica (a quem doravante me referirei, para maior segurança, como minha amiga) ainda não conseguiu colocar as mãos nele, visto que a investigada conserva o dito trancado a sete chaves, o que pode ou não ser uma circunstância suspeita. Além das importantes amostras anexadas a este documento, a investigada parece gastar demasiado tempo não honrando os compromissos marcados em sua agenda, que deve ser entendida como um subterfúgio; ainda que eu pessoalmente não esteja disposto a lançar sombras ou parcialidades em uma investigação desta ordem, na qual precisão e verdade são desejadas para o bem de todas as partes.”

Não somos feridos apenas pela tragédia: o grotesco também carrega armas, risíveis, humilhantes. Houve momentos em que desejei amassar os relatórios erráticos, evasivos e ineficientes do sr. Parkis e fazer com que os engolissem página a página na presença daquele filho dele. Era como se, em minha tentativa de enredar Sarah (mas com que propósito? Para machucar Henry ou para me machucar?), eu tivesse deixado um palhaço invadir nossa intimidade. Intimidade. Até mesmo essa palavra cheira aos relatórios do sr. Parkis. Não teria ele escrito a certa altura: “Embora eu não tenha evidência direta de ter se consumado intimidade no número 16 da Cedar Road, é certo que a investigada demonstrou intenção de enganar”? Mas isso foi depois. Nesse relatório dele, fui unicamente informado de que, em duas ocasiões nas quais Sarah havia anotado idas ao dentista e à costureira, não comparecera a nenhum dos compromissos, se é que eram de fato compromissos; ela havia despistado a perseguição. E depois, virando a página do documento ridículo produzido pelo sr. Parkis, escrito em tinta malva e papel barato, com sua caligrafia esqualida traçada a pena Waverley, encontrei a letra clara e forte da própria Sarah. Não imaginava que a reconheceria passados quase dois anos.

Era apenas um pedaço de papel preso ao verso do relatório, assinalado com um A grande, a lápis vermelho. Debaixo do A, o sr. Parkis havia escrito: “Importante, em vista de eventual processo, que todas as provas documentais sejam devolvidas para arquivamento”. O pedaço de papel havia sido resgatado da cesta de lixo e alisado com cuidado, como se feito pela mão de um amante. E decerto tinha por destinatário um amante: “Não tenho necessidade de escrever ou falar com você, antes que eu fale você já sabe

tudo o que quero dizer, mas quando amamos, sentimos a necessidade de usar os métodos antigos desde sempre usados. Sei que estou apenas começando a amar, mas já quero abandonar tudo, todos, menos você: só o medo e o hábito me impedem. Querido...”. Não havia nada mais. Sua caligrafia me encarava com força, e era impossível deixar de pensar em como eu havia esquecido cada linha de todos os bilhetes que ela alguma vez me dirigira. Será que os teria guardado se confessassem tão completamente seu amor? Não foi por medo de eu ficar com eles que ela sempre tivera o cuidado de escrever para mim, como dizia, “nas entrelinhas”? Mas este último amor havia estourado a jaula do fraseado. Recusara-se a ser conservado à sombra das frases, longe dos olhos. Havia uma palavra-código de que me lembrava: “cebolas”. Essa palavra ganhara a discreta função, em nossa correspondência, de representar nossa paixão. O amor havia se transformado em “cebolas”; as “cebolas” referiam até mesmo o próprio ato. “Já quero abandonar tudo, todos, menos você”, e cebolas, pensei, com ódio, cebolas — assim eram as coisas no meu tempo.

Rubriquei um “Nada a comentar” abaixo do pedaço de papel, devolvi-o a um envelope e o enderecei ao sr. Parkis, mas, quando acordei durante a noite, vi-me capaz de recitar todo o bilhete para mim mesmo, e a palavra “abandonar” ganhava a mais variada concreção física. Fiquei deitado sem conseguir dormir, enquanto lembranças em série me fustigavam de ódio e desejo: o cabelo dela espalhado no chão de taco e a escada rangendo; um dia no campo, em que nos deitáramos em uma vala, às escondidas dos olhos de quem passava pela estrada, quando pude ver o brilho do orvalho congelado na folhagem de seu cabelo sobre o chão duro, e um trator passou por nós quando chegávamos ao clímax, sem que o motorista nos dirigisse o olhar. Por que o ódio não mata o desejo? Eu teria dado qualquer coisa para dormir. Eu teria me comportado como um moleque se tivesse acreditado na possibilidade de um substituto. Mas houve um tempo em que tentara encontrar um substituto e não funcionara.

Sou um homem ciumento — parece estúpido escrever essa declaração no que é, suponho, um longo relato de ciúme, ciúme de Henry, ciúme de Sarah e ciúme daquele outro a quem o sr. Parkis perseguia tão desajeitadamente. Agora que tudo isso pertence ao passado, sinto meu ciúme de Henry apenas quando as memórias se tornam particularmente vívidas (porque juro que, se tivéssemos nos casado, ela com sua lealdade e eu com meu desejo, poderíamos ter sido felizes pelo resto da vida), mas ainda permanece o ciúme de meu rival — palavra melodramática e dolorosamente inadequada para expressar a insuportável complacência, confiança e sucesso de que ele sempre desfrutava. Às vezes acho que ele nem me reconheceria como parte do quadro geral e sinto um desejo enorme de chamar-lhe a atenção para mim, de gritar em seu ouvido: “Você não pode me ignorar. Estou aqui. Não importa o que tenha acontecido depois — Sarah me amou lá atrás”.

Sarah e eu costumávamos ter longas discussões sobre o ciúme. Eu tinha

ciúme até do passado, do qual ela me falava com franqueza à medida que lhe ocorria — os casos que nada haviam significado (exceto possivelmente o desejo inconsciente de encontrar aquele espasmo final que Henry tão lamentavelmente fracassara em provocar). Ela era tão leal a seus amantes quanto a Henry, mas o que a mim deveria ter proporcionado algum conforto (pois, sem dúvida, ela seria leal a mim também) me exasperava. Houve um tempo em que ela ria da minha irritação, simplesmente se recusando a acreditar que era genuína, assim como se recusava a acreditar em sua própria beleza, e eu ficava igualmente irritado por ela se recusar a ter ciúmes do meu passado ou do meu possível futuro. Recusava-me a acreditar que o amor pudesse assumir qualquer outra forma que não a minha: media o amor pela extensão do meu ciúme, e por esse padrão, é claro, ela não poderia me amar de forma alguma.

As discussões sempre tomavam a mesma forma, e descrevo apenas uma ocasião em particular porque ali a discussão terminou em ação — uma ação estúpida que não levou a coisa alguma, exceto a essa dúvida que sempre me acomete quando começo a escrever, a sensação de que afinal ela talvez estivesse certa e eu errado.

Lembro-me de dizer com raiva: “Isso é só um resquício de sua velha frigidez. Uma mulher frígida nunca sente ciúme, você simplesmente ainda não aprendeu a sentir as emoções humanas comuns”.

Irritou-me que ela não contra-argumentasse. “Você pode estar certo. Só estou dizendo que quero que você seja feliz. Detesto sua infelicidade. Não me importo com nada que você faça que te deixe feliz.”

“Você só quer uma desculpa. Se eu for para a cama com outra pessoa, você sente que pode fazer o mesmo... a qualquer hora.”

“Nada disso. Eu quero que você seja feliz, só isso.”

“Você me ajudaria, se fosse o caso?”

“Talvez.”

A insegurança é o pior sentimento dos amantes: às vezes, mesmo o casamento mais inosso e sem desejo parece melhor. A insegurança distorce os significados e envenena a confiança. Em uma cidade minuciosamente sitiada, cada sentinela é um traidor em potencial. Mesmo antes dos dias do sr. Parkis, eu tentava investigá-la: eu a pegava em pequenas mentiras, evasivas que não significavam nada, exceto seu medo de mim. Cada mentira, eu amplificava e a transformava em traição, e mesmo na declaração mais objetiva e clara eu lia significados ocultos. Como eu não conseguia suportar a ideia de ela sequer tocar outro homem, esse era meu temor constante, e via intimidade mesmo no movimento de mão mais casual.

“Você não gostaria que eu fosse feliz, em vez de infeliz?”, perguntou ela com uma lógica insuportável.

“Prefiro estar morto ou vê-la morta”, disse eu, “do que com outro homem. Não sou excêntrico. O que sinto é o amor humano comum. Pergunte a qualquer um. Todos diriam o mesmo... se de fato amassem.” Eu a provoqueei.

“Qualquer um que ama é ciumento.”

Estávamos no meu quarto. Havíamos chegado a uma hora segura do dia, uma tarde de fim de primavera, para fazer amor; finalmente, tínhamos horas pela frente, mas desperdicei tudo numa briga e não havia amor que pudéssemos fazer. Ela sentou-se na cama e disse: “Sinto muito. Não queria deixá-lo com raiva. Gostaria de crer que você está certo”. Mas eu não a deixaria em paz. Eu a odiava porque queria pensar que ela não me amava: queria extirpá-la do meu organismo. Que ressentimento, eu me pergunto hoje, eu alimentava contra ela, quanto a ela me amar ou não? Ela havia sido leal a mim por quase um ano, havia me dado muito prazer, havia aguentado meus maus humores, e o que eu tinha dado a ela em troca além do prazer momentâneo? Eu tinha entrado naquele caso de olhos abertos, sabendo que um dia acabaria, e no entanto, quando a sensação de insegurança, a crença lógica no futuro desprovido de esperança me sobreveio sob a forma da melancolia, eu a atormenti sem descanso, como se quisesse trazer o futuro como um convidado indesejado e prematuro e colocá-lo diante da porta. Meu amor e medo agiam como consciência. Se acreditássemos no pecado, nosso comportamento dificilmente teria sido diferente.

“Você sentiria ciúme de Henry”, eu disse.

“Não. Impossível. Não faz sentido.”

“Se você visse seu casamento ameaçado...”

“Jamais aconteceria”, disse ela com tristeza, e interpretei suas palavras como um insulto e saí imediatamente e desci as escadas e fui para a rua. Será este o fim, pensei, encenando-o para mim mesmo? Não há necessidade alguma de voltar. Se conseguir tirá-la do meu organismo, será que não sou capaz de encontrar em algum lugar um casamento pacífico e carinhoso que dure indefinidamente? Nesse caso, talvez, eu não sentisse ciúme porque não amaria o suficiente: estaria apenas seguro, e minha autopiedade e meu ódio andariam de mãos dadas no parque ao cair da noite como dois loucos sem um cuidador.

Quando comecei a escrever, disse que essa era uma história de ódio, mas não estou convencido. Talvez meu ódio seja realmente tão deficiente quanto meu amor. Acabei de erguer os olhos da página e deparei-me com meu próprio rosto em um espelho perto da mesa, e pensei: essa é mesmo a cara do ódio? Pois me lembrei daquele rosto que todos nós já vimos na infância, olhando para nós da vitrine da loja, as feições embaçadas com nossa respiração, enquanto olhamos com desejo latente para os objetos brilhantes e inalcançáveis do lado de dentro.

Essa discussão deve ter vindo à tona em algum momento de maio de 1940. A guerra nos havia ajudado de muitas maneiras, e foi assim que quase cheguei a considerá-la, em relação ao meu caso (colocava deliberadamente a soda cáustica da palavra “caso”, com sua sugestão de um começo e um fim, sobre a minha língua), uma cúmplice pouco confiável e de má reputação. Suponho que a essa altura a Alemanha já tivesse invadido os Países Baixos: a

primavera, como um cadáver, tinha o cheiro adocicado da desgraça, mas nada importava para mim, exceto dois fatos práticos: Henry havia sido transferido para a Segurança Interna e trabalhava até tarde, minha senhoria havia se mudado para o porão temendo ataques aéreos, e não mais se colocava à espreita no andar de cima vigiando o corrimão em busca de visitantes indesejáveis. Em razão da minha perna coxa (tenho uma perna um pouco mais curta que a outra, resultado de um acidente na infância), minha própria vida não se havia alterado em nada; somente quando os ataques aéreos começaram achei necessário me tornar um fiscal.^[2] Por ora, era como se eu tivesse sido dispensado da guerra.

Naquela noite, eu ainda estava cheio de ódio e desconfiança quando cheguei à Piccadilly. Mais do que qualquer coisa no mundo, eu queria ferir Sarah. Queria levar uma mulher comigo para casa e deitar com ela na mesma cama em que havia feito amor com Sarah — era como se eu soubesse que a única maneira de machucá-la era me machucar. A essa altura, estava escuro e silencioso nas ruas, embora no céu sem luar se movessem as manchas e os feixes dos holofotes. Não se conseguia ver os rostos onde as mulheres ficavam nas portas e na boca de refúgios desusados. Elas tinham que sinalizar com suas lanternas como pirilampos. Por todo o caminho até a Sackville Street, as luzinhas acendiam e apagavam. Eu me perguntei o que Sarah estaria fazendo naquele momento. Teria ido para casa ou estava esperando a possibilidade de meu retorno?

Uma mulher acendeu a lanterna e disse: “Quer vir para casa comigo, querido?”. Balancei a cabeça e continuei andando. Mais adiante na rua, uma menina conversava com um homem: quando iluminou o rosto para ele, vislumbrei juventude, uma pele morena e feliz e ainda não maltratada: um animal que ainda não reconhecia o seu cativeiro. Passei e depois voltei pela rua em direção a eles; quando me aproximei, o homem a deixou e falei. “Que tal uma bebida?”, perguntei.

“Vem comigo pra casa depois?”

“Sim.”

“Vou gostar de alguma coisinha rápida.”

Entramos no pub no fim da rua e pedi dois uísques, mas enquanto ela bebia não conseguia apagar o rosto de Sarah de seu rosto. Ela era mais jovem do que Sarah, era impossível que tivesse mais de dezenove anos, era mais bonita, talvez se pudesse dizer menos maltratada, mas apenas porque havia muito menos para maltratar — descobri que não a queria mais do que queria a companhia de um cachorro ou um gato. Ela estava me dizendo que tinha um bom apartamento de último andar, a poucas casas dali: me disse qual era o aluguel e qual era sua idade e onde havia nascido e como tinha trabalhado por um ano em um café. Disse que não ia para casa com qualquer um que conversasse com ela, mas percebeu imediatamente que eu era um cavalheiro. Disse que tinha um canário chamado Jones, assim batizado em homenagem ao cavalheiro que o dera a ela. Começou a falar da dificuldade de conseguir

cardo-morto em Londres. Pensei: se Sarah ainda estiver em minha casa, posso ligar. Ouvi a garota me perguntar se, caso eu tivesse um jardim, às vezes me lembraria de seu canário. Ela disse: “Você não liga de eu perguntar, né?”.

Examinando-a por cima do meu uísque, pensei em como era estranho não sentir qualquer desejo por ela. Foi como se de repente, depois de todos os anos promíscuos, eu tivesse crescido. Minha paixão por Sarah havia destruído a mera luxúria para sempre. Nunca mais seria capaz de desfrutar de uma mulher sem amor.

E, no entanto, certamente não fora o amor que me trouxera ao pub; eu tinha dito a mim mesmo, enquanto atravessava o parque, que era ódio, como ainda digo a mim mesmo, ao escrever este relato sobre ela, tentando tirá-la do meu organismo para sempre, pois sempre disse a mim mesmo que se ela morresse, eu poderia esquecê-la.

Saí do pub, deixando a garota com seu uísque ainda por acabar e uma nota de uma libra como bálsamo para seu orgulho, e subi a New Burlington Street até achar uma cabine telefônica. Eu não tinha lanterna e fui forçado a acender fósforo após fósforo até conseguir completar a discagem do meu número. Então ouvi o toque e pude imaginar o telefone em cima da minha mesa e eu sabia exatamente quantos passos Sarah teria que dar para alcançá-lo se estivesse sentada em uma cadeira ou deitada na cama. E ainda assim o deixei tocar na sala vazia por meio minuto. Depois telefonei para a casa dela, e a empregada me disse que ainda não tinha retornado. Pensei nela andando a esmo pelo parque na escuridão total — não era um lugar muito seguro naquela época, e olhando o meu relógio, pensei: se eu não tivesse sido um idiota, ainda teríamos três horas juntos. Voltei para casa sozinho e tentei ler um livro, mas o tempo todo ficava com os ouvidos atentos a um telefone que nunca tocava. Meu orgulho me impedia de telefonar para ela novamente. Por fim fui para a cama e tomei uma dose dupla de remédio para dormir, de modo que a primeira coisa a surgir diante de mim pela manhã foi a voz de Sarah ao telefone, falando comigo como se nada tivesse acontecido. Foi como ter recobrado uma paz perfeita, até que desliguei o fone e imediatamente o demônio que habitava meu cérebro me fez pensar que o desperdício daquelas três horas não havia significado absolutamente nada para ela.

Nunca entendi por que as pessoas que conseguem engolir a enorme improbabilidade de um Deus pessoal ficam perplexas com a ideia de um Demônio pessoal. Conheço muito intimamente a maneira como esse demônio atua em minha imaginação. Nenhuma declaração que Sarah já fizera servira de prova contra suas maliciosas dúvidas, embora ele geralmente esperasse até ela sair para lhes dar forma. Ele incitava nossas brigas muito antes que ocorressem: não era tanto o inimigo de Sarah quanto o inimigo do amor — e não é isso que o diabo deve ser? Consigo conceber que, se existisse um Deus que amasse, o diabo seria levado a destruir até a mais

fraca, a mais falha imitação desse amor. Ele não temeria que o hábito do amor se consolidasse, e não tentaria nos fazer cair na armadilha da traição para assim ajudá-lo a extinguir o amor? Se existe um Deus que nos usa e produz seus santos a partir da matéria de que somos feitos, o diabo também pode ter suas ambições; ele pode inclusive ter a pretensão de preparar uma pessoa como eu, ou mesmo como o pobre Parkis, para que ocupemos o lugar de seus santos, prontos para destruir com fanatismo emprestado o amor onde quer que o encontremos.

POIS JULGUEI TER OBSERVADO no relatório seguinte de Parkis um entusiasmo genuíno pelo jogo do diabo. Enfim ele havia realmente farejado o amor e agora o perseguia, com o filho em seus calcanhares como um cão de caça. Ele havia descoberto onde Sarah vinha passando tanto tempo: mais do que isso, ele sabia com certeza que as visitas eram sub-reptícias. Tive de tirar o chapéu para o sr. Parkis: ele havia se provado um detetive astuto. Havia combinado, com a ajuda do filho, de levar a empregada dos Miles para fora de casa bem no momento em que a “investigada” descia a Cedar Road em direção ao nº 16. Sarah parou e falou com a empregada, que estava em dia de folga, e a empregada a apresentou ao jovem Parkis. Então Sarah continuou e dobrou a esquina seguinte, onde o próprio Parkis estava esperando. Ele a viu caminhar um pouco e depois voltar. Quando ela percebeu que a empregada e o jovem Parkis haviam sumido de vista, tocou a campainha do nº 16. O sr. Parkis então começou a trabalhar para verificar os habitantes do nº 16. Não foi tão fácil, pois a casa estava dividida entre diferentes inquilinos, e ele ainda não tinha como saber qual das três campainhas Sarah havia tocado. Prometeu um relatório final em alguns dias. Tudo o que precisava fazer, na próxima vez em que Sarah seguisse naquela direção, era adiantar-se e polvilhar as três campainhas com pó. “Não há, é claro, além da evidência A, qualquer prova de má conduta da investigada em questão. Se, com base na solidez desses relatórios, tais provas forem exigidas para a instauração de processos judiciais, pode ser necessário, após intervalo adequado, acompanhar a investigada apartamento adentro. Uma segunda testemunha, que possa identificar a investigada, seria necessária. Não é preciso pegar a investigada em flagrante; certa agitação e um desarranjo de roupas podem ser considerados suficientes pelas cortes.”

O ódio é muito parecido com o amor físico: tem suas crises e, depois, seus períodos de calma. Pobre Sarah, consegui pensar, lendo o relatório do sr. Parkis, pois aquele momento havia sido o orgasmo do meu ódio, e já me sentia aplacado. Eu podia sentir pena dela, cercada como estava. Ela não havia feito mais do que amar, e ali estavam Parkis e seu filho lhe observando cada movimento, conspirando com sua empregada, colocando pó em campainhas, planejando invasões violentas no que talvez fosse a única paz de que ela desfrutava atualmente. Estava pensando em rasgar o relatório e dispensar os espões. Talvez eu o tivesse feito se não tivesse, no clube decadente a que pertencia, aberto um exemplar da *Tatler* e visto a fotografia de Henry. Ele era bem-sucedido agora: na última Celebração de Aniversário do Rei, havia recebido um C.B.E.^[3] por seus serviços no Ministério; havia sido nomeado presidente de uma Comissão Real; e lá estava ele na noite de gala de um filme britânico chamado *The Last Siren*, pálido e de olhos esbugalhados à luz do flash, com Sarah apoiada em seu braço. Ela tinha

abaixado a cabeça para escapar do flash, mas eu reconhecia aquele cabelo denso e nodoso que prendia ou resistia à passagem dos dedos. De repente, tive vontade de estender a mão e tocá-la, ter nos dedos os cabelos de sua cabeça e os cabelos secretos, queria ela deitada ao meu lado, queria poder virar a cabeça no travesseiro e conversar com ela, queria o cheiro e gosto quase imperceptíveis de sua pele, e lá estava Henry encarando a câmera do fotógrafo da imprensa com a paciência e a segurança de um chefe de departamento.

Sentei-me sob uma cabeça empalhada de veado, presente de sir Walter Besant em 1898, e escrevi para Henry. Escrevi que tinha algo importante a tratar com ele e se almoçaria comigo — ficava à sua escolha o dia durante a próxima semana. Não causou qualquer surpresa o telefonema quase imediato de Henry me convidando para um almoço — nunca conheci um homem que fosse um convidado mais inquieto. Não consigo lembrar exatamente qual foi a desculpa, mas ela me irritou. Talvez tenha comentado algo sobre seu próprio clube ter um vinho do porto particularmente bom, mas o verdadeiro motivo era que o senso de obrigação o exasperava — até mesmo a pequena obrigação de uma refeição grátis. Ele mal imaginava o quão pequena sua obrigação seria. Escolhera um sábado, e nesse dia meu clube está quase vazio. Os repórteres não têm jornal para produzir, os inspetores escolares foram para casa em Bromley e Streatham, nunca sei bem o que acontece nesse dia com o clero — talvez fiquem em casa para preparar seus sermões. Quanto aos autores (para os quais o clube havia sido fundado), quase todos estão pendurados na parede — Conan Doyle, Charles Garvice, Stanley Weyman, Nat Gould, com um rosto ocasional mais ilustre e familiar: os vivos é possível contar nos dedos de uma mão. Sempre me senti em casa no clube porque há muito pouca probabilidade de encontrar um colega escritor.

Lembro que Henry escolheu um filé à Viena — era um índice de sua inocência. Creio que ele, de fato, não tivesse ideia do que estava pedindo e esperasse algo como um escalope vienense. Jogando fora de seus domínios, ele se sentiu muito pouco à vontade para comentar o prato, mas deu um jeito de empurrar a mistura rosa e encharcada goela abaixo. Lembrei-me daquela aparência pomposa diante dos flashes das câmeras e não fiz nenhuma tentativa de adverti-lo quando escolheu um pudim Cabinet. Durante a refeição horrorosa (o clube aquele dia se superou), conversamos elaboradamente sobre nada. Henry fez o possível para dar uma aparência de confidencialidade de gabinete aos procedimentos de uma Comissão Real que eram relatados diariamente na imprensa. Fomos para o salão tomar um café e nos vimos inteiramente sozinhos ao lado da lareira, em um desperdício de sofás pretos de crina de cavalo. Pensei em como os chifres espalhados pelas paredes eram adequados à situação, e ao colocar meus pés no guarda-fogo antiquado preendi Henry firmemente em seu canto. Mexi meu café e perguntei:

“Como está Sarah?”.

“Muito bem”, respondeu Henry, evasivo. Ele provou seu porto com cuidado e desconfiança: não havia se esquecido, suponho, do filé à Viena.

“Você ainda está preocupado?”, perguntei.

Ele desviou o olhar, infeliz. “Preocupado?”

“Você estava preocupado. Você me disse isso.”

“Não me lembro. Ela está muito bem”, explicou ele fracamente, como se eu estivesse me referindo à saúde dela.

“Você chegou a consultar aquele detetive?”

“Eu esperava que você tivesse esquecido isso. Eu não estava bem... veja, havia toda essa questão da Comissão Real em andamento. Eu estava sobrecarregado.”

“Você se lembra que me ofereci para vê-lo por você?”

“Nós dois devíamos estar um pouco cansados.” Ele olhou para os velhos chifres no alto, apertando os olhos na tentativa de ler o nome do doador. Ele disse estupidamente: “Parece que vocês têm uma porção de cabeças”. Não era minha intenção deixá-lo escapar. Disparei: “Fui vê-lo alguns dias depois”.

Ele pousou o copo e disse: “Bendrix, você absolutamente não tinha o direito...”.

“Estou pagando todas as despesas.”

“É de uma petulância infernal.” Ele se levantou, mas eu o tinha acuado de forma que não seria capaz de passar sem um ato de violência, e violência não fazia parte do caráter de Henry.

“Decerto que você gostaria de ver as coisas esclarecidas?”, eu disse.

“Não havia nada a esclarecer. Eu quero ir, por favor.”

“Acho que você deveria ler os relatórios.”

“Eu não tenho intenção...”

“Então acho que terei de ler para você o trecho sobre as visitas clandestinas. A carta de amor que ela escreveu, devolvi aos detetives para arquivamento. Meu caro Henry, você foi definitivamente passado para trás.”

Cheguei a pensar que ele fosse me bater. Se tivesse, eu teria revidado com prazer, revidado contra esse idiota a quem Sarah permanecera à sua maneira tão estupidamente leal por tantos anos, mas naquele momento o secretário do clube entrou. Era um homem de barba grisalha longa, que vestia um colete manchado de sopa e parecia um poeta vitoriano, mas na verdade escrevia breves reminiscências tristes dos cães que conhecera. (*Para sempre Fido* havia sido um grande sucesso em 1912.) “Ah, Bendrix”, disse ele, “não o vejo aqui há muito tempo.” Eu o apresentei a Henry, e ele disse com a rapidez de um cabeleireiro: “Tenho acompanhado os relatórios todos os dias”.

“Quais relatórios?” Pela primeira vez, o trabalho de Henry não tinha vindo em primeiro lugar à sua mente quando aquela palavra foi proferida.

“A Comissão Real.”

Quando ele finalmente se fora, Henry disse: “Agora, por favor, me dê os relatórios e me deixe ir”.

Imaginei que ele estivesse repensando as coisas enquanto o secretário

estava conosco, então entreguei a ele o último relatório. Ele o jogou direto no fogo e o socou com o atizador. Não pude deixar de pensar que o gesto tinha dignidade. “O que você vai fazer?”, perguntei.

“Nada.”

“Você não se livrou dos fatos.”

“Para o inferno com os fatos”, Henry disse. Eu nunca o tinha escutado xingar antes.

“Sempre posso deixar uma cópia de carbono com você.”

“Já posso ir agora?”, perguntou Henry. O demônio tinha feito seu trabalho, eu sentia que meu veneno havia acabado. Tirei minhas pernas do guarda-fogo e deixei Henry passar. Ele marchou para fora do clube, esquecendo-se do chapéu, aquele chapéu preto e alto que eu vira atravessar o parque pingando — o que parecia ter acontecido há uma eternidade e não há questão de semanas.

EU ESPERAVA ALCANÇÁ-LO, OU pelo menos avistá-lo mais adiante em algum ponto da longa extensão da Whitehall, então levei seu chapéu comigo, mas não o encontrei em lugar algum. Dei meia-volta, sem saber para onde ir. Esse é o grande problema do tempo hoje em dia — há um excesso dele. Olhei para a pequena livraria perto da estação de metrô Charing Cross e me perguntei se Sarah, naquele momento, não estaria na Cedar Road com o dedo sobre a campainha empoadada, enquanto o sr. Parkis a observava da esquina. Se eu pudesse voltar no tempo, acho que o teria feito: teria deixado Henry passar reto por mim, cegado pela chuva. Mas começo a duvidar que qualquer coisa que eu possa fazer alterará minimamente o curso dos acontecimentos. Henry e eu somos aliados agora, à nossa maneira, mas somos aliados contra uma maré infinita?

Atravessei a rua, passei pelos sacoleiros de frutas e entrei em Victoria Gardens. Não havia muitas pessoas sentadas nos bancos sob a atmosfera cinzenta e ventosa, e quase imediatamente vi Henry, mas demorei um pouco para reconhecê-lo. Ao ar livre, sem chapéu, ele parecia ter se unido aos anônimos e despossuídos, às pessoas que vêm dos subúrbios mais pobres e ninguém conhece — o velho que alimenta os pardais, a mulher com um pacote de papel pardo em que se lê *Swan & Edgar's*. Estava sentado de cabeça baixa, olhos fitos nos próprios sapatos. Tenho sentido pena de mim mesmo há tanto tempo e tão exclusivamente que me pareceu estranho sentir pena de meu inimigo. Em silêncio, pousei o chapéu no assento ao lado dele e teria ido embora, mas ele olhou para o alto e pude ver que estivera chorando. O caminho até chegar ali devia ter sido longo. As lágrimas pertencem a um mundo diferente das Comissões Reais.

“Sinto muito, Henry”, eu disse. Com que facilidade acreditamos que podemos escapar à nossa culpa por um movimento de contrição.

“Sente-se”, ordenou Henry com a autoridade de suas lágrimas, e eu obedeci. Ele disse: “Estou pensando comigo: vocês dois eram amantes, Bendrix?”.

“O que levaria você a imaginar...?”

“É a única explicação.”

“Não sei do que você está falando.”

“Também é a única desculpa, Bendrix. Você não vê que o que fez é... monstruoso?” Enquanto falava, virou o chapéu e verificou o nome do fabricante.

“Suponho que você pense que sou um completo idiota, Bendrix, por não ter percebido. Por que ela não me deixou?”

Teria eu que instruí-lo sobre o caráter da própria esposa? Sentia o veneno voltar a agir em mim. Eu disse: “Você tem uma renda boa e segura. Você é um hábito que ela adquiriu. Você é segurança”. Ele ouviu com seriedade e

atenção, como se eu fosse uma testemunha diante da Comissão prestando depoimento sob juramento. Continuei acidamente: “Você não foi mais problema para nós do que fora para os outros”.

“Houve outros também?”

“Houve momentos em que pensei que você sabia de tudo e não ligava. Algumas vezes, tive vontade de deixar tudo às claras com você... como estamos fazendo agora — agora que é tarde demais. Eu queria lhe dizer o que pensava de você.”

“O que você pensava?”

“Que você era o cafetão dela. Serviu de cafetão para mim, serviu de cafetão para os outros, e agora está bancando o cafetão para o mais recente. O eterno cafetão. Por que você não fica com raiva, Henry?”

“Eu nunca imaginei.”

“Você fez esse papel de cafetão com sua ignorância. Você fez o papel de cafetão por nunca ter aprendido a fazer amor com ela, e por isso ela precisou procurar noutro lugar. Você se prestou a esse papel de cafetão dando oportunidades... se prestou a esse papel de cafetão por ser um chato, um babaca, e por isso neste exato instante alguém que não é chato nem babaca está se divertindo com ela na Cedar Road.

“Por que ela o deixou?”

“Porque eu também me tornei um chato e um babaca. Mas eu não nasci um chato babaca, Henry. Você me transformou em um. Ela não queria deixar você, então eu virei um pé no saco, e ela se cansou de tanta reclamação e ciúme.”

Ele comentou: “As pessoas têm uma ótima opinião sobre seus livros”.

“E dizem que você é um belo chefe... que importa nosso trabalho?”

Ele completou com tristeza: “Não sei de mais nada que importe”, olhando para a nuvem cinza que passava acima da margem sul. As gaivotas voavam baixo sobre as barcas, e a luz do inverno enegrecia a torre de produção de projéteis entre os armazéns em ruínas. O homem que alimentava os pardais tinha ido embora, assim como a mulher com o embrulho de papel pardo, e os vendedores de frutas gritavam como animais no crepúsculo do lado de fora da estação. Era como se persianas estivessem se fechando por todo o mundo; em breve, todos seríamos abandonados à própria sorte. “Eu me perguntei por que você não tinha vindo nos ver todo esse tempo”, Henry disse.

“Suponho... de certa forma... que tínhamos chegado ao fim do amor. Não havia mais nada que pudéssemos fazer juntos. Ela podia fazer compras, cozinhar e dormir com você, mas comigo ela só podia fazer amor.”

“Ela tem muito carinho por você”, disse ele, como se fosse sua função consolar a mim, como se fossem *meus* os olhos que ardiam em lágrimas.

“Carinho não sacia ninguém.”

“A mim, sim.”

“Eu queria que o amor fosse para sempre, que nunca arrefecesse...” Eu nunca tinha falado com ninguém daquela maneira, exceto com Sarah, mas a

resposta de Henry não foi a de Sarah. Ele disse: “Não é da natureza humana. Uma hora precisamos de satisfação...”, mas não fora isso que Sarah dissera, e sentado ali ao lado de Henry em Victoria Gardens, vendo o dia morrer, lembrei-me do fim de todo o “caso”.

ELA HAVIA ME DITO — foram praticamente as últimas palavras que ouvi dela antes de aparecer encharcada no corredor, recém-chegada de seu encontro às escondidas —: “Você não precisa ter medo. O amor não acaba. Só porque não nos vemos...”. Ela já havia tomado sua decisão, embora eu só viesse a saber dela no dia seguinte, quando o telefone não ofereceu mais do que a boca silenciosa e aberta de um morto. Ela disse: “Meu querido, meu querido... As pessoas não continuam amando a Deus por toda a vida ainda que não O vejam?”.

“Esse não é o nosso tipo de amor.”

“Às vezes não creio que exista outro tipo.” Talvez a essa altura ela já estivesse sob a influência de um estranho, talvez eu o pudesse ter percebido — ela nunca tinha falado daquela maneira no início. Tínhamos concordado com muita alegria em eliminar Deus de nosso mundo. Quando liguei a lanterna com cuidado para iluminar seu caminho através do hall devastado, ela disse novamente: “Tudo vai ficar bem. Se tivermos amor o suficiente”.

“Não tenho mais o que oferecer”, disse eu. “Você já tem tudo.”

“Você não sabe”, devolveu ela. “Você não sabe.”

O vidro das janelas estalava sob nossos pés. Apenas o velho vitral vitoriano acima da porta seguia intacto. O vidro ficou branco nos locais em que parecia pulverizado feito gelo que crianças tivessem quebrado em campos úmidos ou nas canaletas das ruas. Ela me disse novamente: “Não tenha medo”. Eu sabia que ela não estava se referindo àquelas novas armas estranhas que ainda, depois de cinco horas, zumbiam sem parar ao sul, como abelhas.

Foi a primeira noite daquelas que mais tarde foram chamadas de V1, em junho de 1944. Já não estávamos mais acostumados a ataques aéreos. Além do curto período em fevereiro de 1944, nada mais havia acontecido desde que a blitz arrefecera com as grandes incursões finais de 1941. Quando as sirenes soaram e os primeiros robôs chegaram, imaginamos que alguns aviões tivessem atravessado nossa defesa antiaérea noturna. Surgiu um sentimento de dor quando, passada uma hora, o sinal de fim do ataque ainda não havia soado. Lembro-me de dizer a Sarah: “Deve ter sido falta de atenção. Muito pouco para fazer”, e naquele instante, deitados no escuro em minha cama, vimos nosso primeiro robô. Ele veio num voo rasante pelo parque e nós o tomamos por um avião em chamas, e seu estranho e grave zunido pelo som de um motor fora de controle. Veio um segundo e depois um terceiro. Mudamos de ideia então sobre nossas defesas. “Devem estar atirando neles como pombos”, disse eu; “só mesmo se estiverem loucos para continuar.” Mas eles continuaram, hora após hora, mesmo depois do despontar do amanhecer, até que percebemos que isso era algo novo.

Tínhamos acabado de ir para a cama quando o ataque começou. Não fez

a menor diferença. A morte nunca importava naqueles momentos — nos primeiros dias, eu até costumava rezar por ela: a aniquilação devastadora que impediria para sempre que nos levantássemos, vestíssemos a roupa, que eu visse sua lanterna se arrastar para o lado oposto do parque como a luz traseira de um carro que lentamente se afasta. Às vezes me perguntava se a eternidade não poderia, afinal, existir como o prolongamento infinito do momento da morte, e aquele era o momento que eu teria escolhido, que ainda escolheria se ela estivesse viva, o momento de confiança absoluta e prazer absoluto, o momento em que era impossível brigar porque era impossível pensar. Queixei-me de sua cautela e comparei amargamente nosso uso da palavra “cebolas” com o pedaço da carta que o sr. Parkis recuperara, mas ler sua mensagem ao meu anônimo sucessor teria ferido menos se eu não conhecesse a intensidade de sua entrega. Não: antes que o ato de amor se acabasse, as VI não nos afetaram. Havia me dado inteiro e estava deitado com a cabeça em seu estômago, sentindo seu gosto — fino e indescritível como a água — em minha boca, quando um dos robôs caiu no parque e pudemos ouvir os vidros se estilhaçarem mais abaixo na face sul.

“Acho melhor irmos para o porão”, disse eu.

“Sua senhoria vai estar lá. Não posso encontrar outras pessoas.”

Depois da posse, vem a ternura da responsabilidade, quando a pessoa se esquece de que é apenas uma amante, responsável por nada. Eu disse: “Ela pode estar fora. Vou descer e ver”.

“Não vá. Por favor, não vá embora.”

“Não vai demorar nada.” Era uma frase que continuávamos a usar, embora se soubesse naquela época que um momento bem podia durar a eternidade. Coloquei meu roupão e encontrei minha lanterna. Quase não era necessária: o céu estava cinza agora, e na sala escura eu podia ver o contorno de seu rosto.

Ela disse: “Vá depressa”.

Eu corria escada abaixo quando escutei a aproximação do robô seguinte, e então o súbito e suspensivo silêncio quando o motor se desligou. Àquela altura, ainda não tínhamos tido tempo de aprender que era aquele o momento de maior risco, quando devíamos sair de perto dos vidros e nos deitar no chão. Não cheguei a escutar a explosão. Recobrei a consciência depois de cinco segundos ou cinco minutos em um mundo transformado. Achei que ainda estava de pé e fiquei intrigado com a escuridão: alguém parecia pressionar um punho frio em minha bochecha, e senti a boca salgada de sangue. Por instantes, minha mente ficou vazia, exceto por uma sensação de cansaço, como se eu tivesse feito uma longa viagem. Eu não tinha nenhuma memória de Sarah e estava completamente livre de ansiedade, ciúme, insegurança, ódio: minha mente era uma folha em branco na qual alguém estivera a ponto de escrever uma mensagem de felicidade. Tive certeza de que, quando minha memória voltasse, a escrita continuaria e eu seria feliz.

Mas quando a memória voltou, não foi assim. Em primeiro lugar, percebi que estava com as costas no chão e que o que se equilibrava sobre mim, bloqueando a luz, era a porta da frente: alguns outros escombros a haviam interceptado e suspenso poucos centímetros acima do meu corpo, embora o estranho tenha sido que depois me vi machucado dos ombros até os joelhos, como que por sua sombra. O punho que sentia em minha bochecha era a porcelana da maçaneta da porta, e ela tinha arrancado dois dentes da minha boca. Depois disso, é claro, lembrei-me de Sarah e Henry e do pavor do fim do amor.

Saí de debaixo da porta e me limpei da poeira. Fui ao porão, mas não havia ninguém lá. Através do batente da porta destruído eu podia ver a luz cinzenta da manhã e tive uma sensação de grande vazio se estendendo a partir do hall em ruínas: percebi que uma árvore que costumava bloquear a luz havia simplesmente deixado de existir — não havia sinal nem mesmo de um tronco caído. À distância, os fiscais sopravam apitos. Subi a escada. O primeiro lance tinha perdido o corrimão e estava com trinta centímetros de profundidade no reboco, mas a casa não tinha sofrido muito, pelos padrões da época: foram nossos vizinhos que sofreram a intensidade total da explosão. A porta do meu quarto estava aberta e, entrando pela passagem, pude ver Sarah; ela havia saído da cama e estava agachada no chão — de medo, imaginei. Ela parecia absurdamente jovem, como uma criança nua. Eu disse: “Essa foi por pouco”.

Ela se virou rapidamente e me encarou com medo. Eu não tinha percebido que meu roupão estava rasgado e coberto de gesso; que meu cabelo estava branco de pó e que havia sangue na minha boca e no meu rosto. “Oh, Deus”, ela disse, “você está vivo.”

“Você parece desapontada.”

Ela se levantou do chão e pegou suas roupas. Eu disse a ela: “Não faz sentido você sair ainda. Espere a sirene anunciar que estamos em segurança”.

“Eu preciso ir”, disse ela.

“Duas bombas não caem no mesmo lugar”, quis argumentar, mas automaticamente, pois esse dado era um folclore não raras vezes contrariado pela experiência.

“Você está ferido.”

“Perdi dois dentes, só isso.”

“Venha, vamos lavar seu rosto.” Ela terminara de se vestir antes que eu tivesse tempo de me queixar novamente — nenhuma mulher que conheci era capaz de se vestir tão rápido. Ela lavou meu rosto muito devagar e com cuidado.

“O que você estava fazendo no chão?”, perguntei.

“Rezando.”

“Para quem?”

“Para qualquer coisa que possa existir.”

“Teria sido mais prático descer.” A seriedade dela me assustou. Eu queria provocá-la e tirá-la daquele estado de espírito.

“Eu desci”, disse ela.

“Não ouvi você.”

“Não encontrei ninguém lá. Não consegui te ver, até dar com seu braço esticado por debaixo da porta. Achei que você estava morto.”

“Você poderia ter se aproximado para tirar a prova.”

“Foi o que fiz. Não consegui levantar a porta.”

“Havia espaço para me mover. A porta não estava me prendendo. Eu teria acordado.”

“Não estou entendendo. Eu tinha certeza de que você estava morto.”

“Não havia muito pelo que rezar, então, havia?” Eu a provoquei. “Exceto por um milagre.”

“Quando o desespero é desse tamanho”, retrucou ela, “somos capazes de rezar por milagres. Eles acontecem, não é, para os desprovidos, e eu estava desprovida.”

“Fique até a sirene anunciar que estamos a salvo.” Ela balançou a cabeça e saiu marchando do quarto. Eu a segui escada abaixo e, contra minha vontade, comecei a importuná-la. “Vou vê-la esta tarde?”

“Não. Não posso.”

“Em algum momento amanhã...”

“Henry está voltando.”

Henry. Henry. Henry — maldito nome que badalava ao longo de nosso relacionamento e esfriava todo astral de felicidade ou diversão ou alegria com sua lembrança de que o amor morre, mas o hábito e o carinho ganham o dia. “Você não precisa ter medo”, disse ela, “o amor não acaba...” e quase dois anos se passaram antes daquele encontro no corredor e aquele: “Você?”.

É CLARO QUE, POR dias depois disso, conservei a esperança. O fato de o telefone jamais ser atendido era apenas uma coincidência, e quando, passada uma semana, encontrei a empregada e perguntei sobre os Miles e soube que ela estava passando uns dias no campo, disse a mim mesmo que em tempos de guerra as cartas se perdem. Manhã após manhã, sentia meus ouvidos sempre atentos ao barulho da caixa de correio e permanecia deliberadamente no andar de cima até minha senhoria pegar minha correspondência. Eu não verificava as cartas: a decepção tinha de ser adiada, e a esperança, tanto quanto possível, mantida viva; em vez disso, lia cada uma das cartas para, só quando chegasse ao fim da pilha, pudesse ter certeza de que Sarah não havia escrito. A vida, então, secava — até que passasse o carteiro das quatro horas; depois disso, era preciso atravessar a noite novamente.

Por quase uma semana não lhe escrevi: o orgulho me detinha, até que certa manhã me desfiz dele por completo, e lhe escrevi com fúria e dor, registrando no envelope endereçado à face norte: “Urgente” e “Favor encaminhar”. Não obtive resposta, então perdi as esperanças e lembrei-me exatamente do que ela havia dito: “As pessoas não continuam amando a Deus por toda a vida ainda que não O vejam?”. Pensei com ódio: ela precisa sempre parecer bem no próprio espelho: ela mistura religião com deserção para que isso soe nobre aos seus ouvidos. Ela não vai admitir que agora prefere ir para a cama com X.

Essa foi a pior de todas as épocas: meu ofício é imaginar, pensar em imagens; cinquenta vezes ao longo do dia, e acordando de repente no meio da noite, uma cortina se levantava e a peça começava — e sempre a mesma peça: Sarah fazendo amor, Sarah com X, Sarah fazendo as mesmas coisas que fazíamos juntos, Sarah beijando à sua maneira particular, o corpo de Sarah arqueando-se no ato do sexo, o grito que parecia de dor, a entrega de Sarah. Eu tomava soníferos à noite para dormir rápido, mas nunca encontrei remédio que me conservasse dormindo até o amanhecer. Apenas os robôs me ofereciam distração ao longo do dia: por uns poucos segundos, entre o silêncio e a explosão, meus pensamentos se viam livres de Sarah. Três semanas se passaram, e a precisão e insistência das imagens não arrefecia, parecia não haver razão para que desaparecessem, e o suicídio começou a me soar uma alternativa bastante plausível. Cheguei a marcar uma data e estoquei minhas pílulas soníferas com o que era quase uma sensação de esperança. Afinal, não preciso continuar assim indefinidamente, disse a mim mesmo. Então chegou a data e a peça continuava e continuava e não me matei. Não foi covardia: foi uma lembrança que me deteve — a lembrança da expressão de decepção no rosto de Sarah quando entrei no quarto após a queda do VI. No fundo, ela por acaso não torcia pela minha morte, para que seu novo caso com X lhe ferisse menos a consciência, uma vez que ela tinha

um tipo primário de consciência? Se eu me matasse naquele momento, ela não teria mais que se preocupar comigo em absoluto, e certamente, depois de nossos quatro anos juntos, haveria momentos de preocupação até mesmo com X. Eu não lhe daria aquele gosto. Se eu conhecesse alguma maneira, teria aumentado suas preocupações até um ponto de ruptura, e minha impotência me irritava. Como eu a odiava.

Claro que existe um fim do ódio assim como existe um fim do amor. Depois de seis meses, houve um dia em que percebi que não havia pensado em Sarah em nenhum momento e que tinha sido feliz. Podia não ser bem o fim definitivo do ódio, porque de pronto fui a uma papelaria para comprar um cartão-postal e escrever nele uma mensagem de júbilo que poderia — quem sabe? — causar-lhe uma dor momentânea, mas quando escrevi o seu endereço, senti que havia perdido a vontade de feri-la e joguei o cartão na rua. Era estranho que o ódio tivesse reafiorado naquele encontro com Henry. Lembro-me de ter pensado, ao abrir o relatório seguinte do sr. Parkis: se ao menos o amor também pudesse reafiorar dessa forma.

O sr. Parkis fizera bem o seu trabalho: o pó funcionara, e o apartamento havia sido localizado — no último andar da Cedar Road, 16: os ocupantes, certa srta. Smythe e seu irmão, Richard. Perguntei-me se a srta. Smythe era uma irmã tão propícia quanto Henry era um marido, e todo o meu esnobismo latente veio à tona com aquele nome — aquele “y”, e o “e” final. Pensei comigo: ela desceu baixo a ponto de encontrar um Smythe na Cedar Road? Seria ele o fim de uma longa lista de amantes dos últimos dois anos, ou quando o visse (e estava determinado a vê-lo menos obscuramente do que nos relatórios do sr. Parkis), teria diante de mim o homem por quem ela me abandonara, em junho de 1944?

“Devo tocar a campanha e entrar e confrontá-lo como um marido ferido?”, perguntei a Parkis (que tinha me encontrado com hora marcada em uma casa de chá A.B.C. — sugestão sua, já que estava com o menino e não podia levá-lo a um bar).

“Sou contra, senhor”, disse o sr. Parkis, adicionando uma terceira colher de açúcar ao chá. Seu filho estava sentado a uma mesa fora do alcance de nossas vozes com um copo de laranjada e um pão. O garoto observava todos que entravam, enquanto sacudiam a neve fina e aguada de seus chapéus e casacos, sempre atento, com seus olhos castanhos, brilhantes e redondos como contas, como se tivesse que fazer um relatório mais tarde — e talvez tivesse, como parte do treinamento Parkis. “Veja, senhor”, disse o sr. Parkis, “a menos que esteja disposto a depor, isso complica as coisas nos tribunais.”

“Isso nunca chegará aos tribunais.”

“Um acordo amigável?”

“Falta de interesse”, eu disse. “Não se pode realmente criar estardalhaço por causa de um homem chamado Smythe. Eu só gostaria de vê-lo... só isso.”

“A coisa mais segura, senhor, seria um inspetor de medidor de gás.”

“Não seria capaz de me vestir com um quepe.”

“Entendo perfeitamente, senhor. É algo que tento evitar. E gostaria que o menino também pudesse, quando chegar a hora.” Seus olhos tristes seguiam cada movimento de seu filho. “Ele queria sorvete, senhor, mas eu disse que não, não com esse tempo”, e ele estremeceu um pouco, como se a ideia do sorvete lhe tivesse dado um calafrio. Por um momento, não tive ideia do que ele quis dizer quando disse: “Cada profissão tem sua dignidade, senhor”.

Eu perguntei: “Você me emprestaria seu filho?”.

“Se me assegurar de que não haverá nada indecoroso, senhor”, disse ele, hesitante.

“Não quero ir até lá e encontrar a sra. Miles. A cena receberá classificação indicativa livre.”

“Mas por que o menino, senhor?”

“Direi que ele está se sentindo mal. Viemos ao endereço errado. Eles não poderiam se recusar a deixá-lo sentar-se um pouco.”

“O menino pode fazer isso sem qualquer problema”, disse o sr. Parkis com orgulho, “e ninguém pode resistir a Lance.”

“Ele se chama Lance, é isso?”

“Por causa de sir Lancelot, senhor. Da Távola Redonda.”

“Estou surpreso. O episódio todo foi bastante constrangedor, sem dúvida.”

“Ele encontrou o Santo Graal”, disse o sr. Parkis.

“Quem encontrou foi Galaaz. Lancelot foi encontrado na cama com Guinevere.” Por que temos esse desejo de provocar os ingênuos? É inveja? O sr. Parkis disse com tristeza, olhando para o filho como se o tivesse traído: “Eu não sabia”.

No DIA SEGUINTE — para espezinhar o pai —, dei um sorvete ao menino na High Street antes de irmos para a Cedar Road. Henry Miles estava organizando um coquetel — assim o sr. Parkis relatara, e a barra estava limpa. Ele me entregou o menino, depois de ajeitar suas roupas. O menino vestia suas melhores roupas em respeito à sua estreia no palco com um cliente, enquanto eu vestia minhas piores roupas. Um pouco do sorvete de morango caiu da colher e respingou em seu paletó. Fiquei sentado em silêncio até a última gota do sorvete acabar. Então perguntei: “Outro?”. Ele assentiu com a cabeça. “Morango de novo?”

Ele disse: “Baunilha”, e acrescentou muito tempo depois: “Por favor”.

Ele tomou o segundo sorvete com muita ciência do que estava fazendo, lambendo cuidadosamente a colher como se estivesse removendo impressões digitais. Em seguida, atravessamos de mãos dadas o parque em direção à Cedar Road como se fôssemos pai e filho. Sarah e eu, ambos não temos filhos, pensei. Não teria feito mais sentido casar e ter filhos e viver tranquilamente juntos em uma paz carinhosa e insossa do que nesse negócio furtivo de luxúria, e ciúme e relatórios de investigação?

Toquei a campainha no último andar da Cedar Road. Disse ao menino: “Lembre-se. Você está se sentindo mal”.

“Se me derem um sorvete...”, ele começou — Parkis o havia treinado para estar preparado.

“Eles não vão.”

Presumi que fosse a srta. Smythe a mulher de meia-idade com o cansado cabelo grisalho dos bazares de caridade quem abriu a porta. Perguntei: “O sr. Wilson mora aqui?”.

“Não. Acho que...”

“Por acaso você não sabe se ele está no apartamento de baixo?”

“Não há ninguém chamado Wilson nesta casa.”

“Ai, meu Deus”, eu disse. “Eu trouxe o menino até aqui, e agora ele está se sentindo mal...”

Não ousei olhar para o menino, mas pela maneira como a srta. Smythe o olhou, tive certeza de que estava interpretando seu papel de maneira silenciosa e eficiente: o sr. Savage teria ficado orgulhoso em reconhecê-lo como membro de sua equipe.

“Deixe-o entrar e sentar-se”, disse a srta. Smythe.

“É muito gentil da sua parte.”

Eu me perguntei quantas vezes Sarah havia passado por aquela porta rumo ao pequeno corredor bagunçado. Ali estava eu, na casa de X. Era possível que o chapéu marrom no gancho pertencesse a ele. Os dedos do meu sucessor — os dedos que tocavam Sarah — giravam diariamente a maçaneta daquela porta que se abria agora diante da chama amarela da

lâmpadas sob cúpulas de abajur rosadas acesas no cinzento nevado da tarde, um excesso de capas frouxas de cretone. “Posso buscar um copo d’água para o seu filhinho?”

“É muito gentil da sua parte.” Lembrei-me de já ter dito isso antes.

“Ou um pouco de suco de laranja.”

“A senhora não precisa se incomodar.”

“Suco”, disse o menino com firmeza: de novo a longa pausa e um “por favor” quando ela passou pela porta. Agora que estávamos sozinhos, olhei para ele: realmente parecia doente, encolhido sobre o cretone. Se não tivesse piscado para mim, eu teria me perguntado se talvez... A srta. Smythe retornou com o suco de laranja, e eu disse: “Agradeça, Arthur”.

“O nome dele é Arthur?”

“Arthur James”, eu disse.

“É um nome bastante antiquado.”

“Somos uma família antiquada. A mãe dele gostava de Tennyson.”

“Ela está...?”

“Sim”, confirmei, e ela olhou para a criança com pena.

“Ele deve ser um conforto para você.”

“E uma preocupação”, completei. Comecei a sentir vergonha: ela era tão ingênua, qual era o sentido de eu estar ali? Eu não estava mais perto de encontrar X — e eu me sentiria mais feliz por dar um rosto ao homem na cama? Mudei minha estratégia. Eu disse: “Devo me apresentar. Meu nome é Bridges”.

“E o meu é Smythe.”

“Tenho a forte sensação de que já a vi em algum lugar antes.”

“Não me parece. Tenho uma memória muito boa para rostos.”

“Talvez eu tenha visto você no parque.”

“Às vezes vou lá com meu irmão.”

“Não é por acaso um John Smythe?”

“Não”, disse ela, “Richard. Como o garotinho está se sentindo?”

“Pior”, disse o filho de Parkis.

“Você acha que devemos tomar a temperatura dele?”

“Posso tomar mais suco?”

“Não vai fazer mal, vai?”, a srta. Smythe se perguntou. “Pobre criança. Talvez ele esteja com febre.”

“Já abusamos demais.”

“Meu irmão nunca me perdoaria se eu não os fizesse ficar. Ele adora crianças.”

“Seu irmão está?”

“Está para chegar.”

“Do trabalho?”

“Bem, seu dia de trabalho é, na verdade, domingo.”

“Um clérigo?”, perguntei com malícia secreta e recebi a intrigante resposta: “Não exatamente”. Um olhar de preocupação desceu como uma

cortina entre nós e ela se retirou para trás dela com seus problemas particulares. Quando se levantou, a porta do corredor se abriu, e lá estava X. Tive a impressão, no crepúsculo do corredor, de um homem com um belo rosto de ator — um rosto que se olhava com muita frequência em espelhos, com uma nódoa de vulgaridade, e pensei com tristeza e sem satisfação: ela bem que podia ter um gosto melhor. Então ele passou à parte iluminada pelos abajures. As nojentas manchas descoradas que lhe cobriam a bochecha esquerda eram quase um estigma — eu o havia difamado, ele não poderia ter nenhuma satisfação em se olhar em qualquer espelho.

A srta. Smythe disse: “Meu irmão Richard. Sr. Bridges. O filhinho do sr. Bridges não está se sentindo bem. Eu os convidei para entrar”.

Ele me cumprimentou com o olho no menino: notei a secura e o calor de suas mãos. Ele disse: “Já vi seu filho antes”.

“No parque?”

“Talvez.”

Ele era imponente demais para a sala: não combinava com o cretone. Será que a irmã dele ficava ali sentada, enquanto eles, em outro cômodo... ou a mandavam fazer alguma tarefa na rua enquanto faziam amor?

Bem, eu tinha visto o homem; não havia outra razão para ficar... exceto todas as outras questões que agora eram evocadas ao vê-lo... onde haviam se conhecido? Teria ela dado o primeiro passo? O que ela vira nele? Há quanto tempo, com que frequência haviam sido amantes? Havia palavras que ela tinha escrito que eu sabia de cor: “Não tenho necessidade de escrever ou falar com você... Sei que estou apenas começando a amar, mas já quero abandonar tudo, todos, menos você”, e olhei para as terríveis manchas em sua bochecha e pensei: não há segurança em lugar nenhum: um corcunda, um aleijado — todos têm o gatilho que desencadeia o amor.

“Qual foi o verdadeiro propósito de sua vinda?”, perguntou ele, como se de repente invadissem meus pensamentos.

“Eu disse à srta. Smythe... um homem chamado Wilson...”

“Não me lembro do seu rosto, mas me lembro do rosto de seu filho.” Fez um breve gesto decepcionado, como se quisesse tocar a mão do menino: seus olhos tinham uma espécie de ternura abstrata. Ele disse: “Você não precisa ter medo de mim. Estou acostumado com pessoas vindo aqui. Garanto que só quero ser útil.”

A srta. Smythe explicou: “As pessoas costumam ser muito tímidas”. Eu não tinha a menor ideia do que estava acontecendo.

“Estava apenas procurando um homem chamado Wilson.”

“Você sabe que *eu* sei que esse homem não existe.”

“Se você me emprestar uma lista telefônica, eu poderia verificar o endereço dele...”

“Sente-se de novo”, insistiu ele, meditando melancolicamente com os olhos no menino.

“Eu preciso ir agora. Arthur está se sentindo melhor, e Wilson ...” Sua

ambiguidade me deixou muito desconfortável.

“Você pode ir se quiser, é claro, mas não pode deixar o menino aqui... mesmo que apenas por meia hora? Quero falar com ele.” Ocorreu-me que tivesse reconhecido o assistente de Parkis e iria interrogá-lo. Eu disse: “Qualquer coisa que você quiser perguntar a ele, pode me perguntar”.

Cada vez que virava sua bochecha sem marcas para mim, minha raiva aumentava: cada vez que eu via a bochecha amarelada, horrível, a raiva se desfazia e eu não conseguia acreditar — não mais do que conseguia acreditar que a luxúria existia ali entre os cretones floridos, com a srta. Smythe servindo chá. Mas o desespero sempre pode produzir uma resposta, e o desespero então me perguntou: Você preferiria que fosse amor e não luxúria?

“Você e eu estamos velhos demais”, disse ele. “Mas os professores e os padres... eles apenas começaram a corromper *ele* com suas mentiras.”

“Não sei que diabos você quer dizer”, disse eu, e acrescentei rapidamente: “Sinto muito”, para a srta. Smythe.

“Aí está, percebe?”, disse ele. “Diabos... e se eu o irritasse, você provavelmente diria meu Deus”.

Pareceu-me que eu o havia chocado: talvez ele fosse um pastor não conformista: a srta. Smythe havia mencionado que ele trabalhava aos domingos — mas quão horrivelmente bizarro que um homem assim fosse amante de Sarah! De repente, isso diminuiu a importância dela: seu caso de amor transformou-se em uma piada, eu mesmo poderia usá-la como anedota para divertir os convidados do meu próximo jantar. Por um momento, senti-me livre de Sarah. O menino disse: “Estou me sentindo mal. Posso tomar mais laranja?”.

A srta. Smythe disse: “Meu querido, acho melhor não”.

“Realmente, preciso levá-lo embora. Foi muito generoso de sua parte.” Tentei manter as manchas bem diante dos meus olhos. Eu disse: “Lamento muito se o ofendi de alguma forma. Foi um acidente. Acontece que não comungo de suas crenças religiosas”.

Ele me olhou surpreso. “Mas não tenho nenhuma. Eu não acredito em nada.”

“Eu pensei que você tinha se oposto...”

“Eu odeio as armadilhas que sobraram. Perdoe-me. Eu me excedo, sr. Bridges, eu sei, mas às vezes receio que isso seja inculcado nas pessoas até mesmo por palavras convencionais... adeus, por exemplo. Se eu apenas pudesse acreditar que meu neto nem saberia o que uma palavra como deus havia significado para nós, não mais do que uma palavra em sua língua...”

“Você tem um neto?”

Ele respondeu melancolicamente: “Não tenho filhos. Invejo você e seu menino. É um grande dever e uma grande responsabilidade”.

“O que você queria perguntar a ele?”

“Eu queria que ele se sentisse em casa aqui, porque então poderia voltar. Há tantas coisas que se deseja dizer a uma criança. Como o mundo passou a

existir. Eu queria contar a ele sobre a morte. Queria livrá-lo de todas as mentiras que lhe enfiaram na cabeça na escola.”

“Muita coisa para só meia hora.”

“Pode-se plantar uma semente.”

Eu disse maliciosamente: “Isso vem dos Evangelhos”.

“Claro, também fui corrompido. Você não precisa me dizer isso.”

“As pessoas de fato vêm até você... em sigilo?”

“Você ficaria surpreso”, disse a srta. Smythe. “As pessoas anseiam por uma mensagem de esperança.”

“Esperança?”

“Sim, esperança”, disse Smythe. “Você não consegue ver que esperança haveria se todos no mundo soubessem que não há nada além do que temos aqui? Nenhuma compensação futura, recompensas, punições.” Seu rosto tinha uma nobreza louca quando uma das faces estava escondida. “Então começaríamos a transformar este mundo em um paraíso.”

“Há uma terrível imensidão de coisas a serem explicadas primeiro”, comentei.

“Posso mostrar minha biblioteca?”

“É a melhor biblioteca racionalista do sul de Londres”, emendou a srta. Smythe.

“Não preciso ser convertido, sr. Smythe. Não acredito em nada do jeito que se apresenta. Só uma vez ou outra.”

“É com os uma vez ou outra que temos de lidar.”

“O estranho é que esses são os momentos de esperança.”

“O orgulho pode se disfarçar de esperança. Ou o egoísmo.”

“Não acho que tenha absolutamente nada a ver com isso. Acontece de repente, sem motivo, um perfume...”

“Ah”, disse Smythe, “a construção de uma flor, o argumento a partir do desenho, todo aquele negócio de um relógio que pressupõe um relojoeiro. É antiquado. Schwenigen desmontou tudo isso há vinte e cinco anos. Gostaria de lhe mostrar...”

“Hoje não. Preciso mesmo levar o menino para casa.”

Ele repetiu o gesto de ternura frustrada, como o de um amante rejeitado. Me perguntei de repente: de quantos leitos de morte ele havia sido expulso? Descobri que também queria lhe dar uma mensagem de esperança, mas então os estigmas desapareceram e vi apenas o rosto arrogante do ator. Eu o preferia patético, inadequado, datado. Ayer, Russell... eles eram a moda atualmente, mas eu duvidava que houvesse muitos positivistas lógicos em sua biblioteca. Ele só tinha os cruzados, não os desapegados.

Na porta — percebi que não usava aquele termo perigoso: adeus —, disparei bem no meio de sua bochecha bonita: “Você deveria conhecer uma amiga minha, a sra. Miles. Ela está interessada...” e então parei. O disparo acertara o alvo em cheio. As manchas pareceram ganhar um tom profundamente vermelho, e ouvi a srta. Smythe dizer: “Ai, meu Deus”,

quando ele se virou abruptamente. Não me restava dúvida de que lhe havia causado dor, mas a dor era tanto minha quanto dele. Desejei muito que meu disparo não tivesse acertado o alvo.

Na sarjeta do lado de fora, o filho de Parkis sentia-se enjoado. Eu o deixei vomitar, enquanto parado ali pensava: ele também a perdeu? Não há fim para isso? Agora tenho que descobrir quem é Y?

PARKIS DISSE: “FOI REALMENTE muito fácil, senhor. Havia uma multidão infundável, e a sra. Miles pensou que eu era um dos amigos dele no ministério, e o sr. Miles pensou que eu era um dos amigos *dela*”.

“Foi um bom coquetel?”, perguntei, lembrando novamente daquele primeiro encontro e da visão de Sarah com o estranho.

“Muito bem-sucedido, eu diria, senhor, mas a sra. Miles parecia um pouco indisposta. Ela tem uma tosse muito feia.” Eu o ouvi com prazer: talvez nesta festa não tivesse havido beijos ou toques em alguma alcova. Ele colocou um pacote de papel pardo na minha mesa e disse com orgulho: “Eu sabia o caminho para o quarto dela pela empregada. Se alguém tivesse me percebido, a impressão que eu daria era de estar procurando o reservado, mas ninguém percebeu. Lá estava, em sua mesa; ela deve ter escrito naquele dia. Ela pode ser muito cautelosa, é lógico, mas minha experiência com diários é que eles sempre revelam coisas. As pessoas inventam seus pequenos códigos, mas logo somos capazes de enxergar através deles, senhor. Elas podem até deixar coisas de fora, mas você logo descobre o que ficou de fora”. Enquanto ele falava, desembulhei o caderno e o abri. “É da natureza humana, senhor, que se você mantém um diário, é porque deseja se lembrar das coisas. Qual é a razão de conservá-lo, do contrário?”

“Você leu?”, perguntei.

“Verifiquei sua natureza, senhor, e por um dos registros julguei que ela não era do tipo cauteloso.”

“Não é deste ano”, eu disse. “Ele tem dois anos.”

Por um momento, ele ficou arrasado.

“Vai servir ao meu propósito”, completei.

“Ele também dará conta do recado, senhor... se nada for desconsiderado.”

O diário era escrito em um grande livro de contabilidade, a caligrafia clara e firme que eu conhecia tão bem cruzada pelas linhas vermelhas e azuis. Não havia registros diários, e pude tranquilizar Parkis: “Cobre vários anos”.

“Suponho que alguma coisa fez com que ela o pegasse para ler.” É possível, pensei, que alguma lembrança minha, de nosso caso, tivesse passado por sua mente naquele mesmo dia, que algo pudesse ter perturbado sua paz? Disse a Parkis: “Estou feliz por ter isso em mãos, muito feliz. Sabe, realmente acho que podemos encerrar nossa conta agora.”

“Espero que esteja satisfeito, senhor.”

“Muito satisfeito.”

“Se o senhor puder escrever isso para o sr. Savage, ficarei muito agradecido. Ele recebe os relatórios ruins dos clientes, mas os bons nunca são escritos. Quanto mais satisfeito um cliente, mais ele deseja esquecer; nos tirar da cabeça o quanto antes. É difícil culpá-los por isso.”

“Escreverei.”

“E obrigado, senhor, por ter sido gentil com o menino. Ele estava um pouco indisposto, mas eu sei como é...é difícil limitar os sorvetes com um garoto como Lance. Ele os arranca de você quase sem dizer uma palavra.” Tudo o que eu queria era ler, mas Parkis se demorava. Talvez ele de fato não confiasse que eu pudesse me lembrar dele e quisesse imprimir mais firmemente em minha memória aqueles olhos de cachorro que caiu do caminhão da mudança, aquele bigode miserável. “Gostei de nossa troca, senhor... se é que se pode falar em gostar em circunstâncias tão tristes. Nem sempre trabalhamos para cavalheiros de verdade, mesmo quando eles têm títulos. Certa vez, trabalhei para um membro do pariato, senhor, que ficou furioso quando lhe entreguei meu relatório... era como se fosse eu o culpado. É muito frustrante, senhor. Quanto mais você alcança, mais satisfeitos eles ficam quando você desaparece da frente deles.”

Era muito clara em mim a vontade de ver Parkis desaparecer da minha frente, e suas palavras despertaram meu sentimento de culpa. Não era possível simplesmente enxotar o homem. Ele disse: “Ocorreu-me, senhor, que gostaria de lhe oferecer uma lembrancinha... mas isso é exatamente o que o senhor não gostaria de receber”. Como é estranho ser objeto do afeto de alguém. Desperta automaticamente certa lealdade. Então menti para Parkis: “Sempre gostei de nossas conversas”.

“Que começaram, senhor, de forma nada auspiciosa. Com aquele erro bobo.”

“Você chegou a contar para o seu filho?”

“Sim, senhor, mas só depois de alguns dias, após o sucesso com o cesto de lixo. Foi o que aliviou o incômodo.”

Olhei para o diário e li: “Muito feliz. M. retorna amanhã”. Eu me perguntei por um instante quem era M. Que estranho também, e bizarro pensar que alguém havia sido amado, que a presença de alguém outrora tivera o poder de fazer a diferença entre a felicidade e a monotonia no dia de outra pessoa.

“Mas se o senhor realmente não se ressentir de ganhar uma lembrancinha, senhor...”

“Claro que não, Parkis.”

“Tenho algo aqui, senhor, que pode ser interessante e útil.” Ele tirou do bolso um objeto embrulhado em lenço de papel e o deslizou timidamente pela mesa na minha direção. Eu o desembulhei. Era um cinzeiro barato com a inscrição Hotel Metropole, Brightlingsea. “Tem uma história e tanto aí, senhor. O senhor se lembra do caso Bolton.”

“Não posso dizer que sim.”

“Na época, causou um baita reboliço, senhor. Lady Bolton, a criada e o amante, senhor. Todos descobertos juntos. Esse cinzeiro estava ao lado da cama. Do lado de lady Bolton.”

“Você deve ter acumulado um pequeno museu.”

“Eu deveria ter dado ao sr. Savage... ele demonstrou um interesse particular... mas estou feliz agora, senhor, por não ter feito isso. Vai perceber que a inscrição evocará comentários quando seus amigos apagarem os cigarros, acredito, e aí está a sua resposta: o caso Bolton. Todos vão querer ouvir mais sobre isso.”

“Parece sensacional.”

“É tudo da natureza humana... e do amor humano, senhor, não é? Embora eu tenha, *confesso*, ficado surpreso. Não esperava a terceira pessoa. E o quarto não era grande, nem elegante. A sra. Parkis estava viva na época. Não foi uma boa ideia contar a ela os detalhes. Ela ficou perturbada com as coisas.”

“Certamente apreciarei muito a lembrança”, disse eu.

“Se cinzeiros falassem, senhor.”

“Sim, é verdade.”

Mas Parkis, com aquele pensamento profundo, encerrara suas palavras. Com um último aperto de mão, um pouco pegajoso (talvez tivesse estado em contato com a de Lance), ele se foi. Ele não era daqueles que se espera ver novamente. Então abri o diário de Sarah. Pensei primeiro em procurar aquele dia de junho de 1944 quando tudo acabara, e depois de descobrir o motivo para aquilo, havia muitas outras datas que, cruzando-as com meu diário, me responderiam com precisão como foi que o amor dela se esvaíra. Queria tratar isso exatamente como um documento processual — um dos casos de Parkis — deveria ser tratado, mas não tive tamanho grau de calma, pois o que descobri ao abrir o diário não era o que eu esperava. Ódio, suspeita e inveja haviam me distanciado tanto que li suas palavras como uma declaração de amor de uma estranha. Eu esperara muitas evidências contra ela — não a havia flagrado tantas vezes na mentira? — e então ali, numa escrita a que podia dar crédito, crédito que não podia dar à sua voz, estava a resposta completa. Pois foram as duas últimas páginas do diário que li primeiro — e as reli, no final, para ter certeza. É algo estranho descobrir e acreditar que se é amado, quando se sabe que não há nada em você para quem quer que seja, a não ser um pai ou uma mãe ou um Deus, amar.

... QUANDO TERMINAMOS, LOGO não havia mais nada, exceto Você. Para os dois. Eu poderia ter passado uma vida inteira gastando um pouco de amor de cada vez, de pouquinho em pouquinho aqui e ali, com este ou aquele homem. Mas já na primeira vez, no hotel perto de Paddington, gastamos tudo o que tínhamos. Você estava lá, ensinando-nos a esbanjar, como Você ensinou ao homem rico, para que um dia não tivéssemos outra coisa além do Seu amor. Mas Você é muito bom para mim. Quando Lhe peço dor, Você me dá paz. Dê a ele também. Dê a ele minha paz — é ele quem mais precisa.

12 de fevereiro de 1946.

Dois dias atrás, tive uma grande sensação de paz, tranquilidade e amor. A vida seria feliz novamente, mas ontem à noite sonhei que estava subindo uma longa escada para encontrar Maurice no topo. Ainda estava feliz porque, quando chegasse ao topo da escada, íamos fazer amor. Disse-lhe que estava chegando, mas não foi a voz de Maurice que respondeu; foi a de um estranho, que tonitruava como uma sirene de nevoeiro alertando navios perdidos, e me assustei. Pensei: ele deixou o apartamento, foi embora e eu não sei onde ele está, e descendo as escadas de novo a água havia subido acima da linha da cintura e o corredor estava denso de névoa. Foi quando acordei. Não estou mais em paz. Voltei a desejá-lo como desejava antigamente. Quero comer sanduíches com ele. Quero beber com ele em um bar. Estou cansada e não quero mais sentir dor. Quero Maurice. Quero o amor humano, o amor mais corrupto e ordinário. Querido Deus, Você sabe que quero querer a Sua dor, mas não a quero agora. Livre-me dela por algum tempo, recebo-a outra hora.

Depois desse trecho, comecei a ler o diário do início. Ela não fazia registros nele todos os dias, e eu não tinha vontade de lê-los todos. As peças de teatro a que ela tinha ido com Henry, os restaurantes, as festas — toda aquela vida da qual eu nada sabia ainda tinha o poder de machucar.

12 de junho de 1944.

Às vezes me canso tanto de tentar convencê-lo de que o amo e o amarei para sempre. Ele ataca minhas palavras como um advogado, as distorce. Sei que ele tem medo daquele deserto que estaria ao seu redor se nosso amor acabasse, mas ele não consegue perceber que eu sinto exatamente o mesmo. O que ele diz em voz alta, digo a mim mesma em silêncio e escrevo aqui. O que se pode construir no deserto? Às vezes, depois de um dia em que já fizemos amor muitas vezes, me pergunto se não é possível chegar ao fim do sexo, e sei que ele está se perguntando o mesmo e tem medo daquele ponto onde começa o deserto. O que faremos no deserto se perdermos um ao outro? Como continuar vivendo depois disso?

Ele tem ciúme do passado, do presente e do futuro. Seu amor é como um cinto de castidade medieval: só quando ele está lá comigo, dentro de mim, ele se sente seguro. Se eu pudesse fazê-lo sentir-se seguro, poderíamos conhecer um amor pacífico, alegre, não esse amor furioso e desmedido, e o deserto desapareceria de vista. Por toda a vida, talvez.

Se a pessoa conseguisse acreditar em Deus, ele preencheria o deserto?

Sempre quis ser querida ou admirada. Sinto uma insegurança terrível se um homem se volta contra mim, se perco um amigo. Não quero nem mesmo perder um marido. Quero tudo, o tempo todo, em todos os lugares. Tenho medo do deserto. Deus ama você, dizem nas igrejas, Deus é tudo. Pessoas que acreditam nisso não precisam de admiração, não precisam dormir com um homem, sentem-se seguras. Mas não consigo inventar uma crença.

Hoje Maurice foi doce comigo o dia inteiro. Ele me diz com frequência que nunca amou tanto outra mulher. Ele acha que, ao dizer isso muitas vezes, vai me fazer acreditar. Mas acredito simplesmente porque o amo exatamente da mesma maneira. Se deixasse de amá-lo, deixaria de acreditar em seu amor. Se amasse a Deus, acreditaria em Seu amor por mim. Não basta precisar. Temos que amar primeiro, e eu não sei como. Mas eu preciso disso, preciso muito.

O dia todo ele foi doce. Apenas uma vez, quando o nome de um homem foi mencionado, vi seus olhos se afastarem. Ele acha que ainda durmo com outros homens — e, se dormisse, isso teria tanta importância? Se às vezes ele tem uma mulher, eu me queixo? Eu não o privaria de alguma companhiazinha no deserto se não pudéssemos ter um ao outro lá. Às vezes penso que, se chegasse a hora, ele me recusaria até mesmo um copo d'água; ele me levaria a um isolamento tão completo que eu ficaria sozinha sem nada nem ninguém — como uma eremita, mas os eremitas nunca ficavam sozinhos, ou assim dizem. Estou muito confusa. O que estamos fazendo um com o outro? Porque sei que estou fazendo com ele exatamente o que ele está fazendo comigo. Às vezes somos tão felizes, e nunca em nossas vidas

conhecemos mais infelicidade. É como se estivéssemos trabalhando juntos na mesma estátua, desbastando-a com a tristeza um do outro. Mas eu nem sequer sei o que estamos esculpindo.

17 de junho de 1944.

Ontem fui para casa com ele e fizemos as coisas de costume. Não tenho coragem de abandoná-las, mas gostaria, porque agora que escrevo já é amanhã e tenho medo de chegar ao fim de ontem. Enquanto continuar escrevendo, ontem é hoje e ainda estamos juntos.

Enquanto eu esperava por ele ontem, falaram oradores no parque: os trabalhistas independentes e os comunistas, e o homem que apenas conta piadas, e havia um homem atacando o cristianismo. Sociedade Racionalista do Sul de Londres, algum nome assim. Teria sido um homem bonito, não fossem as manchas que cobriam uma de suas bochechas. Havia muito poucas pessoas em sua audiência e ninguém que o apertasse com perguntas. Ele estava atacando algo já morto, e me perguntei por que se dava ao trabalho. Não fui embora e o escutei por alguns minutos: ele rebatia argumentos em favor da existência de um Deus. Eu realmente desconhecia a existência de qualquer um deles — exceto essa necessidade covarde que sinto de não estar sozinha.

Tive um medo súbito de que Henry houvesse mudado de ideia e mandado um telegrama dizendo que retornaria para casa. Nunca sei qual é o meu maior medo: minha decepção ou a decepção de Maurice. Funciona da mesma forma para nós dois: nós nos provocamos. Estou irritada comigo, e ele está irritado comigo. Fui para casa e não havia nenhum telegrama, e me atrasei dez minutos para encontrar Maurice e comecei a ficar irritada para enfrentar a irritação dele e então, inesperadamente, ele foi gentil comigo.

Nunca tínhamos tido um dia tão longo antes, e havia toda a noite pela frente. Compramos alface e pãezinhos e a porção racionada de manteiga — não queríamos comer muito e estava muito quente. Também está quente agora: todo mundo vai dizer, que verão adorável, e estou em um trem indo para o interior para me juntar a Henry, e tudo acabou para sempre. Estou com medo: este é o deserto e não há ninguém, nada, por quilômetros e quilômetros ao redor. Se eu estivesse em Londres, poderia ser morta rapidamente, mas se estivesse em Londres, iria ao telefone e ligaria para o único número que sei de cor. Muitas vezes esqueço o meu: suponho que Freud diria que quero esquecê-lo porque é o número de Henry também. Mas eu amo Henry: quero que ele seja feliz. Só o odeio hoje porque *ele* está feliz, eu não, e Maurice não, e ele não vai saber de nada. Ele dirá que pareço cansada e achará que estou naqueles dias, mas nem sequer se preocupa mais em contá-los.

Esta noite as sirenes tocaram — quero dizer, ontem à noite, é claro, mas o que isso importa? No deserto não há tempo. Mas posso sair do deserto quando quiser. Posso pegar um trem para casa amanhã e ligar para ele. Henry

ainda estará no campo, talvez, e podemos passar a noite juntos. Uma promessa não é tão importante assim — uma promessa para alguém que nunca conheci, para alguém em quem não acredito de fato. Ninguém vai saber que eu quebrei uma promessa, exceto eu e Ele — e Ele não existe, existe? Ele não pode existir. Você não pode ter um Deus misericordioso e esse desespero.

Se eu voltasse, onde estaríamos? Onde estávamos ontem antes das sirenes soarem, e no ano anterior. Irritados um com o outro por medo do fim, imaginando o que deveríamos fazer da vida quando não restava mais nada. Não preciso mais me perguntar — não há mais nada a temer. Este é o fim. Mas, querido Deus, o que devo fazer com esse desejo de amar?

Por que escrevo “querido Deus”? Ele não é querido — não, para mim ele não é. Se ele existe, então colocou o pensamento desse juramento em minha mente e eu o odeio por isso. Odeio. A cada poucos minutos, uma igreja de pedra cinza e uma taverna correm para trás ao longo da linha: o deserto está cheio de igrejas e pubs. E várias lojas, e homens em bicicletas, e relva, vacas e chaminés de fábricas. Você os vê através da areia como peixes através da água em um tanque. E Henry também espera no tanque, levantando o focinho para o meu beijo.

Não prestamos atenção às sirenes. Elas não importavam. Não tínhamos medo de morrer dessa maneira. Mas então os ataques aéreos prosseguiram e prosseguiram. Não foi um ataque comum: os jornais ainda não têm permissão para falar, mas todo mundo sabe. Essa era a nova coisa sobre a qual havíamos sido avisados. Maurice desceu para ver se havia alguém no porão — ele temia por mim e eu temia por ele. Eu sabia que algo iria acontecer.

Não fazia dois minutos que ele havia saído quando houve uma explosão na rua. Seu quarto ficava nos fundos e nada aconteceu, exceto que o vento da explosão abriu a porta e um pouco de gesso caiu, mas eu sabia que ele estava na parte da frente da casa quando a bomba caiu. Desci as escadas: estavam cobertas de escombros e corrimões quebrados, e o hall estava uma bagunça horrível. Não vi Maurice a princípio, mas depois vi seu braço saindo por debaixo da porta. Toquei sua mão: poderia jurar que estava morta. Quando duas pessoas se amaram, não conseguem disfarçar a falta de ternura em um beijo — e não teria eu reconhecido a vida se ainda lhe restasse algo dela ao tocar sua mão? Eu sabia que se pegasse sua mão e a puxasse para mim, ela sairia, sozinha, de debaixo da porta. Agora, é claro, eu sei que isso era histeria. Enganei-me. Ele não estava morto. A pessoa é responsável pelo que promete na histeria? Ou pelas promessas que quebra? Estou histérica agora, escrevendo tudo isso. Mas não há uma única pessoa em lugar algum a quem eu possa sequer dizer que estou infeliz porque me perguntariam o motivo e o interrogatório começaria e eu desmoronaria. Não posso desmoronar, preciso proteger Henry. Ah, para o inferno com Henry, para o inferno com Henry. Quero alguém que aceite a verdade sobre mim e não

precise de proteção. Se eu sou uma puta e uma farsa, não haverá alguém que amará uma puta e uma farsa?

Ajoelhei-me no chão: eu estava louca para fazer uma coisa dessas: nem quando criança precisei fazer uma coisa assim — meus pais nunca acreditaram em oração mais do que eu. Eu não tinha ideia do que dizer. Maurice estava morto. Extinto. Não havia uma coisa chamada alma. Mesmo a meia felicidade que eu lhe dei havia sido drenada para fora dele como sangue. Ele nunca teria a chance de ser feliz novamente. Com qualquer pessoa, pensei; outra pessoa poderia tê-lo amado e tê-lo feito mais feliz do que eu consegui, mas agora ele não terá essa chance. Ajoelhei-me e coloquei a cabeça na cama e desejei poder acreditar. Querido Deus, eu disse — por que querido, por que querido? —, me faça acreditar. Eu não sou capaz de crer. Me faça acreditar. Eu disse: sou uma puta e uma farsa e me odeio. Não consigo me tornar alguém de quem me orgulho. Me *faça* acreditar. Fechei os olhos com força e pressionei as unhas nas palmas das mãos até não sentir nada além da dor, e disse: vou acreditar. Poupe a vida de Maurice, e eu *acreditarei*. Dê uma chance a ele! Deixe que ele tenha sua felicidade. Faça isso e eu acreditarei. Mas não foi suficiente. Não dói acreditar. Então eu disse: eu o amo e farei qualquer coisa se você o deixar vivo. Eu disse bem devagar: vou me afastar dele para sempre, só deixe-o ficar vivo por um golpe de sorte, e apertei e apertei os dedos e pude sentir a pele se rasgar, e eu disse: as pessoas podem amar sem se ver, não podem? Elas amam Você por toda a vida sem O ver, e então ele entrou pela porta, e ele estava vivo, e pensei: agora a agonia de estar sem ele começa, e desejei que ele retornasse em segurança à sua condição de morto debaixo da porta.

9 de julho de 1944.

Peguei o trem das 8h30 com Henry. Vagão de primeira classe vazio. Henry leu em voz alta os processos da Comissão Real. Pegamos um táxi em Paddington, e ele deixou Henry no Ministério. Fiz com que ele promettesse estar em casa à noite. O taxista cometeu um erro e me levou para a face sul, passando pelo número 14. Porta consertada e janelas da frente cobertas com tapume. É horrível sentir-se morta. A pessoa quer se sentir viva novamente de qualquer maneira. Quando cheguei à face norte, havia cartas antigas que não tinham sido encaminhadas porque eu lhes dissera para “não encaminhar nada”. Antigos catálogos de livros, contas antigas, uma carta marcada “Urgente. Favor encaminhar”. Eu queria abri-la e ver se eu ainda estava viva, mas rasguei junto com os catálogos.

10 de julho de 1944.

Pensei: não estarei quebrando minha promessa se encontrar Maurice por acaso no parque. Então saí depois do café da manhã e de novo depois do almoço e de novo no início da noite, andando a esmo sem nunca o ver. Não podia ficar fora depois das seis porque Henry tinha convidados para o jantar. Mais uma vez, os oradores apareceram no parque como em junho, e o homem com as manchas no rosto ainda atacava o cristianismo e ninguém lhe dava atenção. Pensei: se ao menos ele pudesse me convencer que você não tem que manter uma promessa a alguém em quem você não acredita, que milagres não acontecem, e fui até lá e passei um tempo ouvindo-o, mas o tempo todo ficava olhando em volta para o caso de Maurice aparecer. Ele falou sobre a datação dos Evangelhos e como o mais antigo havia sido escrito mais de cem anos após o nascimento de Cristo. Eu nunca havia me dado conta de que eram tão antigos assim, mas não conseguia ver a importância de quando a lenda começou. E então ele nos disse que Cristo nunca afirmou ser Deus nos Evangelhos — mas haveria de fato um homem tal como Cristo? E o que importavam os Evangelhos de qualquer maneira, em comparação com essa dor de permanecer à espera e não ver Maurice? Uma mulher de cabelos grisalhos distribuía pequenos cartões nos quais estava impresso seu nome, Richard Smythe, e seu endereço na Cedar Road, e todos eram convidados a aparecer e falar com ele em privado. Algumas pessoas se recusavam a pegar os cartões e se afastavam como se a mulher estivesse pedindo uma doação, e outros os jogavam na grama (eu a vi pegar alguns, por uma questão de economia, suponho). Parecia muito triste — as manchas horríveis, e falar sobre algo que não interessava a ninguém, e os cartões jogados fora eram como ofertas de amizade recusadas. Coloquei o cartão no bolso e torci para que ele me visse fazer isso.

Sir William Mallock veio para o jantar. Ele foi um dos conselheiros de Lloyd George na Seguridade Nacional, muito antigo e importante. Claro que Henry já não tem nada a ver com pensões, mas ele conserva seu interesse pelo assunto e gosta de lembrar daqueles dias. Não era nas pensões das viúvas que ele trabalhava quando Maurice e eu jantamos pela primeira vez e tudo começou? Henry iniciou uma longa discussão com Mallock, cheia de estatísticas sobre se, caso as pensões das viúvas aumentassem mais um xelim, elas atingiriam o mesmo patamar de dez anos atrás. Eles discordaram sobre o custo de vida, e foi uma discussão muito acadêmica, porque ambos disseram que o país não suportaria de qualquer maneira um aumento. Eu precisava conversar com o chefe de Henry no Ministério de Segurança Interna e não conseguia pensar em nada sobre o que falar a não ser os VI, e de repente desejei contar a todos sobre ter descido a escada e encontrado Maurice enterrado. Queria dizer que estava nua, claro, porque não tivera

tempo de me vestir. Será que sir William Mallock teria chegado a virar a cabeça em minha direção? Henry teria ouvido? Ele tem um talento maravilhoso para não ouvir nada além do assunto em questão, e o assunto em questão naquele momento era o índice de custo de vida de 1943. Eu estava nua, era o que eu queria dizer, porque Maurice e eu havíamos passado a noite fazendo amor.

Olhei para o chefe de Henry. Era um homem chamado Dunstan. Ele tinha o nariz quebrado e seu rosto surrado parecia um erro de oleiro — um rosto rejeitado para exportação. Tudo o que ele faria, pensei, seria sorrir: não ficaria zangado nem indiferente — aceitaria isso como algo que os seres humanos fazem. Tive a sensação de que só precisava fazer um movimento, e ele responderia. Eu me perguntei: por que não deveria? Por que não deveria escapar deste deserto nem que fosse por meia hora? Não prometi nada quanto a estranhos, apenas quanto a Maurice. Não posso ficar sozinha pelo resto da minha vida com Henry, sem que alguém me admire, sem que ninguém se excite comigo, ouvindo Henry conversar com outras pessoas, tornando-me um fóssil sob o gotejar da conversa como aquele chapéu-coco nas cavernas de Cheddar.

15 de julho de 1944.

Almocei com Dunstan no Jardin des Gourmets. Ele disse que...

21 de julho de 1944.

Bebi com Dunstan em casa, enquanto ele esperava por Henry. Tudo se encaminhou para...

22 de julho de 1944.

Jantei com D. Ele veio para cá depois para outro drinque. Mas não funcionou, não funcionou.

23-30 de julho de 1944.

D. telefonou. Disse que não queria mais vê-lo. Sequência de viagens com Henry. Defesa Civil^[4] no sul da Inglaterra. Conferências com fiscais-chefes e engenheiros de distrito. Problemas de explosões. Problemas de abrigo subterrâneo. O problema de fingir estar viva. Henry e eu dormindo lado a lado, noite após noite, como efígies em tumbas. No novo abrigo reforçado em Bigwell-on-Sea, o fiscal-chefe me beijou. Henry havia entrado na segunda câmara com o prefeito e o engenheiro, e eu parei o fiscal, tocando seu braço e fazendo-lhe uma pergunta sobre os beliches de aço, algo estúpido sobre por que não havia beliches duplos para os casados. Eu queria que ele quisesse me beijar. Ele me girou contra um beliche, de modo que o metal produziu um trilho de dor nas minhas costas, e me beijou. Em seguida pareceu tão surpreso que eu ri e o beijei de volta. Mas nada funcionou. Nunca mais funcionará? O prefeito voltou com Henry. Ele estava dizendo: “Apertando, podemos encontrar espaço para duzentos”. Naquela noite, quando Henry

estava em um jantar oficial, pedi à telefonista que me conseguisse o número de Maurice. Deitei na minha cama, esperando conectar. Eu disse a Deus: mantive minha promessa por seis semanas. Não posso acreditar em você, não posso te amar, mas cumpri minha promessa. Se eu não voltar à vida, serei uma vagabunda, apenas uma vagabunda. Vou me destruir deliberadamente. A cada ano serei mais usada. Você vai gostar mais disso do que se eu quebrar minha promessa? Serei como aquelas mulheres nos bares que riem demais e têm três homens a tiracolo, tocando-os sem intimidade. Já estou desmoronando.

Mantive o fone preso no ombro, e a telefonista falou: “Estamos ligando para o seu número agora”. Eu disse a Deus: Se ele atender, volto amanhã. Eu sabia exatamente onde o telefone estava, ao lado de sua cama. Uma vez eu o derrubara durante o sono com meu punho. A voz de uma garota disse: “Olá”, e quase desliguei. Meu desejo era que Maurice fosse feliz, mas queria eu que ele encontrasse a felicidade assim tão rápido? Eu me senti um tanto enjoada até que a lógica veio ao meu socorro e fiz meu cérebro debater comigo: por que ele não deveria? Você o deixou: você quer que ele seja feliz. Eu disse: “Posso falar com o sr. Bendrix?”. Mas tudo havia murchado. Talvez ele nem quisesse que eu quebrasse minha promessa agora: talvez tivesse encontrado alguém que ficasse com ele, comesse com ele, fosse com ele a lugares, dormisse com ele noite após noite até que fosse gostoso, uma coisa do dia a dia, que atendesse o telefone para ele. Então a voz disse: “O sr. Bendrix não está. Ele saiu por algumas semanas: tomei o apartamento emprestado”.

Eu desliguei. Num primeiro momento, fiquei feliz, mas depois me senti infeliz de novo. Eu não sabia onde ele estava. Não estávamos em contato. No mesmo deserto, procurando os mesmos poços que matassem nossa sede, talvez, mas fora de vista, sempre sozinhos. Pois não seria um deserto se estivéssemos juntos. Eu disse a Deus: “Então é isso. Começo a acreditar em você e, se acreditar em você, vou odiá-lo. Tenho livre-arbítrio para quebrar minha promessa, não é, mas não tenho o poder de ganhar o que seja com essa quebra. Você me deixa telefonar, mas então fecha a porta na minha cara. Você me deixa pecar, mas tira os frutos do meu pecado. Você me deixa tentar escapar com D., mas não me permite desfrutar disso. Você me faz expulsar o amor e então diz que também não lhe cabe a luxúria. O que você espera que eu faça agora, Deus? Para onde eu vou daqui?”.

Quando eu estava na escola, aprendi sobre um rei — um dos Henrys, aquele que matou Becket —, e ele jurou, quando viu seu local de nascimento incendiado pelos inimigos, que, porque Deus tinha feito aquilo com ele, “porque Tu me privaste do povoado que mais amo, o lugar onde nasci e fui criado, privar-Te-ei do que mais amas em mim”. Estranho como me lembrara daquela oração depois de dezesseis anos. Um rei jurou sobre o seu cavalo setecentos anos atrás, e eu rezo isso agora, em um quarto de hotel em Bigwell-on-Sea — Bigwell Regis. Vou roubar de você, Deus, o que você mais ama em mim. Nunca soube de cor o pai-nosso, mas lembro-me

daquela... é uma prece? Do que você mais ama em mim.

O que você mais ama? Se acreditasse em você, acho que acreditaria na alma imortal, mas é isso que você ama? Você pode realmente ver isso ali, sob a pele? Mesmo um Deus não pode amar algo que não existe, não pode amar algo que não pode ver. Quando olha para mim, ele vê algo que eu não posso ver? Se ele é capaz de amá-lo, só pode ser lindo. Mas isso é me pedir para crer demais, que há algo de lindo em mim. Quero que os homens me admirem, mas esse é um truque que se aprende na escola — um movimento dos olhos, um tom de voz, um toque da mão no ombro ou na cabeça. Se eles pensam que você os admira, eles a admirarão por causa de seu bom gosto, e quando eles a admiram, por um instante você tem a ilusão de que tem algo a se admirar. Toda a minha vida tentei viver nessa ilusão — uma droga calmante que me permite esquecer que sou uma puta e falsa. Mas o que você pode, então, amar na puta e na falsa? Onde você encontra aquela alma imortal de que falaram? Onde você vê essa coisa linda em mim — em mim, dentre todas as pessoas? Posso entender que você consiga encontrar em Henry — meu Henry, quero dizer. Ele é gentil, bom e paciente. Você consegue encontrar em Maurice, que pensa que odeia, mas ama, ama o tempo todo. Até mesmo seus inimigos. Mas nesta puta, nesta farsa aqui, onde você encontra algo para amar?

Diga-me isso, Deus, e vou começar a privá-lo disso para sempre.

Como o rei cumpriu sua promessa? Gostaria de poder lembrar. Não consigo lembrar de nada mais sobre ele, apenas que deixou os monges açoitarem-no sobre o túmulo de Becket. Isso não soa como a resposta. Deve ter acontecido antes.

Esta noite Henry passará fora de novo. Se eu descer no bar e pegar um homem e levá-lo à praia e me deitar com ele entre as dunas de areia, não estarei roubando de você o que você mais ama? Mas não funciona. Não funciona mais. Não posso machucar você se eu não tiver nenhum prazer derivado disso. Eu poderia muito bem enfiar alfinetes em mim mesma, como aquelas pessoas no deserto. O deserto. Quero fazer algo que gosto e que vai machucá-lo. Caso contrário, o que é isso senão mortificação, e isso é como uma expressão de crença. E acredite em mim, Deus, eu não acredito em você ainda, eu não acredito em você ainda.

12 de setembro de 1944.

Almoço na casa de Peter Jones, luminária nova para o escritório de Henry. Um almoço afetado rodeado por outras mulheres. Nem um homem em lugar algum. Era como fazer parte de um regimento. Quase uma sensação de paz. Depois fui a um cinema de notícias na Piccadilly e vi ruínas na Normandia e a chegada de um político americano. Nada para fazer até as sete, quando Henry voltaria. Bebi uns dois drinques sozinha. Foi um erro. Tenho que parar de beber também? Se eliminar tudo, como vou existir? Eu era alguém que amava Maurice e ficava com homens e apreciava minhas bebidas. O que acontece se você largar todas as coisas que fazem de você o que você é? Henry entrou. Dava para ver que ele estava muito satisfeito com algo: obviamente queria que eu perguntasse o que era, mas não perguntei. Então, no final, teve que me dizer. “Eles estão me recomendando para receber uma O.B.E.”^[5]

“O que é isso?”, perguntei.

Ele ficou bastante arrasado por eu não saber. Explicou que o próximo estágio em um ou dois anos, quando fosse chefe de seu departamento, seria o de receber a C.B.E., “e depois disso”, disse ele, “quando me aposentar, provavelmente me darão a comenda de K.B.E.”.

“É confuso”, eu disse, “você não poderia manter as mesmas letras?”

“Você não gostaria de ser lady Miles?”, Henry disse, e pensei, irritada: Tudo que eu quero no mundo é ser a sra. Bendrix e desisti dessa esperança para sempre. Lady Miles — que não tem amante e não bebe, mas fala com sir William Mallock sobre pensões. O que seria de *mim* nesse tempo todo?

Ontem à noite olhei para Henry enquanto ele dormia. Enquanto eu fosse o que a lei considera a parte culpada, poderia observá-lo com carinho, como se ele fosse uma criança que precisasse da minha proteção. Agora que eu era o que chamavam de inocente, ficava continuamente enlouquecida por ele. Ele tinha uma secretária que às vezes lhe ligava em casa. Ela dizia: “Oh, sra. Miles, H. M. está?”. Todas as secretárias usavam aquelas iniciais insuportáveis, não íntimas, mas amigáveis. H. M., pensei, olhando para ele adormecido, H. M. *His Majesty*... e a consorte de sua Majestade. Às vezes, dormindo, ele sorria, um sorriso moderado e breve de funcionário público, como se dissesse: sim, muito divertido, mas agora é melhor continuarmos com o trabalho, não é?

Eu lhe perguntei uma vez: “Você já teve um caso com uma secretária?”

“Caso?”

“Caso amoroso.”

“Não, claro que não. O que te faz pensar numa coisa dessas?”

“Eu não sei. Só me ocorreu.”

“Nunca ameí outra mulher”, disse ele, e começou a ler o jornal

vespertino. Não pude deixar de me perguntar: meu marido é tão feio que nenhuma mulher o quis? Exceto eu, é claro. Devo tê-lo desejado, de alguma forma, em algum momento, mas esqueci a razão, e era muito jovem para saber o que estava escolhendo. É tão injusto. Enquanto amei Maurice, amava Henry, e agora que sou o que chamam de boa alma, não amo absolutamente ninguém. E Você menos ainda.

8 de maio de 1945.

Fui ao St. James's Park à noite para vê-los celebrar o Dia da Vitória na Europa. Estava muito quieto ao lado da água iluminada por holofotes entre a sede da Cavalaria e o Palácio. Ninguém gritou, cantou ou ficou bêbado. As pessoas se sentaram na grama em duplas, de mãos dadas. Suponho que estavam felizes porque havia paz e não havia mais bombas. Disse a Henry: “Não gosto da paz”.

“Estou aqui pensando: para onde vou ser deslocado do Ministério da Segurança Interna?”

“Ministério da Informação?”, perguntei, tentando me interessar.

“Não, não, eu não aceitaria. Está cheio de civis temporários. O que você acha do Ministério do Interior?”

“Qualquer coisa que o agrade, Henry”, eu disse. Em seguida, a Família Real apareceu na varanda e a multidão cantou com muito decoro. Não eram líderes como Hitler, Stalin, Churchill, Roosevelt: era apenas uma família que não fizera mal a ninguém. Queria Maurice ao meu lado. Queria começar de novo. Queria ser parte de uma família também.

“Muito comovente, não é?”, Henry disse. “Bem, todos podemos dormir em paz à noite agora”, como se sempre tivéssemos feito qualquer outra coisa à noite, além de apenas dormir em paz.

10 de setembro de 1945.

Preciso manter a sensatez. Dois dias atrás, quando estava limpando minha bolsa velha — Henry de repente me deu uma nova como um “presente de paz” — deve ter custado uma fortuna — encontrei um cartão que dizia: “Richard Smythe, Cedar Road, 16, atendimento diário das 16h às 18h para aconselhamento privado. Todos são bem-vindos”. Pensei: Já fui maltratada por tempo suficiente. Agora vou tomar um remédio diferente. Se ele puder me persuadir de que nada aconteceu, de que minha promessa não conta, escreverei para Maurice perguntando se deseja continuar. Talvez até deixe Henry. Não sei. Mas primeiro tenho que ser sensata, chega de histeria. Serei razoável. Então fui até a Cedar Road e toquei a campainha.

Agora estou tentando me lembrar do que aconteceu. A srta. Smythe fez chá e depois do chá deixou-me a sós com seu irmão. Ele me perguntou quais eram minhas dificuldades. Sentei-me em um sofá de chita, e ele sentou-se em uma cadeira um tanto dura com um gato no colo. Ele acariciava o gato e tinha mãos lindas, mas eu não gostava delas. Quase gostei mais das manchas, mas ele escolheu sentar-se me mostrando apenas a face normal.

Eu disse: “Você pode me dizer por que tem tanta certeza de que Deus não existe?”.

Ele observou suas próprias mãos acariciando o gato, e senti pena dele

porque ele tinha orgulho de suas mãos. Se seu rosto não tivesse sido marcado, talvez não tivesse tido orgulho nenhum.

“Você me ouviu falando no parque?”

“Sim”, eu disse.

“Ali eu preciso colocar as coisas de forma muito simples para incitar as pessoas a pensarem por si mesmas. Você começou a pensar por si mesma?”

“Creio que sim.”

“Você foi criada em que igreja?”

“Nenhuma.”

“Então você não é cristã?”

“Talvez tenha sido batizada... é uma convenção social, não é?”

“Se você não tem fé, por que quer minha ajuda?”

Por quê, de fato? Não podia contar a ele sobre Maurice debaixo da porta e minha promessa. Ainda não, pelo menos. E esse não era o ponto principal, pois quantas promessas fiz e quebrei na vida. Por que essa promessa permaneceu, como um vaso feio presenteado pela amiga e que se espera que uma empregada quebre, e ano após ano ela quebra as coisas que valorizamos, mas o vaso feio fica? Eu nunca tinha realmente enfrentado sua pergunta, e agora ele tinha que repeti-la.

Eu disse: “Não tenho certeza se não acredito. Mas não quero acreditar”.

“Diga-me”, ele disse, e por ter esquecido a beleza de suas próprias mãos e virado para mim sua face feia, esquecendo-se de si mesmo no desejo de ajudar, me peguei falando... sobre aquela noite, e a bomba caindo, e a promessa estúpida.

“E você realmente acredita”, disse ele, “que talvez...”

“Sim.”

“Pense nas milhares de pessoas em todo o mundo orando agora, e suas preces não são atendidas.”

“Havia milhares de pessoas morrendo na Palestina quando Lázaro...”

“Não acreditamos nessa história, acreditamos, você e eu?”, perguntou ele com uma espécie de cumplicidade.

“Claro que não, mas milhões de pessoas acreditam. Elas devem ter pensado que era razoável...”

“As pessoas não exigem que algo seja razoável se suas emoções são tocadas. Amantes não são razoáveis, são?”

“Você pode discorrer sobre o amor também?”, perguntei.

“Ah, claro”, disse ele. “Em alguns, o desejo da posse, como a avareza; em outros, o desejo de se entregar, de perder o senso de responsabilidade, o desejo de ser admirado. Às vezes, apenas o desejo de poder falar, de desabafar com alguém que não ficará entediado. O desejo de reencontrar um pai ou uma mãe. E, claro, por trás disso, o motivo biológico.”

Eu pensei: é tudo verdade, mas não há algo além? Eu trouxe à superfície tudo isso em mim, em Maurice também, mas ainda assim a pá não tocou na pedra. “E o amor de Deus?”, perguntei.

“É tudo a mesma coisa. O homem fez Deus à sua imagem, então é natural que ele o ame. Você conhece aqueles espelhos distorcidos nas feiras. O homem também fez um espelho embelezador no qual se vê belo, poderoso, justo e sábio. É a ideia que ele tem de si mesmo. Mais facilmente do que no espelho distorcido que só o faz rir, ele se reconhece em como ama a si mesmo no outro.”

Quando falou em espelhos que distorciam e embelezavam, não consegui lembrar do que estávamos falando, pois pensei em todos aqueles momentos desde a adolescência em que ele havia se visto nos espelhos e havia tentado torná-los embelezadores e não de distorção simplesmente pela maneira como mostrava a cabeça. Perguntei-me por que ele não deixava crescer uma barba longa o suficiente para esconder as manchas — o pelo não crescia ali, ou era porque odiava a ilusão? Eu tinha uma ideia de que era um homem que realmente amava a verdade, mas lá estava aquela palavra amor de novo, e era óbvio demais em quantos desejos seu amor pela verdade poderia ser dividido. Uma compensação pela lesão de seu nascimento, o desejo de poder, a vontade de ser admirado ainda mais porque o pobre rosto atormentado nunca causaria desejo físico. Tive um desejo enorme de tocá-lo com a mão, confortá-lo com palavras de amor tão permanentes quanto a ferida. Foi como quando vi Maurice debaixo da porta. Eu queria orar: oferecer algum sacrifício exagerado se ao menos ele pudesse ser curado, mas agora não havia mais nenhum sacrifício para oferecer.

“Minha cara”, disse ele, “deixe a ideia de Deus fora disso. É apenas uma questão de seu amante e seu marido. Não confunda a coisa com fantasmas.”

“Mas como faço para decidir... se não existe algo como o amor?”

“Você tem que decidir o que trará mais felicidade no longo prazo.”

“Você acredita em felicidade?”

“Eu não acredito em nenhum absoluto.”

Pensei que a única felicidade que ele alcança é esta: a ideia de que pode confortar, aconselhar, ajudar, a ideia de que pode ser útil. Isso o leva todas as semanas ao parque, para falar com pessoas que se afastam, que jamais lhe fazem perguntas, que jogam seus cartões na grama. Com que frequência alguém realmente vem como eu vim hoje? Perguntei: “Você tem muitos visitantes?”.

“Não”, foi sua resposta. Seu amor pela verdade era maior do que seu orgulho. Ele disse: “Você é a primeira... em muito tempo”.

“Foi bom conversar com você”, eu disse. “Você esclareceu bastante minha mente.” Era o único conforto que alguém poderia lhe dar: alimentar sua ilusão.

Ele disse timidamente: “Se você pudesse dispor de algum tempo, poderíamos realmente começar do início e ir à raiz das coisas. Quero dizer, aos argumentos filosóficos e às evidências históricas”.

Suponho que devo ter dado alguma resposta evasiva, pois continuou: “É muito importante. Não devemos desprezar nossos inimigos. Eles têm um

ponto”.

“Eles têm?”

“Não um ponto sólido, senão superficialmente. É ilusório.”

Ele me olhou com ansiedade. Acho que estava se perguntando se eu era uma das pessoas que saíam andando. Parecia coisa de somenos para perguntar quando disse, nervoso: “Uma hora por semana. Isso a ajudaria muito”, e pensei: não tenho todo o tempo agora? Posso ler um livro ou ir ao cinema, e não leio as palavras nem me lembro das imagens. Eu e minha própria tristeza ressoamos em meus ouvidos e enchemos meus olhos. Por um minuto, esta tarde, esqueci-me delas. “Sim”, eu disse, “voltarei. É muito bondoso de sua parte ceder esse tempo”, disse, jogando toda a esperança que podia em seu colo, orando ao Deus de quem ele prometia me curar: “Deixe-me ser útil a ele”.

2 de outubro de 1945.

Estava muito quente hoje e a chuva gotejava. Então entrei na igreja escura na esquina da Park Road para me sentar um pouco. Henry estava em casa e eu não queria vê-lo. Tento lembrar de ser gentil no café da manhã, gentil no almoço quando ele está em casa, gentil no jantar, e às vezes esqueço e ele é gentil de volta. Duas pessoas sendo gentis uma com a outra pelo resto da vida. Quando entrei e sentei e olhei em volta, percebi que era uma igreja católica, cheia de estátuas de gesso e arte ruim, arte realista. Eu odiava as estátuas, o crucifixo, toda a ênfase no corpo humano. Estava tentando escapar do corpo humano e de tudo que ele precisava. Pensava que poderia acreditar em algum tipo de Deus que não tinha nenhuma relação conosco, algo vago, amorfo, cósmico, para o qual eu havia prometido algo e do qual havia recebido algo em troca — estendendo-se do vago para a vida humana concreta, como um vapor poderoso se movendo entre as cadeiras e paredes. Certo dia eu também me tornaria parte desse vapor — escaparia de mim para sempre. E então entrei naquela igreja escura na Park Road e vi os corpos ao meu redor em todos os altares — as estátuas de gesso horríveis com seus rostos complacentes, e lembrei que acreditavam na ressurreição do corpo, o corpo que eu queria destruído para sempre. Eu tinha causado muito estrago com este corpo. Como poderia querer preservar algo dele para a eternidade, e de repente me lembrei de uma frase de Richard — sobre seres humanos inventando doutrinas para satisfazer seus desejos, e pensei em como ele está errado. Se me coubesse inventar uma doutrina, seria a de um corpo que nunca mais renasceria, que apodreceria com os vermes do ano passado. É estranho como a mente humana oscila para a frente e para trás, de um extremo a outro. Estará a verdade em algum ponto do balanço do pêndulo, em um ponto em que ele jamais descansa, não no meio perpendicular monótono onde por fim permanece suspenso como uma bandeira sem vento, mas em dado ângulo mais próximo de um extremo do que do outro? Se apenas um milagre pudesse parar o pêndulo num ângulo de

sessenta graus, seria possível acreditar que a verdade estava lá. Bem, o pêndulo balançou hoje e eu pensei, não no meu próprio corpo, mas no de Maurice. Pensei em certas linhas que a vida colocara em seu rosto, tão pessoais quanto uma linha de sua escrita: pensei em uma nova cicatriz no seu ombro que não estaria lá se ele não tivesse em certa ocasião tentado proteger o corpo de outro homem de um muro em queda. Ele não me disse por que esteve no hospital naqueles três dias: Henry me contou. A cicatriz fazia parte de seu caráter tanto quanto seu ciúme. E então pensei: será que quero que aquele corpo seja vapor (o meu, sim, mas e o dele?), e soube que queria que aquela cicatriz existisse por toda a eternidade. Mas será que meu vapor poderia amar aquela cicatriz? Então comecei a querer meu corpo, que eu odiava, mas só porque ele poderia amar aquela cicatriz. Podemos amar com nossas mentes, mas podemos amar apenas com nossas mentes? O amor se estende o tempo todo, de forma que podemos amar até com nossas unhas insensíveis: amamos até com nossas roupas, para que uma manga sinta outra manga.

Richard está certo, pensei, inventamos a ressurreição do corpo porque precisamos de nossos próprios corpos, e imediatamente aceitei que ele estava certo e que isso era um conto de fadas que contamos uns aos outros para nos consolar, eu não sentia mais ódio dessas estátuas. Eram como pinturas de cores ruins em Hans Andersen: eram como poesia ruim, mas alguém precisara escrevê-la, alguém não tão cheio de orgulho a ponto de escondê-la e não expor sua tolice. Percorri a igreja, examinando uma após a outra: diante da pior de todas — não sei quem era ela — um homem de meia-idade rezava. Ele havia colocado o chapéu-coco ao seu lado e dentro do chapéu-coco, embrulhados em jornal, havia alguns talos de salsa.

É claro que no altar também havia um corpo — um corpo tão familiar, mais familiar que o de Maurice, que nunca antes me parecera um corpo com todas as partes de um corpo, mesmo as partes que o pano na cintura escondia. Lembrei-me de um em uma igreja espanhola que visitara com Henry, onde o sangue escorria em tinta escarlate dos olhos e das mãos. Aquilo me enojara. Henry queria que eu admirasse as pilastras do século XII, mas eu estava enjoada e queria sair para o ar livre. Pensei: essas pessoas amam a crueldade. Um vapor não poderia chocar você com sangue e gritos.

Quando saí para a praça, disse a Henry: “Não posso suportar todas essas feridas pintadas”. Henry foi muito razoável — ele sempre é razoável. Ele disse: “Claro que é uma fé muito materialista. Muita magia...”.

“A magia é materialista?”, perguntei.

“Sim. Olho de salamandra, dedo de pé de rã, dedo de bebê estrangulado durante o nascimento. Não tem como haver algo mais materialista do que isso. Na missa eles ainda acreditam na transubstanciação.”

Eu sabia de tudo aquilo, mas tinha uma impressão de que isso havia mais ou menos desaparecido na Reforma, exceto para os pobres, é claro. Henry me corrigiu (quantas vezes Henry já reorganizara meus pensamentos

confusos). “O materialismo não é apenas uma postura para os pobres”, disse ele. “Alguns dos melhores cérebros foram materialistas, Pascal, Newman. Tão sutis em certas direções; tão grosseiramente supersticiosos em outras. Um dia talvez saberemos por quê: pode ser uma deficiência glandular.”

Então hoje olhei para aquele corpo material naquela cruz material, e me perguntei — o mundo poderia ter pregado um vapor ali? Um vapor, é claro, não sentia dor nem prazer. Era apenas minha superstição que imaginava que ele poderia responder às minhas orações. Querido Deus, eu dissera. Eu deveria ter dito: Querido Vapor. Disse que odeio você, mas pode-se odiar um vapor? Eu podia odiar aquela figura na Cruz com sua reivindicação de minha gratidão — “Eu sofri isso por você”, mas um vapor... E, no entanto, Richard acreditava em menos do que um vapor. Ele odiava uma fábula, ele lutava contra uma fábula, ele levava uma fábula a sério. Eu não podia odiar João e Maria, não podia odiar sua casa de açúcar como ele odiava a lenda do céu. Quando eu era criança, conseguia odiar a Rainha Má em Branca de Neve, mas Richard não odiava seu Diabo de conto de fadas. O Diabo não existia e Deus não existia, mas todo o seu ódio era pelo bom conto de fadas, não pelo mau. Por quê? Ergui os olhos para aquele corpo excessivamente familiar, esticado em dor imaginária, a cabeça caída como a de um homem adormecido. Pensei: às vezes eu havia odiado Maurice, mas será que o teria odiado se não o tivesse amado também? Ó Deus, se eu realmente pudesse odiar você, o que isso significaria?

Sou materialista, afinal?, me perguntei. Será que tenho alguma deficiência glandular a ponto de não me interessar nada pelas coisas e causas não supersticiosas realmente importantes — como a Comissão de Caridade e o índice do custo de vida e calorias melhores para a classe trabalhadora? Sou materialista porque acredito na existência independente daquele homem com o chapéu-coco, no metal da cruz, nessas mãos com as quais não posso orar? Suponhamos que Deus existiu mesmo, suponhamos que ele foi um corpo assim, o que há de errado em acreditar que seu corpo existiu tanto quanto o meu? Alguém poderia amá-lo ou odiá-lo se ele não tivesse tido um corpo? Não posso amar um vapor que foi Maurice. Isso é grosseiro, isso é bestial, isso é materialista, eu sei, mas por que não posso ser bestial e grosseira e materialista? Saí da igreja numa fúria flamejante e, desafiando Henry e todos os arrazoados e incrédulos, fiz o que tinha visto as pessoas fazerem nas igrejas espanholas: mergulhei o dedo na assim chamada água benta e fiz uma espécie de cruz na testa.

10 de janeiro de 1946.

Não aguentei ficar em casa hoje à noite, então saí para a chuva. Lembrei-me da vez em que enfiara as unhas nas palmas das mãos, e não sabia, mas Você se manifestou na dor. Eu disse: “Que ele esteja vivo”, não acreditando em Você, e minha descrença não fez diferença para Você. Você a recebeu em Seu amor e a aceitou como uma oferenda, e esta noite a chuva encharcou meu casaco e minhas roupas e minha pele, e estremeci de frio, e foi pela primeira vez como se quase O amasse. Caminhei sob Suas janelas na chuva e quis esperar a noite toda debaixo delas só para mostrar que afinal podia aprender a amar e não tinha mais medo do deserto porque Você estava lá. Voltei para casa e lá estava Maurice com Henry. Era a segunda vez que Você o devolvia: na primeira vez eu O havia odiado por isso e Você tomara meu ódio como tomara minha descrença em Seu amor, guardando-os para me mostrar mais tarde, para que ambos pudéssemos rir — como às vezes eu ria de Maurice, dizendo: “Você se lembra de como éramos estúpidos...?”.

18 de janeiro de 1946.

Eu estava almoçando com Maurice pela primeira vez em dois anos — eu havia telefonado e pedido a ele para me encontrar —, e meu ônibus ficou preso no trânsito em Stockwell e me atrasei dez minutos. Por um instante, senti o medo que sempre sentia nos velhos tempos, de que algo acontecesse para estragar o dia, que ele ficasse com raiva de mim. Mas eu não tinha desejo algum de tomar a dianteira agora com minha própria raiva. A exemplo de muitas outras coisas, a capacidade de sentir raiva parece morta em mim. Eu queria vê-lo e perguntar sobre Henry. Henry tem estado estranho ultimamente. Foi estranho da parte dele sair para beber em um pub com Maurice. Henry só bebe em casa ou em seu clube. Achei que pudesse ter conversado com Maurice. É estranho se ele estiver preocupado comigo. Nunca houve menos motivo para preocupação desde que nos casamos. Mas quando eu estava com Maurice, não parecia haver outro motivo para estar com ele exceto estar com ele. Não descobri nada sobre Henry. De vez em quando, ele tentava me ferir e conseguia porque estava na verdade se machucando, e não suporto vê-lo se ferir.

Quebrei aquela velha promessa, ao almoçar com Maurice? Um ano atrás, eu teria pensado assim, mas não penso assim agora. Eu era muito literal naquela época porque tinha medo, porque não sabia do que se tratava, porque não tinha confiança no amor. Almoçamos no Rules e fiquei feliz só por estar com ele. Apenas por um instante me senti triste: despedindo-me sobre o gradil, achei que ele fosse me beijar de novo, e quis que o fizesse, e então um acesso de tosse tomou conta de mim, e o momento passou. Eu sabia, enquanto ele se afastava, que pensava em coisas falsas de todo tipo e se feria com elas, e eu estava ferida porque ele estava ferido.

Tive vontade de chorar sem ser observada e fui à National Portrait Gallery, mas era dia de visita escolar — havia gente demais, então voltei para a Maiden Lane e entrei na igreja que está sempre muito escura para olhar quem está ao seu lado. Eu me sentei lá. Estava completamente vazia, exceto por mim e por um homenzinho que entrou e orou em silêncio em um banco atrás. Lembrei da primeira vez em que havia estado em uma dessas igrejas e como havia odiado aquilo. Não rezei. Eu já havia orado com muita frequência outrora. Disse a Deus, como poderia ter dito a meu pai, se pudesse por acaso me lembrar de ter tido um: Querido Deus, estou cansada.

3 de fevereiro de 1946.

Hoje eu vi Maurice, mas ele não me viu. Ele estava a caminho do Pontefract Arms, e o segui. Eu havia passado uma hora na Cedar Road — uma longa hora interminável tentando acompanhar os argumentos do pobre Richard e só obtendo deles um senso de crença invertida. Poderia alguém ser

tão sério, tão combativo a respeito de uma lenda? Quando eu entendia alguma coisa que fosse, era algum fato estranho que desconhecia e que pouco parecia ajudar em sua argumentação. Como a evidência de que havia existido um homem chamado Cristo. Saí de lá me sentindo cansada e desesperançada. Eu o tinha procurado para me livrar de uma superstição, mas toda vez que o visitava seu fanatismo fixava a superstição ainda mais. Eu o estava ajudando, mas ele não estava me ajudando. Ou estava? Por uma hora, mal havia pensado em Maurice, mas de repente lá estava ele, atravessando o fim da rua.

Eu o segui por todo o caminho, mantendo-o à vista. Tantas vezes estivéramos juntos no Pontefract Arms. Eu sabia para qual bar iria, o que pediria. Devo ir atrás dele, pensei, e fazer o meu pedido e vê-lo se virar, e assim tudo recomençaria? As manhãs seriam cheias de esperança porque eu poderia telefonar para ele assim que Henry partisse, e haveria noites pelas quais aguardar quando Henry me avisasse que chegaria tarde em casa. E talvez agora eu deixasse Henry. Eu fizera o meu melhor. Não tinha dinheiro para dar a Maurice, e seus livros rendiam pouco mais do que o suficiente para ele próprio se manter, mas apenas com a datilografia, comigo para ajudá-lo, economizaríamos cinquenta libras por ano. Não tenho medo da pobreza. Às vezes é mais fácil viver com o dinheiro contado do que deitar para dormir com a cabeça pesada.

Fiquei na porta e o observei ir até o bar. Se ele se virar e me vir, disse a Deus, eu entro, mas ele não se virou. Comecei a caminhar para casa, mas não conseguia mantê-lo longe de meus pensamentos. Por quase dois anos havíamos sido estranhos. Eu não sabia o que ele fazia a qualquer hora particular do dia, mas agora ele não era mais um estranho porque eu sabia, como antigamente, onde ele estava. Ele tomaria mais uma cerveja e então voltaria para aquele cômodo que eu conhecia tão bem para escrever. Os hábitos de seu dia ainda eram os mesmos, e eu os amava como se ama um casaco velho. Eu me senti protegida por seus hábitos. Eu nunca desejo a estranheza.

E pensei: como posso fazê-lo feliz e com que facilidade. Desejei novamente vê-lo rir de felicidade. Henry estava fora. Ele tivera um almoço marcado para depois do escritório e tinha telefonado para dizer que não estaria em casa antes das sete. Eu esperaria até seis e meia e depois telefonaria para Maurice. Eu diria: estou indo esta noite e em todas as outras noites. Estou cansada de ficar sem você. Eu faria a mala grande azul e a pequena marrom. Eu levaria roupas suficientes para um mês de férias. Henry era civilizado e, ao final de um mês, os aspectos legais teriam sido resolvidos, a amargura imediata terminaria e qualquer outra coisa na casa de que eu precisasse poderia ser buscada à vontade. Não haveria muito a amargar: não era como se ainda fôssemos amantes. O casamento se tornara amizade, e a amizade depois de um tempo poderia continuar a mesma de antes.

De repente, me senti livre e feliz. Não vou mais me preocupar com você,

disse a Deus enquanto cruzava o parque, se você existe ou não, se deu uma segunda chance a Maurice ou se imaginei tudo. Talvez esta seja a segunda chance que pedi para ele. Vou fazê-lo feliz, esse é minha segunda promessa, Deus, e me pare se você puder, me pare se você puder.

Subi para o meu quarto e comecei a escrever para Henry. Henry, meu querido, escrevi, mas isso soava hipócrita. Meu amado era uma mentira, então tinha que ser como um conhecido: “Caro Henry”. Então: “Caro Henry”, escrevi, “temo que isso seja um choque grande para você, mas pelos últimos cinco anos estive apaixonada por Maurice Bendrix. Há dois anos praticamente não nos vemos, nem nos correspondemos, mas não dá certo. Não posso viver feliz sem ele, então fui embora. Sei que não tenho sido uma boa esposa há muito tempo e não lhe tenho sido amante desde junho de 1944, então não está sendo bom para ninguém. Houve um momento em que pensei que poderia simplesmente ter esse caso de amor e ele arrefeceria aos poucos e de maneira satisfatória, mas não funcionou assim. Amo Maurice mais do que amava em 1939. Tenho sido infantil, suponho, mas agora percebo que, mais cedo ou mais tarde, a pessoa tem de fazer uma escolha ou cria transtorno em todas as direções. Adeus. Que Deus o abençoe”. Risquei “Que Deus o abençoe” profundamente para que não pudesse ser lido. Pareceria presunçoso e, de qualquer maneira, Henry não acredita em Deus. Então eu quis colocar Com amor, mas as palavras pareciam inadequadas, embora eu soubesse que eram verdade. Amo Henry do meu jeito esfarrapado.

Coloquei a carta em um envelope e marquei como Muito Pessoal. Achei que isso alertaria Henry para não abrir na presença de alguém — pois ele poderia trazer um amigo para casa, e eu não queria que seu orgulho fosse ferido. Peguei a mala e comecei a arrumá-la, e de repente pensei: onde coloquei a carta? Encontrei-a de imediato, mas então pensei: suponhamos que na minha pressa eu me esqueça de colocá-la no corredor e Henry espere indefinidamente que eu volte para casa. Então eu a levei para o andar de baixo para colocá-la no corredor. A mala estava quase pronta — apenas um vestido de noite para dobrar, e faltava ao menos meia hora ainda para que Henry chegasse.

Eu tinha acabado de colocar a carta no aparador do corredor em cima da correspondência vespertina quando ouvi uma chave na porta. Peguei-a de novo, não sei por quê, e então Henry entrou. Ele parecia doente e incomodado. Ele disse: “Oh, você está aqui?” e passou direto por mim e entrou em seu escritório. Esperei um instante e então o segui. Pensei: vou ter que entregar a carta para ele agora; vai exigir mais coragem. Quando abri a porta, vi-o sentado em sua cadeira diante da lareira que não se preocupava em acender, e estava chorando.

“O que foi, Henry?”, perguntei. Ele disse: “Nada, estou com uma dor de cabeça forte, só isso”.

Acendi o fogo para ele. Eu disse: “Vou pegar um Veganin para você”.

“Não se preocupe”, disse ele. “Já está melhor.”

“Como foi o dia?”

“Ah, quase o mesmo de sempre. Um pouco cansativo.”

“Com quem você almoçou?”

“Bendrix.”

“Bendrix?”, repeti.

“Por que não Bendrix? Ele me ofereceu um almoço em seu clube. Um almoço horrível.”

Eu me aproximei por trás dele e coloquei a mão em sua testa. Era uma coisa estranha de se fazer antes de deixá-lo para sempre. Ele costumava fazer isso comigo no início de nosso casamento, quando eu tinha terríveis dores de cabeça nervosas porque nada estava dando certo. Esqueci por um momento que só *fingia* ser curada dessa forma. Ele ergueu a própria mão e pressionou a minha com mais força contra sua testa. “Eu te amo”, disse ele. “Você sabe disso?”

“Sim”, eu disse. Eu poderia tê-lo odiado por dizer isso: era como uma reivindicação. Se você realmente me amasse, pensei, se comportaria como qualquer outro marido ferido. Você ficaria com raiva e sua raiva me libertaria.

“Não consigo viver sem você”, disse ele. Ah, sim, você consegue, quis protestar. Será inconveniente, mas você consegue. Você trocou de jornal uma vez e logo se acostumou. Estas são palavras, palavras convencionais de um marido convencional, e não significam absolutamente nada: então olhei para seu rosto no espelho e ele ainda estava chorando.

“Henry”, eu disse, “o que há de errado?”

“Nada. Eu lhe disse.”

“Não acredito em você. Aconteceu alguma coisa no escritório?”

Ele disse com estranha amargura: “O que poderia ter acontecido?”

“Bendrix o aborreceu de alguma forma?”

“Claro que não. Como poderia?”

Eu queria tirar sua mão, mas ele a manteve ali. Eu estava com medo do que ele diria em seguida: dos fardos insuportáveis que estava depositando em minha consciência. Maurice já estaria em casa agora: se Henry não tivesse entrado, eu estaria com ele em cinco minutos. Teria visto felicidade em vez de infelicidade. Se você não vê a infelicidade, não acredita nela. Você pode causar dor a qualquer pessoa à distância. Henry disse: “Minha querida, não tenho sido um bom marido”.

“Eu não sei o que você quer dizer com isso”, eu respondi.

“Sou entediante para você. Meus amigos são chatos. Não fazemos mais... você sabe... nada juntos.”

“Isso sempre acaba em algum momento”, eu disse, “em qualquer casamento. Somos bons amigos.” Essa seria a minha linha de fuga. Quando ele concordasse, eu lhe entregaria a carta, diria o que estava prestes a fazer, sairia andando de casa. Mas ele perdeu a deixa, e ainda estou aqui, e a porta se fechou novamente para Maurice. Só que não posso culpar Deus desta vez.

Eu mesma fechei a porta. Henry disse: “Jamais conseguirei pensar em você como uma amiga. Você pode viver sem um amigo”, e ele olhou para mim pelo espelho e disse: “Não me deixe, Sarah. Aguarde mais alguns anos. Vou tentar...”, mas ele mesmo não conseguia pensar no que tentaria. Ah, teria sido melhor para nós dois se eu o tivesse deixado anos atrás, mas não posso golpeá-lo quando está neste lugar, e agora ele sempre estará neste lugar porque eu vi como é sua infelicidade.

Eu disse: “Não vou deixar você. Prometo”. Outra promessa a cumprir, e quando a fizera, não aguentava mais ficar com ele. Ele havia vencido e Maurice havia perdido, e eu o odiei por sua vitória. Teria eu odiado Maurice pela vitória dele? Subi as escadas e rasguei a carta em pedaços tão pequenos que ninguém conseguiria montá-la de novo, e chutei a mala para debaixo da cama porque estava cansada demais para começar a desfazê-la, e comecei a escrever isto. A dor de Maurice impregna sua escrita: você pode ouvir os nervos se contraindo em suas frases. Bem, se a dor pode fazer um escritor, também estou aprendendo, Maurice. Gostaria de poder conversar com você apenas uma vez. Não posso conversar com Henry. Não consigo conversar com ninguém. Querido Deus, deixe-me falar.

Ontem comprei um crucifixo, um barato e feio porque precisava dele bem rápido. Corei quando o pedi. Alguém poderia ter me visto na loja. Elas deviam ter vidros opacos em suas portas, como as lojas de contraceptivos. Quando tranco a porta do meu quarto, posso retirá-lo do fundo da minha caixa de joias. Gostaria de saber uma oração que não fosse eu, eu, eu. Ajude-me. Permita-me ser mais feliz. Permita-me morrer logo. Eu, eu, eu.

Permita-me pensar naquelas manchas horríveis do rosto de Richard. Permita-me ver o rosto de Henry empapado de lágrimas. Permita-me me esquecer. Querido Deus, tentei amar e fiz uma baita bagunça. Se eu pudesse amar você, saberia como amá-los. Eu acredito na lenda. Eu acredito que você nasceu. Eu acredito que você morreu por nós. Eu acredito que você é Deus. Ensine-me a amar. Eu não me importo com a minha dor. É a dor deles que não suporto. Permita que minha dor continue indefinidamente, mas pare a deles. Querido Deus, se apenas você pudesse descer de sua Cruz por um tempo e me deixar subir nela em seu lugar. Se eu pudesse sofrer como você, poderia me curar como você.

4 de fevereiro de 1946.

Henry tirou um dia de folga do trabalho. Não sei por quê. Ele me convidou para almoçar e fomos à National Gallery, jantamos cedo e fomos ao teatro. Ele era como um pai passando para buscar o filho na escola e levando-o para sair. Mas ele é a criança.

5 de fevereiro de 1946.

Henry está planejando uma viagem ao exterior para nós na primavera. Ele não consegue se decidir entre os castelos do Loire ou a Alemanha, onde poderia fazer um relatório sobre o moral dos alemães sob bombardeio. Não

quero que a primavera chegue nunca. Lá vou eu de novo. Eu quero. Eu não quero. Se eu pudesse amar Você, poderia amar Henry. Deus se fez homem. Ele era Henry com seu astigmatismo, Richard com suas manchas, não apenas Maurice. Se eu pudesse amar as feridas de um leproso, não poderia amar a chatice modorrenta de Henry? Mas eu me afastaria do leproso se ele estivesse aqui, suponho, do mesmo modo que me fechei e permaneci longe de Henry. Quero o dramático sempre. Imagino estar pronta para a dor de Seus cravos e não suporto vinte e quatro horas de mapas e guias Michelin. Querido Deus, não tenho jeito. Ainda sou a mesma puta e a mesma farsa. Tire-me do caminho.

6 de fevereiro de 1946.

Hoje tive uma cena terrível com Richard. Ele estava me contando sobre as contradições nas igrejas cristãs e eu tentava ouvir, mas não estava me saindo muito bem e ele percebeu. Ele me disse, de repente: “Para que você vem aqui?” e, antes que pudesse me conter, respondi: “Para ver você”.

“Achei que você viesse para aprender”, disse ele, e eu disse que era isso que eu queria dizer.

Eu sabia que Richard não acreditava em mim e pensei que seu orgulho ficaria ferido e ele ficaria com raiva, mas não ficou com raiva, de forma alguma. Levantou-se de sua cadeira de chita e veio sentar-se comigo no sofá de chita, no lado onde sua bochecha não aparecia. Ele disse: “Tem significado muito para mim ver você todas as semanas”, e então eu soube que ele faria amor comigo. Ele colocou a mão no meu pulso e perguntou:

“Você gosta de mim?”.

“Sim, Richard, claro”, eu disse, “ou não estaria aqui.”

“Quer casar comigo?”, ele perguntou, e seu orgulho o fez perguntar como se estivesse perguntando se eu aceitaria outra xícara de chá.

“Henry pode se opor”, eu disse, tentando escapar daquilo com uma risada.

“Nada vai fazer você deixar Henry?”, e pensei com raiva: Se não o deixei por Maurice, por que diabos eu deveria deixá-lo por você?

“Sou casada.”

“Isso não significa nada para mim ou para você.”

“Ah, significa, sim”, disse eu. Tinha que contar a ele algum dia. “Eu acredito em Deus”, disse, “e em todo o resto. Você me ensinou como. Você e Maurice.”

“Não estou entendendo.”

“Você sempre disse que os padres o ensinaram a descrever. Bem, pode funcionar no sentido contrário também.”

Ele olhou para suas lindas mãos — ainda as tinha. Disse muito lentamente: “Não me importo com o que acredita. Você pode acreditar em toda essa estúpida parafernália fantasiosa, no que depender de mim. Eu te amo, Sarah”.

“Sinto muito”, eu disse.

“Eu te amo mais do que odeio tudo isso. Se eu tivesse filhos com você, deixaria que os pervertesse.”

“Você não deveria dizer isso.”

“Não sou um homem rico. É o único suborno que posso oferecer, abrir mão da minha fé.”

“Estou apaixonada por outra pessoa, Richard.”

“Não pode amá-lo de verdade se você se sente presa a essa promessa tola.”

Eu disse tristemente: “Fiz o que pude para quebrá-la, mas não funcionou”.

“Você me acha um idiota?”

“Por que deveria?”

“Esperar que você ame um homem com isso.” Ele virou sua bochecha manchada para mim. “Você acredita em Deus”, disse ele. “Isso é fácil. Você é linda. Você não tem nenhuma reclamação, mas por que eu deveria amar um Deus que deu isso a um filho?”

“Richard, querido”, eu disse, “não há nada assim tão ruim...” Fechei meus olhos e encostei a boca na bochecha. Eu me senti mal por um momento porque temo deformidades, e ele ficou quieto e me deixou beijá-lo, e pensei: estou beijando a dor, e a dor pertence a Você como a felicidade nunca pertence. Eu amo Você em Sua dor. Quase pude sentir o gosto de metal e sal na pele e pensei: Como Você é bom. Você podia ter nos matado de felicidade, mas nos deixa estar com Você na dor.

Eu o senti se afastar abruptamente e abri meus olhos. Ele disse: “Adeus”.

“Adeus, Richard.”

“Não volte”, disse ele, “não suporto sua pena.”

“Não é pena.”

“Fiz papel de bobó.”

Eu fui embora. Não faria bem nenhum ficar. Não poderia dizer a ele que o invejava, carregando a marca da dor consigo daquele jeito, vendo Você no espelho todos os dias em vez dessa coisa humana enfadonha que chamamos de beleza.

10 de fevereiro de 1946.

Não tenho necessidade de escrever a Você ou de falar com Você, foi assim que comecei uma carta para Você há pouco tempo, e tive vergonha de mim mesma e rasguei-a porque parecia uma coisa tão boba escrever uma carta para Você, que sabe tudo antes que me venha à mente. Eu cheguei a amar Maurice tanto assim antes de começar a amar Você? Ou foi realmente Você que eu amei o tempo todo? Eu toquei Você quando o tocava? Poderia eu ter tocado Você se não tivesse tocado nele primeiro, tocado como nunca toquei Henry, ninguém? E ele me amou e me tocou como nunca amou e tocou qualquer outra mulher. Mas era a mim que ele amava, ou a Você? Pois

ele odiava em mim as coisas que Você odeia. Ele estava ao Seu lado o tempo todo, sem saber. Você desejou nossa separação, mas ele também desejou. Ele trabalhou por ela com sua raiva e seu ciúme, e trabalhou por ela com seu amor. Pois ele me deu tanto amor, e eu dei a ele tanto amor que, quando terminamos, logo não havia mais nada, exceto Você. Para os dois. Eu poderia ter passado uma vida inteira gastando um pouco de amor de cada vez, de pouquinho em pouquinho aqui e ali, com este ou aquele homem. Mas já na primeira vez, no hotel perto de Paddington, gastamos tudo o que tínhamos. Você estava lá, ensinando-nos a esbanjar, como Você ensinou ao homem rico, para que um dia não tivéssemos outra coisa além do Seu amor. Mas Você é muito bom para mim. Quando Lhe peço dor, Você me dá paz. Dê a ele também. Dê a ele minha paz — é ele quem mais precisa.

12 de fevereiro de 1946.

Dois dias atrás, tive uma grande sensação de paz, tranquilidade e amor. A vida seria feliz novamente, mas ontem à noite sonhei que estava subindo uma longa escada para encontrar Maurice no topo. Ainda estava feliz porque, quando chegasse ao topo da escada, íamos fazer amor. Disse-lhe que estava chegando, mas não foi a voz de Maurice que respondeu; foi a de um estranho, que tonitruava como uma sirene de nevoeiro alertando navios perdidos, e me assustei. Pensei: ele deixou o apartamento, foi embora e eu não sei onde ele está, e descendo as escadas de novo a água havia subido acima da linha da cintura e o corredor estava denso de névoa. Foi quando acordei. Não estou mais em paz. Voltei a desejá-lo como desejava antigamente. Quero comer sanduíches com ele. Quero beber com ele em um bar. Estou cansada e não quero mais sentir dor. Quero Maurice. Quero o amor humano, o amor mais corrupto e ordinário. Querido Deus, Você sabe que quero querer a Sua dor, mas não a quero agora. Livre-me dela por algum tempo, recebo-a outra hora.

LIVRO QUATRO

ERA IMPOSSÍVEL CONTINUAR A ler. Sucessivas vezes eu havia pulado passagens quando me machucavam demais. Eu quisera saber mais sobre Dunstan, embora não quisesse saber tanto assim, mas agora que tinha continuado a leitura, isso se perdera num tempo remoto, como uma data monótona da história. Não tinha importância no presente. O último registro tinha apenas uma semana. “Quero Maurice. Quero o amor humano, o amor mais corrupto e ordinário.”

É tudo o que posso dar a você, pensei. Não conheço nenhum outro tipo de amor, mas se acha que esbanjei ele por completo, está errada. Resta o suficiente para ambas as nossas vidas, e pensei naquele dia em que ela fizera as malas e eu estava aqui trabalhando, sem saber que a felicidade estava tão perto, eu estava feliz por não ter sabido e feliz por saber. Agora eu podia agir. Dunstan não importava. O fiscal-chefe não importava. Fui ao telefone e disquei o número dela.

A empregada atendeu. Eu disse: “Quem fala é o sr. Bendrix. Gostaria de falar com a sra. Miles”. Ela me disse para esperar. Fiquei sem fôlego, como se estivesse no final de uma longa corrida, enquanto esperava pela voz de Sarah, mas a voz que veio foi a da empregada me dizendo que a sra. Miles havia saído. Não sei por que não acreditei nela. Esperei cinco minutos e então, com meu lenço bem esticado sobre o bocal, liguei novamente.

“O sr. Miles está?”

“Não, senhor.”

“Posso falar com a sra. Miles, então? Quem fala é sir William Mallock.”

Houve apenas uma breve pausa antes de Sarah responder: “Boa noite. É a sra. Miles”.

“Eu sei”, eu disse, “eu conheço a sua voz, Sarah.”

“Você... Pensei...”

“Sarah”, eu disse, “estou indo ver você.”

“Não, por favor, não. Ouça, Maurice. Estou na cama. Estou falando dela agora.”

“Tanto melhor.”

“Não seja tolo, Maurice. Quero dizer que estou doente.”

“Então você vai ter que me ver. Qual é o problema, Sarah?”

“Ah, nada. Um resfriado forte. Ouça, Maurice.” Ela espaçou suas palavras lentamente, como uma governanta, e isso me irritou. “Por favor, não venha. Não posso ver você.”

“Amo você, Sarah, e estou indo.”

“Não, eu não vou estar aqui. Eu vou me levantar.” Pensei: se correr, levarei apenas quatro minutos para cruzar o parque; ela não consegue se vestir nesse intervalo. “Vou dizer à empregada para não deixar ninguém entrar.”

“Ela não tem a constituição de quem seja capaz de botar alguém pra fora. E eu teria que ser expulso, Sarah.”

“Por favor, Maurice... Peço, por favor. Faz muito tempo que não peço nada a você.”

“Exceto um almoço.”

“Maurice, não estou no melhor da minha forma. Simplesmente não posso te ver hoje. Na semana que vem...”

“Já houve muitas semanas terríveis. Eu quero te ver agora. Esta noite.”

“Por quê, Maurice?”

“Você me ama.”

“Como você sabe?”

“Não importa. Eu quero pedir a você que fique comigo.”

“Mas, Maurice, também posso responder pelo telefone. A resposta é não.”

“Não posso tocar em você pelo telefone, Sarah.”

“Maurice, meu querido, por favor. Prometa que você não virá.”

“Estou indo.”

“Escute, Maurice. Estou me sentindo muito mal. E a dor está forte esta noite. Não quero me levantar.”

“Você não precisa.”

“Eu juro que vou levantar e me vestir e sair de casa, a menos que você prometa...”

“Isso é mais importante para nós dois, Sarah, do que um resfriado.”

“Por favor, Maurice, por favor. Henry estará em casa logo.”

“Que esteja.” Eu desliguei.

Era uma noite pior do que aquela em que encontrara Henry um mês antes. Desta vez era granizo, não chuva: estava a meio caminho da neve, e a precipitação pontiaguda parecia rasgar seu caminho através das casas de botão da capa de chuva: ela obscurecia os postes de iluminação do parque, de modo que era impossível correr, e não consigo correr rápido de qualquer maneira por causa da minha perna. Desejei ter trazido comigo minha lanterna dos tempos de guerra, pois devo ter levado oito minutos para chegar à casa na face norte. Eu estava saindo da calçada para atravessar quando a porta se abriu e Sarah saiu. Pensei com felicidade: eu a tenho agora. Eu sabia com absoluta certeza que antes que a noite tivesse passado, teríamos dormido juntos novamente. E uma vez que isso se renovasse, tudo poderia acontecer. Eu nunca a tinha conhecido antes e nunca a havia amado tanto. Quanto mais sabemos, mais amamos, pensei. Eu estava de volta ao território da confiança.

Ela estava com pressa demais para me ver do outro lado da rua larga em meio ao granizo. Ela se virou para a esquerda e se afastou rapidamente. Pensei: ela vai precisar de um lugar para se sentar e então eu a alcançarei. Eu a segui a uma distância de vinte metros sem que ela olhasse para trás. Ela margeou o parque, passou pelo lago e pela livraria bombardeada, como se estivesse indo para o metrô. Bem, se fosse necessário, eu estava preparado

para falar com ela mesmo em um vagão lotado. Ela desceu a escada do metrô e subiu para os guichês, mas não trazia a bolsa consigo e quando bateu os bolsos nenhum trocado tampouco — nem mesmo o pence e meio que lhe teria permitido ficar no trem de um lado para o outro até a meia-noite. Subiu as escadas novamente e atravessou a rua onde passam os bondes. Uma guarida havia sido bloqueada, mas outra lhe tinha obviamente ocorrido. Eu me sentia triunfante. Ela estava com medo, mas não com medo de mim, estava com medo de si mesma e do que iria acontecer quando nos encontrássemos. Senti que já havia vencido o jogo e podia me dar ao luxo de sentir certa pena de minha vítima. Eu queria dizer a ela: Não se preocupe, não há nada a temer, ambos seremos felizes em breve, o pesadelo está quase acabando.

E então a perdi. Eu fora muito confiante e permitira que tomasse uma distância muito grande. Ela havia cruzado a rua vinte metros à minha frente (minha perna coxa atrasara de novo meu passo subindo as escadas), então um bonde passou entre nós e ela sumiu. Ela podia ter dobrado à esquerda na High Street ou seguido em frente pela Park Road, mas eu não conseguia vê-la. Não fiquei muito preocupado — se não a encontrasse naquele dia, a encontraria no próximo. Agora eu conhecia toda a história absurda da promessa, agora eu tinha certeza do seu amor, estava assegurado dela. Se duas pessoas se amavam, elas dormiam juntas; era uma fórmula matemática, testada e comprovada pela experiência humana.

Havia uma casa de chá A.B.C. na High Street e fui ver se ela estava lá. Não estava. Então me lembrei da igreja na esquina da Park Road e soube na mesma hora que ela havia ido para lá. Fui atrás e, como era de se esperar, lá estava ela sentada em uma das fileiras laterais, perto de um pilar e de uma estátua hedionda da Virgem. Ela não estava orando. Estava apenas sentada ali de olhos fechados. Só conseguia vê-la pela luz das velas diante da estátua, pois o lugar todo estava muito escuro. Sentei-me atrás dela como o sr. Parks e esperei. Poderia ter esperado anos agora que sabia o fim da história. Eu estava com frio, molhado e muito feliz. Eu podia até mesmo olhar com caridade para o altar e para a figura que pairava ali. Ela nos ama a ambos, pensei, mas se houver um conflito entre uma imagem e um homem, sei quem vai vencer. Eu podia colocar minha mão em sua coxa ou minha boca em seu peito; ele estava preso atrás do altar e não podia se mover para defender *sua* causa.

De repente, ela começou a tossir com a mão pressionada ao lado do corpo. Eu sabia que sentia dor e não podia deixá-la sozinha com dor. Eu me aproximei e sentei ao seu lado e coloquei a mão em seu joelho enquanto ela tossia. Pensei: Se somente com um toque pudéssemos curar. Quando o acesso acabou, ela disse: “Por favor, me deixe em paz”.

“Eu nunca vou deixar você em paz”, eu disse.

“O que deu em você, Maurice? Você não estava assim aquele dia no almoço.”

“Eu estava amargo. Eu não sabia que você me amava.”

“Por que você acha que eu amo?”, ela perguntou, mas deixou minha mão descansar em seu joelho. Eu contei-lhe então como o sr. Parkis roubara seu diário — não queria nenhuma mentira entre nós agora.

“Não foi uma coisa boa de se fazer”, disse ela.

“Não.” Ela começou a tossir de novo e depois, exausta, apoiou o ombro em mim.

“Minha querida”, eu disse, “agora tudo acabou. A espera, quero dizer. Vamos embora juntos.”

“Não”, ela disse.

Coloquei meu braço em torno dela e toquei-lhe o peito. “É aqui que começamos de novo”, eu disse. “Tenho sido um péssimo amante, Sarah. Foi a insegurança que fez isso. Eu não confiei em você. Eu não sabia o suficiente sobre você. Mas agora estou seguro.”

Ela não disse nada, mas continuava encostada em mim. Era como um assentimento. Eu disse: “Vou lhe dizer como seria melhor. Volte para casa e fique na cama por alguns dias... você não quer viajar com um resfriado assim. Vou ligar todos os dias para saber como está. Quando estiver boa o suficiente, irei ajudá-la a fazer as malas. Não vamos ficar aqui. Tenho um primo em Dorset que tem um chalé vazio que posso usar. Ficaremos lá algumas semanas e descansaremos. Vou conseguir terminar meu livro. Podemos enfrentar os advogados depois. Precisamos de um descanso, nós dois. Estou cansado e farto de ficar sem você, Sarah”.

“Eu também.” Ela falou tão baixo que eu não teria ouvido a frase se não estivesse habituado a ela, mas era como uma melodia característica que havia ecoado por todo o nosso relacionamento, desde o primeiro dia em que fizemos amor no hotel Paddington. “Eu também” se aplicava à solidão, tristezas, decepções, prazeres e desesperos, numa pretensão de compartilhar tudo.

“O dinheiro vai ficar curto”, eu disse, “mas não curto demais. Encomendaram-me uma *Vida do general Gordon*, e o adiantamento é suficiente para nos manter por três meses com conforto. A essa altura, posso entregar o romance e conseguir um adiantamento sobre ele. Ambos os livros serão lançados este ano e devem nos manter até que outro esteja pronto. Eu consigo trabalhar, com você lá. Você sabe, a qualquer momento eu vou ficar conhecido. Ainda serei um sucesso vulgar, e você odiará, eu odiarei, mas compraremos coisas e seremos extravagantes e será divertido, porque estaremos juntos.”

De repente, percebi que ela estava dormindo. Exausta da fuga, adormecera apoiada em meu ombro como o fizera tantas vezes, nos táxis, nos ônibus, nos bancos de parque. Eu fiquei quieto e a deixei em paz. Não havia nada para perturbá-la na igreja escura. As velas cabeceavam ao redor da Virgem, e não havia mais ninguém lá. A dor que crescia lentamente em meu antebraço, onde seu peso repousava, foi o maior prazer que eu já conhecera.

As crianças são supostamente influenciadas pelo que você sussurra para elas durante o sono, e comecei a sussurrar para Sarah, não alto o suficiente para acordá-la, esperando que as palavras caíssem hipnoticamente em sua mente inconsciente. “Amo você, Sarah”, sussurrei. “Ninguém nunca amou você tanto antes. Nós vamos ser felizes. Henry não se importará, exceto em seu orgulho, e o orgulho logo se cura. Ele encontrará um novo hábito para ocupar o seu lugar... talvez colecioner moedas gregas. Estamos indo embora, Sarah, estamos indo embora. Ninguém pode parar isso agora. Você me ama, Sarah”, e fiquei em silêncio ao começar a me perguntar se deveria comprar uma mala nova. Então ela acordou tossindo.

“Eu caí no sono”, disse.

“Você precisa ir para casa agora, Sarah. Está gelada.”

“Não é minha casa, Maurice”, disse ela. “Eu não quero ir embora daqui.”

“Está frio.”

“Eu não ligo para o frio. E está escuro. Eu posso acreditar em qualquer coisa no escuro.”

“Apenas acredite em nós.”

“Foi isso que eu quis dizer.” Ela fechou os olhos novamente e, olhando para o altar, pensei com triunfo, quase como se ele fosse um rival vivo: Está vendo — esses são os argumentos que vencem, e gentilmente movi meus dedos sobre o peito dela.

“Você está cansada, não está?” perguntei.

“Muito cansada.”

“Não devia ter fugido de mim daquele jeito.”

“Não era de você que eu estava fugindo.” Ela moveu o ombro. “Por favor, Maurice, vá agora.”

“Você devia estar na cama.”

“Eu estarei em breve. Não quero voltar com você. Eu só quero dizer adeus aqui.”

“Prometa que não vai ficar muito tempo.”

“Prometo.”

“E você vai telefonar para mim?”

Ela fez um meneio positivo com a cabeça, mas olhando para a sua mão, que estava no colo como algo simplesmente jogado, vi que tinha os dedos cruzados. Perguntei com desconfiança: “Você está me dizendo a verdade?”. Descruzei os dedos dela com os meus e disse: “Você não planeja fugir de mim de novo?”.

“Maurice, querido Maurice”, disse ela, “não tenho forças.” Ela começou a chorar, cravando os punhos nos olhos como uma criança faz.

“Desculpe, querido”, disse ela. “Apenas vá embora. Por favor, Maurice, tenha um pouco de misericórdia.”

Pode-se chegar ao limite da insistência e maquinação: eu não tinha como continuar com aquele apelo nos meus ouvidos. Beijei-a no cabelo grosso e embaraçado e, ao me afastar, encontrei seus lábios, borrados e salgados, no

canto da minha boca. “Deus o abençoe”, disse ela, e pensei: Foi isso que ela riscou na carta a Henry. Responde-se adeus ao adeus de outro, a menos que se trate de Smythe, e foi um ato involuntário quando repeti sua bênção para ela, mas virando-me quando saí da igreja e vendo-a encolhida ali à beira da luz das velas, como um mendigo que tivesse entrado para se aquecer, eu poderia imaginar um Deus a abençoando: ou um Deus a amando. Quando comecei a escrever nossa história, pensei que estivesse escrevendo um registro de ódio, mas de alguma forma o ódio foi sendo esquecido e tudo que sei é que, apesar de seus erros e sua falta de confiabilidade, ela era melhor do que a maioria. Ainda bem que um de nós acredita nela: ela nunca acreditou em si mesma.

NOS DIAS SEGUINTEs, TIVE de fazer um grande esforço para manter a cabeça no lugar. Estava trabalhando por nós dois agora. De manhã, determinava uma cota de no mínimo setecentas e cinquenta palavras no romance, mas geralmente conseguia alcançar mil até as onze horas. É surpreendente o efeito da esperança: o romance que se arrastara durante todo o ano anterior corria rumo ao seu fim. Eu sabia que Henry saía para trabalhar por volta das nove e meia, e a hora mais provável para ela telefonar era entre esse horário e meio-dia e meia. Henry começara a voltar para casa para almoçar (assim Parkis me dissera); não havia chance de ela telefonar novamente antes das três. Eu revisava meu dia de trabalho e escrevia minhas cartas até meio-dia e meia, e assim, por mais deprimente que fosse, me via livre da expectativa. Até as duas e meia, eu podia investir um tempo na Sala de Leitura do Museu Britânico, tomando notas para a vida do general Gordon. Não conseguia fazer com que minha atenção se dedicasse plenamente à leitura e às notas, como fazia ao escrever o romance, e o pensamento de Sarah se interpunha entre mim e a vida missionária na China. Por que havia sido convidado a escrever essa biografia? Foi o que muitas vezes me perguntei. Eles teriam feito melhor se tivessem escolhido um autor que acreditasse no Deus de Gordon. Eu era capaz de apreciar a defesa obstinada em Cartum — o ódio aos políticos em segurança nas suas casas, mas a Bíblia sobre a mesa pertencia a outro mundo de pensamento em relação ao meu. Talvez o editor tivesse alguma esperança de que meu tratamento cínico do cristianismo de Gordon causasse um *succès de scandale*. Eu não tinha intenção de agradá-lo: esse Deus também era o Deus de Sarah, e eu não ia atirar pedras em nenhum fantasma que ela acreditasse amar. Durante aquele período, não guardei nenhum ódio de seu Deus — pois, no final, não tinha eu me provado mais forte?

Um dia, enquanto comia meus sanduíches, para os quais meu lápis indelével sempre era estranhamente transferido, uma voz familiar me cumprimentou da mesa em frente em um tom abafado por respeito aos nossos colegas de trabalho. “Espero que tudo esteja correndo bem agora, senhor, se me desculpa pela intrusão pessoal.”

Olhei por cima do fundo da minha mesa para aquele bigode inesquecível. “Muito bem, Parkis, obrigado. Quer um sanduíche ilícito?”

“Ah, não, senhor, eu não poderia...”

“Ora, vamos lá. Imagine que faz parte das despesas.” Com relutância, ele pegou um e, ao abri-lo, observou com uma espécie de horror, como se tivesse aceitado uma moeda e visto que era de ouro: “É presunto de verdade”.

“Meu editor me mandou uma lata da América.”

“É muito gentil de sua parte, senhor.”

“Ainda estou com seu cinzeiro, Parkis”, sussurrei, porque meu vizinho havia me olhado irritado.

“Só tem valor sentimental”, sussurrou ele de volta.

“Como está seu filho?”

“Um pouco mal-humorado, senhor.”

“Estou surpreso em encontrá-lo aqui. Trabalho? Você não está vigiando um de nós, certo?” Não conseguia imaginar que algum dos internos empoeirados da sala de leitura — os homens que usavam chapéus e cachecóis dentro de casa para se aquecer, o indiano que estudava penosamente as obras completas de George Eliot, ou o homem que dormia todos os dias com a cabeça pousada ao lado da mesma pilha de livros — pudesse estar envolvido em qualquer drama de ciúme sexual.

“Nada disso, senhor. Isso não é trabalho. É meu dia de folga e o menino está de volta à escola hoje.”

“O que está lendo?”

“*The Times Law Reports*, senhor. Hoje estou no caso Russell. Eles fornecem uma espécie de pano de fundo para o trabalho, senhor. Abrem perspectivas. Tiram a pessoa dos detalhes mesquinhos do dia a dia. Conheci uma das testemunhas deste caso, senhor. Estivemos no mesmo escritório uma vez. Bem, ele virou história de um jeito que eu nunca vou virar.”

“Ora, você nunca sabe, Parkis.”

“Sabe-se sim, senhor. Essa é a coisa desanimadora. O caso Bolton foi o mais longe que jamais vou conseguir chegar. A lei que proibia a publicação de evidências em casos de divórcio foi um golpe para os homens do meu ofício. O juiz, senhor, nunca nos menciona pelo nome, e muitas vezes tem preconceito contra a profissão.”

“Nunca havia me ocorrido”, disse eu com compaixão.

Até Parkis podia despertar um anseio. Eu nunca poderia vê-lo sem pensar em Sarah. Voltei para casa no metrô com esperança de companhia, e sentado em casa, na expectativa moribunda do toque do telefone, vi minha companheira escapar-me novamente: não seria hoje. Às cinco da tarde disquei o número, mas assim que ouvi o toque coloquei o fone no gancho: talvez Henry tivesse voltado mais cedo, e eu não podia falar com Henry agora, pois eu era o vencedor, já que Sarah me amava e Sarah queria deixá-lo. Mas uma vitória tardia pode deixar os nervos tão tensos quanto uma derrota prolongada.

Oito dias se passaram antes que o telefone tocasse. Não era a hora do dia que eu esperava, pois era antes das nove da manhã, e quando eu disse: “Alô”, foi Henry quem respondeu.

“É o Bendrix quem fala?”, ele perguntou. Havia algo muito estranho em sua voz, e me perguntei: ela contou a ele?

“Sim. Pode falar.”

“Aconteceu uma coisa horrível. Você precisa saber. Sarah está morta.”

Como nos comportamos de maneira convencional nesses momentos. Eu disse: “Sinto muitíssimo, Henry”.

“Você vai fazer alguma coisa esta noite?”

“Não.”

“Gostaria que você viesse tomar um drinque, não quero ficar sozinho.”

LIVRO CINCO

PASSEI A NOITE COM Henry. Foi a primeira vez que dormira na casa de Henry. Eles tinham apenas um quarto de hóspedes e Sarah estava lá (ela havia se mudado para lá uma semana antes para não incomodar Henry com sua tosse), então dormi no sofá da sala de estar onde havíamos feito amor. Eu não queria passar a noite, mas ele me implorou.

Devemos ter bebido uma garrafa e meia de uísque entre nós. Lembro-me de Henry dizendo: “É estranho, Bendrix: como não dá para sentir ciúme dos mortos. Ela morreu há apenas algumas horas, e mesmo assim eu queria você comigo”.

“Você não tinha muito do que sentir ciúme. Tudo acabou há muito tempo.”

“Não preciso desse tipo de conforto agora, Bendrix. Nunca acabou, nem para você, nem para ela. Eu fui o sortudo. Eu a tive todos esses anos. Você me odeia?”

“Não sei, Henry. Pensei que odiasse, mas já não sei.”

Sentamos em seu escritório sem luz acesa. A lareira a gás não estava forte o suficiente para que pudéssemos ver os rostos um do outro, de modo que só pude saber quando Henry chorou pelo tom de sua voz. O *Discóbolo*, mergulhado na escuridão, mirava em nós. “Conte-me como aconteceu, Henry.”

“Você se lembra daquela noite em que o encontrei no parque? Três semanas atrás, ou quatro, não? Ela pegou um resfriado forte naquela noite e não fez nada a respeito. Eu nem cheguei a saber que havia alcançado seu peito. Ela nunca dizia a ninguém esse tipo de coisa”—tampouco registrava em seu diário, pensei. Não havia lá nenhuma palavra sobre a doença. Ela não havia tido tempo para ficar doente nele.

“Por fim, ela acabou acamada”, disse Henry, “mas ninguém conseguia mantê-la lá e ela não aceitava ver um médico... nunca acreditou neles. Ela se levantou e saiu há uma semana. Deus sabe para onde ou por quê. Disse que precisava fazer exercícios. Cheguei em casa antes dela e descobri que havia saído. Ela só voltou às nove, e ainda mais ensopada do que da primeira vez. Deve ter caminhado por horas na chuva. Passou a noite toda febril, falando com alguém, não sei quem: não era você nem eu, Bendrix. Eu a fiz ver um médico depois disso. Ele disse que se ela tivesse tomado penicilina uma semana antes, a teria salvado.”

Nenhum de nós podia fazer nada exceto servir mais uísque. Pensei no estranho que eu pagara a Parkis para rastrear: o estranho com certeza vencera no final. Não, pensei, não odeio Henry. Eu odeio Você, caso você exista. Lembrei-me do que ela dissera a Richard Smythe, que eu a ensinara a acreditar. Não podia por nada no mundo explicar como, mas pensar no que eu jogara fora me fez odiar a mim mesmo também. Henry disse: “Ela morreu

às quatro da manhã. Eu não estava lá. A enfermeira não me ligou a tempo.”

“Onde está a enfermeira?”

“Ela terminou seu trabalho muito bem, deixou tudo arrumado. Ela tinha outro caso urgente e saiu antes do almoço.”

“Eu gostaria de poder fazer alguma coisa para ajudá-lo.”

“Você está fazendo, só de estar sentado aqui. Foi um dia horrível, Bendrix. Sabe, eu nunca tive que lidar com uma morte. Sempre achei que morreria primeiro — e Sarah teria sabido o que fazer. Se ela tivesse ficado comigo tanto tempo assim. De certa forma, é um trabalho de mulher... como ter um bebê.”

“Suponho que o médico ajudou.”

“Ele está muito atarefado neste inverno. Ele ligou para um agente funerário. Eu não saberia para onde ir. Nunca tivemos uma lista telefônica comercial. Mas um médico não pode me dizer o que fazer com suas roupas... os armários estão cheios delas. Maquiagens, perfumes... não se pode simplesmente jogar as coisas fora... Se ela ao menos tivesse uma irmã...” Ele parou de repente, porque a porta da frente se abriu e fechou, exatamente como naquela outra noite, quando ele dissera: “A empregada”, e eu dissera: “É Sarah”. Ouvimos os passos da empregada subindo as escadas. É extraordinário como uma casa pode ficar vazia com três pessoas dentro. Bebemos nosso uísque e eu servi outro. “Tenho bastante em casa”, disse Henry. “Sarah encontrou um novo fornecedor...” e parou novamente. Por onde seguíssimos, encontrávamos Sarah. Não havia sentido em tentar evitá-la nem por um momento. Eu pensei: Por que Você teve que fazer isso conosco? Se ela não tivesse acreditado em Você, estaria viva agora, ainda seríamos amantes. Era triste e estranho lembrar que eu ficara insatisfeito com a situação. Eu a teria compartilhado com Henry com felicidade agora.

Eu disse: “E o funeral?”

“Bendrix, não sei o que fazer. Algo muito intrigante aconteceu. Quando ela estava delirando (claro que não estava em si), a enfermeira me disse que ficava pedindo um padre. Pelo menos ficava dizendo: Pai, Pai, e não podia ser o dela.^[6] Ela nunca o conheceu. Claro que a enfermeira sabia que não éramos católicos. Ela era bastante sensata. Ela a acalmou. Mas estou preocupado, Bendrix.”

Pensei com raiva e amargura: Você podia ter deixado o pobre Henry em paz. Nos viramos durante anos sem Você. Por que Você de repente começa a se intrometer em todas as situações como um parente estranho que voltou das Ilhas Antípodas?

Henry disse: “Para quem vive em Londres, a cremação é a coisa mais fácil. Até a enfermeira me dizer aquilo, eu planejava fazer no Golders Green. O agente funerário ligou para o crematório. Eles podem encaixar Sarah depois de amanhã”.

“Ela estava delirando”, eu disse, “você não precisa levar em conta o que ela disse.”

“Eu me perguntei se deveria questionar um padre sobre isso. Ela mantinha tantas coisas em segredo. Talvez tenha até se tornado católica, pelo tanto que sei. Ela andava tão estranha ultimamente.”

“Ah, não, Henry. Ela não acreditava em nada, não mais do que você ou eu.” Eu queria que ela fosse queimada, queria poder dizer: Ressuscite esse corpo se você puder. Meu ciúme não havia acabado, como o de Henry, com a morte dela. Era como se ela ainda estivesse viva, na companhia de um amante que preferira a mim. Como eu gostaria de poder enviar Parkis atrás dela para interromper a eternidade deles.

“Você tem certeza?”

“Certeza absoluta, Henry.” Eu pensei: tenho que ter cuidado. Não devo ser como Richard Smythe, não devo odiar, pois, se realmente odiasse eu creria, e se fosse crer, que triunfo para Você e para ela. Isso é encenar, falar de vingança e ciúme: é apenas algo com que ocupar o cérebro, para que eu possa esquecer o absoluto de sua morte. Uma semana atrás eu só tinha que dizer a ela: “Você se lembra daquela primeira vez juntos e como eu não tinha um xelim para o aquecedor a gás?”, e a cena estaria lá para nós dois. Agora estava lá apenas para mim. Ela havia perdido todas as nossas memórias para sempre, e foi como se ao morrer tivesse me roubado parte de mim mesmo. Eu estava perdendo minha individualidade. Foi o primeiro estágio da minha própria morte, as memórias caindo como membros gangrenados.

“Odeio todo esse transtorno de orações e coveiros, mas se fosse a vontade de Sarah, eu tentaria arranjar tudo.”

“Ela escolheu o casamento em um cartório”, disse eu, “ela não gostaria que seu funeral fosse em uma igreja.”

“Não ia querer... suponho que seja verdade, não é?”

“Casamento civil e cremação”, eu disse, “caminham de mãos dadas”, e na sombra Henry ergueu a cabeça e olhou em minha direção como se suspeitasse de minha ironia.

“Deixe-me cuidar de tudo isso”, sugeri, assim como na mesma sala, perto da mesma lareira, havia sugerido visitar o sr. Savage por ele.

“É muito gentil da sua parte, Bendrix.” Ele esvaziou o resto do uísque em nossos copos, com muito cuidado e igualmente.

“Meia-noite”, eu disse, “você precisa dormir um pouco. Se conseguir.”

“O médico me deixou alguns comprimidos.” Mas ele não queria ficar sozinho ainda. Eu sabia exatamente como ele se sentia, pois eu também, depois de um dia com Sarah, adiaria o máximo que pudesse a solidão de meu quarto.

“Fico me esquecendo que ela está morta”, Henry disse. E eu também tinha experimentado isso durante todo o ano de 1945 — o ano ruim —, esquecendo quando acordava que nosso caso de amor havia acabado, que o telefone poderia transmitir qualquer voz exceto a dela. Ela estivera tão morta naquela época quanto agora. Por um ou dois meses este ano, um fantasma me havia atormentado com esperança, mas o fantasma estava morto e a dor

logo acabaria. Eu morreria um pouco mais a cada dia, mas como ansiava por retê-la. Enquanto se sente a dor, se vive.

“Vá para a cama, Henry.”

“Tenho medo de sonhar com ela.”

“Você não vai se tomar as pílulas do médico.”

“Você quer uma, Bendrix?”

“Não.”

“Você não quer passar a noite aqui? Está medonho lá fora.”

“Eu não me importo com o tempo.”

“Você estaria me fazendo um grande favor.”

“Claro que vou ficar.”

“Vou trazer alguns lençóis e cobertores.”

“Não se incomode, Henry”, mas ele saiu. Olhei para o chão de taco e me lembrei do timbre exato do grito dela. Na escrivaninha onde ela escrevia suas cartas havia uma confusão de objetos, e em cada objeto eu poderia interpretar um código. Pensei: ela nem mesmo jogou fora aquela pedra. Rimos de sua forma e lá está, como um peso de papel. O que Henry pensaria dela, e da garrafa em miniatura de um licor que nenhum de nós quis beber, e do pedaço de vidro polido pelo mar e do coelhinho de madeira que eu encontrara em Nottingham? Deveria levar todos esses objetos comigo? Eles iriam para a cesta de lixo, do contrário, quando Henry finalmente resolvesse fazer a limpeza de tudo, mas poderia eu suportar a companhia deles?

Eu estava olhando para eles quando Henry entrou carregado de cobertores. “Eu tinha esquecido de dizer, Bendrix, se houver alguma coisa que você queira levar... Não acho que ela tenha deixado um testamento.”

“É muito gentil da sua parte.”

“Sinto-me grato agora a qualquer pessoa que a amou.”

“Vou levar esta pedra, se puder.”

“Ela guardava as coisas mais estranhas. Trouxe para você um pijama meu, Bendrix.”

Henry tinha esquecido de trazer um travesseiro e, deitado com a cabeça em uma almofada, imaginei sentir o cheiro dela. Eu queria coisas que nunca teria novamente — não havia substituto. Não conseguia dormir. Enterrei minhas unhas nas palmas como ela fizera com as dela, para que a dor impedisse meu cérebro de funcionar, e o pêndulo do meu desejo balançava exaustivamente de um lado para o outro, o desejo de esquecer e lembrar, de estar morto e de se conservar vivo um pouco mais. E então por fim adormeci. Eu subia a Oxford Street e estava preocupado porque tinha que comprar um presente e todas as lojas estavam cheias de joias baratas, brilhando sob a iluminação oculta. De vez em quando eu achava que via algo lindo e me aproximava da vitrine, mas quando via a joia de perto, era tão artificial quanto todas as outras — talvez um pássaro verde horroroso com olhos escarlates para dar o efeito de rubis. O tempo era curto e eu corria de loja em loja. Então, de uma das lojas saiu Sarah e eu sabia que ela me ajudaria. “Você

comprou alguma coisa, Sarah?”

“Não aqui”, disse ela, “mas eles têm umas garrafinhas adoráveis mais adiante.”

“Não tenho tempo”, implorei, “me ajude. Eu tenho que encontrar algo, pois amanhã é o aniversário.”

“Não se preocupe”, disse ela. “Sempre aparece alguma coisa. Não se preocupe”, e de repente eu não me preocupei. A Oxford Street estendia seus limites para um grande campo enevoado e cinza, meus pés estavam descalços e eu caminhava no orvalho, sozinho, e acordei tropeçando em um sulco raso, ainda ouvindo: “Não se preocupe”, como um sussurro alojado no ouvido, um som de verão pertencente à infância.

Na hora do café da manhã, Henry ainda estava dormindo, e a empregada que Parkis havia subornado trouxe café e torradas para mim em uma bandeja. Ela puxou as cortinas, e o granizo havia se transformado imperceptivelmente em neve. Ainda estava zozinho de sono e da satisfação do meu sonho, e fiquei surpreso ao ver os olhos dela vermelhos de lágrimas. “Aconteceu alguma coisa, Maud?”, perguntei, e foi só quando ela largou a bandeja e saiu andando furiosamente que eu acordei de fato para a casa vazia e o mundo vazio. Subi e fui ver como estava Henry. Ele continuava nas profundezas do sono drogado, sorrindo como um cachorro, e o invejei. Então desci e tentei comer minha torrada.

Uma campainha tocou e ouvi a empregada conduzindo alguém escada acima — o agente funerário, supus, porque pude ouvir a porta do quarto de hóspedes se abrindo. Ele a estava vendo morta: eu não a vira, mas não queria, não mais do que gostaria de vê-la nos braços de outro homem. Alguns homens podem ser estimulados dessa forma: eu não. Ninguém me transformaria em um cafetão da morte. Recompus o espírito e pensei: Agora que tudo realmente acabou, tenho que começar de novo. Já me apaixonei uma vez: dá para fazer de novo. Mas eu não estava convencido: parecia-me que tinha dado todo o sexo que possuía.

Outra campainha. Quanta coisa estava acontecendo na casa enquanto Henry dormia. Desta vez, Maud veio até mim. Ela disse: “Há um senhor lá embaixo perguntando pelo sr. Miles, mas não gosto de acordá-lo”.

“Quem é?”

“Ele é aquele amigo da sra. Miles”, disse ela, e pela única vez admitiu sua participação em nossa colaboração esfarrapada.

“É melhor deixá-lo entrar”, declarei. Eu me sentia muito superior a Smythe agora, sentado na sala de estar de Sarah, vestindo o pijama de Henry, sabendo tanto sobre ele enquanto ele nada sabia de mim. Via-se confusão em seu rosto ao me ver, e Smythe pingava neve no chão de taco. Eu disse: “Nós nos encontramos uma vez. Sou amigo da sra. Miles”.

“Você tinha um garotinho com você.”

“É verdade.”

“Vim ver o sr. Miles”, disse ele.

“Você recebeu a notícia?”

“Foi por isso que vim.”

“Está dormindo. O médico deu-lhe comprimidos. Foi um choque terrível para todos nós”, acrescentei tolamente. Ele estava olhando ao redor pela sala: em Cedar Road, surgindo do nada, ela se revelara tão adimensional, suponho, quanto um sonho. Mas aquela sala lhe dava espessura: era Sarah também. A neve acumulava-se lentamente no peitoril como terra que caísse de uma pá. A sala estava sendo enterrada como Sarah.

Ele disse: “Eu voltarei” e se virou melancolicamente, de modo que sua face deformada ficou voltada para mim. Pensei: foi ali que os lábios de Sarah repousaram. Ela sempre podia ser dominada pela piedade.

Ele repetiu, estupidamente: “Vim ver o sr. Miles e expressar-lhe meus sentimentos...”

“É mais comum nessas ocasiões escrever.”

“Achei que poderia ter alguma utilidade”, disse ele, acanhado.

“Você não precisa converter o sr. Miles.”

“Converter?”, perguntou ele, pouco à vontade e perplexo.

“Ao fato de que não sobrou nada dela. O fim. Aniquilamento.”

Ele explodiu de repente: “Eu queria vê-la, só isso”.

“O sr. Miles nem sabe que você existe. Não é muito sensível da sua parte, Smythe, vir aqui.”

“Quando é o funeral?”

“Amanhã, em Golders Green.”

“Ela não iria querer isso”, disse ele e me pegou de surpresa.

“Ela não acreditava em nada, não mais do que você diz que acredita.”

Ele disse: “Nenhum de vocês sabe? Ela estava se tornando católica”.

“Bobagem.”

“Ela escreveu para mim. Tinha se decidido. Nada que eu pudesse ter dito teria feito qualquer bem. Ela estava começando... o catecismo. Não é essa a palavra que eles usam?” Então ela ainda tinha segredos, pensei. Nunca havia colocado isso em seu diário, assim como não havia colocado sua doença. Quanto mais havia para descobrir? Pensar naquilo era desesperar.

“Isso foi um choque para você, não foi?” Eu zombei dele, tentando transferir minha dor.

“Ora, eu fiquei com raiva, é claro. Mas não podemos todos acreditar nas mesmas coisas.”

“Não era isso que você costumava dizer.”

Ele olhou para mim, como se estivesse intrigado com minha inimizade. Ele disse: “Por acaso seu nome é Maurice?”.

“Sim.”

“Ela me contou sobre você.”

“E eu li sobre você. Ela fez nós dois de idiotas.”

“Eu não fui razoável”, ele disse. “Você não acha que eu poderia vê-la?”, e ouvi as botas pesadas do agente funerário descendo, e ouvi a mesma escada

ranger.

“Ela está lá em cima. A primeira porta à esquerda.”

“Se o sr. Miles...”

“Você não vai acordá-lo.”

Eu já tinha vestido minhas roupas quando ele desceu novamente. Ele disse: “Obrigado”.

“Não me agradeça. Eu não a possuo mais do que você.”

“Não tenho o direito de pedir”, disse ele, “mas gostaria que você... você a amou, eu sei.” Ele acrescentou como se estivesse engolindo um remédio amargo: “Ela o amava”.

“O que está tentando dizer?”

“Gostaria que você fizesse algo por ela.”

“Por ela?”

“Permita que ela tenha um funeral católico. Ela teria gostado.”

“Mas que diferença isso faz?”

“Acho que nenhuma para ela. Mas sempre vale a pena sermos generosos.”

“E o que eu tenho a ver com isso?”

“Ela sempre dizia que o marido tinha muito respeito por você.”

Ele estava girando demais o botão do absurdo. Eu queria estilhaçar a apatia daquela sala enterrada com uma risada. Sentei-me no sofá e comecei a me sacudir com aquilo. Pensei em Sarah morta lá em cima e Henry dormindo com um sorriso bobo no rosto, e o amante com as manchas discutindo o funeral com o amante que contratara o sr. Parkis para espargir pó na campainha da porta dele. As lágrimas corriam pelas minhas bochechas enquanto eu ria. Certa vez, durante os bombardeios, vi um homem rindo do lado de fora de sua casa, onde sua esposa e filho estavam enterrados.

“Não entendo”, disse Smythe. Ele mantinha o punho direito fechado como se estivesse preparado para se defender. Era tanta coisa que nenhum de nós entendia. A dor era como uma explosão inexplicável que nos lançava um contra o outro. “Já vou indo”, disse ele, estendendo a mão esquerda para a maçaneta da porta. Uma ideia estranha me ocorreu porque eu não tinha motivos para acreditar que ele fosse canhoto.

“Perdoe-me”, eu disse. “Estou abalado. Estamos todos abalados.” Estendi minha mão para ele: ele hesitou e a tocou com a esquerda. “Smythe”, eu disse, “o que você tem aí? Você pegou alguma coisa do quarto dela?” Ele abriu a mão e mostrou uma mecha de cabelo. “Só isso”, disse ele.

“Você não tinha o direito.”

“Bem, ela não pertence a ninguém agora”, disse ele, e de repente a vi pelo que ela era — um descarte esperando para ser removido: se você quisesse um pouco de cabelo, bastava cortá-lo; ou as unhas dela, se tivessem valor para você. Como os ossos de um santo, os dela podiam ser repartidos — se alguém os desejasse. Ela seria queimada em breve, então por que todos não deveriam ficar com o que quisessem antes? Que idiota eu havia sido por três anos por imaginar que de alguma forma eu a possuíra. Não somos possuídos

por ninguém, nem por nós mesmos.

“Sinto muito”, eu disse.

“Você sabe o que ela escreveu para mim?”, Smythe perguntou. “Foi há apenas quatro dias”, e pensei com tristeza que ela tivera tempo de escrever para ele, mas não para me telefonar. “Ela escreveu... ore por mim. Não parece estranho, pedir a *mim* para orar por ela?”

“O que você fez?”

“Ora”, disse ele, “quando soube que ela estava morta, rezei.”

“Você conhecia alguma oração?”

“Não.”

“Não parece certo orar a um Deus em que você não acredita.”

Eu o acompanhei para fora da casa; não adiantava ficar até Henry acordar. Mais cedo ou mais tarde, ele teria que enfrentar ficar sozinho, assim como eu fizera. Observei Smythe no seu passo espasmódico cruzando o parque à minha frente e pensei: Um tipo histérico. A descrença podia ser produto da histeria tanto quanto a crença. A neve liquefeita, onde a passagem de muitas pessoas a havia derretido, atravessou a sola dos meus sapatos e me lembrou do orvalho do meu sonho, mas quando tentei me lembrar de sua voz dizendo: “Não se preocupe”, descobri que não tinha memória para sons. Não conseguia imitar a voz dela. Não conseguia nem ao menos caricaturá-la: quando tentava me lembrar, era anônima — apenas a voz de qualquer mulher. O processo de esquecê-la havia começado. Devíamos conservar gravações de gramofone como conservamos fotografias.

Subi os degraus arrebitados e entrei no hall. O vitral era a única coisa que restava daquela noite em 1944. Ninguém sabe o começo de nada. Sarah havia de fato acreditado que o fim tinha começado quando ela viu meu corpo. Ela nunca teria admitido que o fim havia começado muito antes: os telefonemas cada vez mais rarefeitos por este ou aquele motivo inadequado, as brigas que eu começava com ela porque me dera conta do perigo de o amor terminar. Havíamos começado a enxergar para além do amor, mas eu era o único que percebia o jeito como estávamos sendo levados. Se a bomba tivesse caído um ano antes, ela não teria feito aquela promessa. Ela teria rasgado as unhas na madeira tentando me libertar. Quando chegamos ao remate dos seres humanos, temos de nos ludibriar para abraçar a crença em Deus, como um gourmet que exige molhos mais complexos com sua comida. Olhei para o hall, claro como uma cela, horrível com sua tinta verde, e pensei: Ela queria que eu tivesse uma segunda chance e aqui está: a vida vazia, inodora, antisséptica, a vida de uma prisão, e a acusei como se suas orações tivessem realmente operado a mudança: o que eu lhe fiz para que você tivesse que me condenar à vida? As escadas e os corrimões rangiam com novidade até o andar de cima. Ela nunca havia subido por elas. Até mesmo os reparos na casa faziam parte do processo de esquecimento. É preciso um Deus fora do tempo para lembrar quando tudo muda. Eu ainda amava ou apenas me arrependia do amor?

Entrei em minha sala e sobre a escrivaninha estava uma carta de Sarah.

Ela estava morta há vinte e quatro horas e inconsciente há mais tempo que isso. Como uma carta pôde demorar tanto para atravessar um trecho de parque? Então vi que havia escrito meu número errado, e um pouco da velha amargura vazou. Ela não teria esquecido meu número dois anos atrás.

Senti tanta dor diante da ideia de ver sua escrita que quase segurei a carta contra a lareira a gás, mas a curiosidade pode ser mais forte que a dor. Estava escrita a lápis, talvez porque ela estivesse escrevendo na cama.

“Querido Maurice”, escreveu ela, “minha vontade era de escrever para você naquela noite, depois que você partiu, mas me senti muito mal quando cheguei em casa e Henry fez um estardalhaço em torno disso. Estou escrevendo em vez de telefonar. Não posso telefonar e ouvir sua voz ficar esquisita quando disser que não vou embora com você. Porque não vou embora com você, Maurice, querido Maurice. Eu amo você, mas não podemos mais nos ver. Não sei como vou viver com essa dor e essa saudade e oro a Deus o tempo todo para que ele não seja duro comigo, não me mantenha viva. Querido Maurice, como todo mundo, quero ter tudo sem perder nada. Procurei um padre dois dias antes de você me telefonar e disse a ele que queria me converter. Conte sobre minha promessa e sobre você. Eu disse: Não sou mais casada com Henry propriamente. Não dormimos juntos... não desde o primeiro ano com você. E não foi realmente um casamento, eu disse, não se pode chamar um casamento no cartório de casamento. Perguntei ao padre se não podia ser católica e me casar com você. Eu sabia que você não se importaria de passar por uma cerimônia. Cada vez que eu fazia uma pergunta a ele, tinha tanta esperança; era como abrir as venezianas de uma nova casa e procurar a paisagem, e cada janela dar apenas para uma parede em branco. Não, não, não, disse ele, eu não podia me casar com você, não podia continuar a vê-lo, não se quisesse me tornar católica. Pensei: Que se dane tudo isso e saí da sala onde estávamos e bati a porta para mostrar o que pensava dos padres. Eles estão entre nós e Deus, pensei; Deus tem mais misericórdia, e então saí da igreja e vi o crucifixo que eles têm lá, e pensei: claro, ele tem misericórdia, só que é uma forma muito estranha de misericórdia, às vezes parece punição. Maurice, meu querido, estou com uma dor de cabeça terrível e sinto como se estivesse morrendo. Eu gostaria de não ser tão forte quanto um cavalo. Não quero viver sem você, e sei que um dia irei encontrá-lo no parque e então não vou ligar a mínima para Henry ou Deus ou qualquer coisa. Mas de que adianta, Maurice? Eu acredito que existe um Deus — acredito em todo o espetáculo da coisa, não há nada em que não acredite, poderiam subdividir a Trindade em uma dúzia de partes e eu acreditaria. Poderiam desenterrar registros que provassem que Cristo foi inventado por Pilatos para ser promovido e eu acreditaria da mesma forma. Peguei a crença como uma doença. Me rendi à crença como me rendi ao amor. Nunca ameí antes como amo você, e nunca acreditei em nada antes como acredito agora. Tenho certeza. Nunca tive

certeza de nada antes. Quando você entrou pela porta com o rosto ensanguentado, tive certeza. De uma vez por todas. Mesmo que eu não soubesse disso na época. Lutei contra a crença por mais tempo do que lutei contra o amor, mas não tenho mais forças para lutar.

“Maurice, querido, não fique zangado. Tenha pena de mim, mas não fique com raiva. Eu sou um embuste e uma farsa, mas isso não é um embuste ou uma farsa. Eu costumava pensar que tinha certeza de mim mesma e do que era certo e errado, e você me ensinou a não ter certeza. Você acabou com todas as minhas mentiras e autoenganos da mesma forma que se abre uma estrada em meio aos escombros para alguém passar, alguém importante, e agora essa pessoa veio, mas você mesmo limpou o caminho. Quando escreve, você tenta ser exato, e me ensinou a querer a verdade, e me disse quando eu não estava falando a verdade. Realmente acha isso, você diria, ou apenas pensa que pensa isso? Então veja, é tudo culpa sua, Maurice... é tudo culpa sua. Eu oro a Deus para que Ele não me mantenha viva desse jeito.”

Assim terminava. Ela parecia ter um talento especial para obter respostas às suas orações antes mesmo de serem pronunciadas, porque não tinha começado a morrer naquela noite quando entrou, vindo da chuva, e me encontrou com Henry? Se eu estivesse escrevendo um romance, o terminaria aqui: um romance, eu costumava pensar, tem que terminar em algum lugar, mas estou começando a acreditar que meu realismo foi o culpado esses anos todos, pois nada na vida agora parece ter fim. Os químicos dizem que a matéria nunca é completamente destruída, e os matemáticos dizem que se você reduzir pela metade cada passo ao cruzar uma sala, nunca alcançará a parede oposta, então que otimista eu seria se pensasse que essa história terminou aqui. Só que, como Sarah, eu gostaria de não ser tão forte quanto um cavalo.

EU ESTAVA ATRASADO PARA o funeral. Tinha ido à cidade para encontrar um homem chamado Waterbury, que escreveria um artigo sobre minha obra em uma das pequenas revistas literárias. Fiquei na dúvida se o encontraria ou não: eu conhecia bem demais as frases pomposas de seu artigo, o significado oculto que ele descobriria e eu desconhecia, e os defeitos que estava cansado de enfrentar. Condescendentemente, por fim, ele me colocaria... talvez um pouco acima de Maugham, porque Maugham é popular e ainda não cometi esse crime... ainda não, mas embora eu mantenha um pouco da exclusividade do insucesso, as pequenas revistas literárias, como sábios detetives, podem farejá-lo no caminho de um escritor.

Por que me dei ao trabalho de ir? Eu não queria conhecer Waterbury e certamente não queria que escrevessem sobre mim. Pois agora cheguei ao fim do meu interesse pelo trabalho: ninguém pode agradar-me muito com elogios ou ferir-me com ataques. Quando comecei aquele romance sobre o servidor público eu ainda estava interessado, mas quando Sarah me deixou, reconheci meu trabalho pelo que ele era — uma droga tão sem importância quanto o cigarro, com a qual se consegue atravessar as semanas e os anos. Se a morte nos extinguirá, como ainda tento acreditar, de que adianta deixar alguns livros para trás mais do que garrafas, roupas ou bijuterias? E se Sarah estiver certa, quão sem importância é toda a importância da arte. Decidi ir, penso, simplesmente por solidão. Eu não tinha nada para fazer antes do funeral: queria ganhar força com um ou dois drinques (pode-se deixar de se preocupar com o trabalho, mas nunca se deixa de se preocupar com as convenções, e um homem não deve desabar em público).

Waterbury estava esperando em um bar que servia xerez perto da Tottenham Court Road. Ele usava calças de veludo cotelê preto e fumava cigarros baratos, e trazia consigo uma garota muito mais alta e bonita do que ele, que usava o mesmo tipo de calça e fumava os mesmos cigarros. Ela era muito jovem e se chamava Sylvia e era perceptível que estava em um longo curso de estudos do qual Waterbury era apenas o começo — estava na fase de imitar o professor. Eu me perguntei onde, com aquela beleza, aqueles olhos atentos e bem-humorados e cabelos do ouro das iluminuras, ela iria parar. Será que sequer se lembraria de Waterbury daqui a dez anos e do bar perto da Tottenham Court Road? Senti pena dele. Estava tão cheio de si agora, tão acima de nós dois, mas era ele quem estava no time perdedor. Ora, pensei, flagrando um olhar dela por cima do meu copo ante um comentário particularmente estúpido dele sobre o fluxo de consciência, eu poderia arrancá-la dele agora mesmo. Seus artigos estavam encadernados em papel, mas meus livros estavam encadernados em tecido. Ela sabia que poderia aprender mais comigo. E ainda assim, pobre diabo, ele tinha a pachorra de esnobá-la quando ela, vez por outra, fazia um mero comentário humano e

simplório. Eu queria alertá-lo sobre o futuro vazio, mas em vez disso peguei outra taça e disse: “Não posso ficar muito tempo. Tenho que ir a um funeral em Golders Green”.

“Um funeral em Golders Green”, exclamou Waterbury. “Como um de seus próprios personagens. Onde mais poderia ser, não?”

“Eu não escolhi o local.”

“A vida imitando a arte.”

“É pessoa próxima?”, Sylvia perguntou com compaixão, e Waterbury fuzilou-a com o olhar por sua irrelevância.

“Sim.”

Pude ver que ela estava especulando — um homem?, uma mulher?, que tipo de pessoa próxima? — e isso me agradou. Pois eu era um ser humano para ela, não um escritor: um homem cujos amigos morriam e que comparecia a seus funerais, que sentia prazer e dor, que poderia até precisar de conforto, não apenas um artesão habilidoso cujo trabalho atrai mais simpatia talvez do que o do sr. Maugham, embora é claro que não possamos classificá-lo tão alto quanto...

“O que você acha de Forster?”, perguntou Waterbury.

“Forster? Ah, me desculpe, eu estava aqui pensando em quanto tempo levo para chegar a Golders Green.”

“Você precisa de uns quarenta minutos”, disse Sylvia. “Você tem que esperar por um trem que siga para Edgware.”

“Forster”, repetiu Waterbury, irritado.

“Você vai ter que pegar um ônibus na estação”, disse Sylvia.

“Sério, Sylvia, Bendrix não veio aqui para falar sobre como chegar a Golders Green.”

“Sinto muito, Peter, eu apenas pensei...”

“Conte até seis antes de pensar, Sylvia”, disse Waterbury. “E agora podemos voltar para E. M. Forster?”

“Precisamos?”, perguntei.

“Seria interessante, já que vocês pertencem a escolas tão diferentes...”

“Ele pertence a uma escola? Eu nem sabia que eu pertencia. Você está escrevendo um manual?”

Sylvia sorriu, e ele viu o sorriso. Eu sabia, a partir daquele momento, que ele afiaria a arma de seu ofício, mas isso não importava para mim. Indiferença e orgulho são muito parecidos, e ele provavelmente pensou que eu era orgulhoso. Eu disse: “Eu realmente preciso ir”.

“Mas você só está aqui há cinco minutos. É muito importante escrever este artigo da maneira certa.”

“É muito importante para mim não chegar atrasado em Golders Green.”

“Não vejo por quê.”

Sylvia disse: “Eu mesma vou até Hampstead. Ajudo no seu caminho”.

“Você não tinha me dito”, disse Waterbury com desconfiança.

“Você sabe que sempre vejo minha mãe às quartas-feiras.”

“Hoje é terça-feira.”

“Então não preciso ir amanhã.”

“É muito bondoso da sua parte”, disse eu, “e sua companhia viria bem a calhar.”

“Você usou o fluxo de consciência em um de seus livros”, disse Waterbury com pressa desesperada. “Por que abandonou o método?”

“Ah, não sei. Por que se muda um apartamento?”

“Você sentiu que foi um fracasso?”

“Eu sinto isso sobre todos os meus livros. Bem, adeus, Waterbury.”

“Vou mandar uma cópia do artigo para você”, disse ele, como se estivesse proferindo uma ameaça.

“Obrigado.”

“Não se atrase, Sylvia. Tem o programa de Bartók na rádio às seis e meia.”

Seguimos juntos pelos escombros da Tottenham Court Road. Eu disse: “Obrigado por interromper o encontro”.

“Ah, eu sabia que você queria ir embora”, disse ela.

“Qual é o seu outro nome?”

“Black.”

“Sylvia Black”, eu disse, “é uma boa combinação. Quase boa demais.”

“Era um grande amigo?”

“Sim.”

“Amiga?”

“Sim.”

“Sinto muito”, disse ela, e tive a impressão de que falava sério. Ela tinha muito a aprender sobre livros e música e como se vestir e falar, mas nunca teria de aprender a ser humana. Ela desceu comigo para o metrô lotado e ficamos pendurados lado a lado. Sentindo-a contra mim, lembrei-me do desejo. Seria sempre assim agora? Não o desejo, mas apenas a lembrança dele. Ela se virou para abrir caminho na Goodge Street para alguém que entrava no vagão, e eu estava ciente de sua coxa contra minha perna como alguém está ciente de algo que aconteceu há muito tempo.

“Este é o primeiro funeral a que vou”, disse eu para puxar conversa.

“Seu pai e sua mãe estão vivos, então?”

“Meu pai sim. Minha mãe morreu quando eu estava longe de casa, na escola. Pensei que ficaria alguns dias de férias, mas meu pai achou que isso me aborreceria, então não me aconteceu nada de diferente. Exceto ser liberado das aulas na noite em que a notícia chegou.”

“Eu não gostaria de ser cremada”, disse ela.

“Você prefere os vermes?”

“Sim, prefiro.”

Nossas cabeças estavam tão próximas que podíamos falar sem levantar a voz, mas não conseguíamos olhar um para o outro por causa do aperto do vagão. Eu disse: “De uma ou outra forma, para mim não importa”, e me perguntei imediatamente por que tinha me dado ao trabalho de mentir,

porque isso *tinha* importado, deve ter importado, pois no fim das contas fui eu quem persuadira Henry contra o enterro.

NA TARDE ANTERIOR, HENRY havia vacilado. Ele tinha telefonado pedindo-me para ir à casa dele. Era estranho como havíamos nos tornado próximos sem Sarah. Ele agora dependia de mim tanto quanto antes dependera de Sarah — eu era alguém conhecido na casa. Chegou a me passar pela cabeça que ele poderia me pedir para dividir a casa com ele quando o funeral acabasse, e pensei na resposta que eu lhe daria. Do ponto de vista do esquecimento de Sarah, nada havia que escolher entre as duas casas: ela pertencera a ambas.

Ele ainda estava confuso quando cheguei, sob o efeito dos sedativos, caso contrário eu poderia ter tido mais problemas com ele. Encontrei um padre sentado rigidamente na beirada de uma poltrona no escritório: um homem de rosto magro e amargo, um dos redentoristas que aos domingos provavelmente servia Inferno na igreja escura onde eu vira Sarah pela última vez. Ele obviamente havia sido hostil a Henry desde o início e isso tinha ajudado.

“Este é o sr. Bendrix, o escritor”, disse Henry. “Padre Crompton. O sr. Bendrix era um grande amigo de minha esposa.” Tive a impressão de que o padre Crompton já sabia disso. Seu nariz lhe descia pelo rosto como um contraforte, e pensei: talvez este seja o mesmo homem que bateu a porta da esperança na cara de Sarah.

“Boa tarde”, disse o padre Crompton com tamanha má vontade que senti que o sino e a vela^[7] não estavam longe.

“O sr. Bendrix me ajudou muito com todos os preparativos”, Henry explicou.

“Se eu soubesse, poderia perfeitamente ter assumido a responsabilidade.”

Houve um tempo em que eu odiava Henry. Meu ódio agora parecia mesquinho. Henry era uma vítima tanto quanto eu, e o vencedor era esse homem severo de colarinho bobo. Eu disse:

“O senhor dificilmente poderia ter feito isso. O senhor desaprova a cremação”.

“Eu poderia ter providenciado um enterro católico.”

“Ela não era católica.”

“Ela expressou a intenção de se tornar católica.”

“Isso é o suficiente para torná-la católica?”

O padre Crompton sacou uma fórmula. Ele a pôs na mesa feito uma nota de banco. “Reconhecemos o batismo do desejo.” Ela ficou ali entre nós, à espera de ser pega. Ninguém se mexeu. O padre Crompton disse: “Ainda há tempo de cancelar o serviço que encomendaram”. Ele repetiu: “Assumirei toda a responsabilidade”; repetiu em tom de advertência como se estivesse se dirigindo a lady Macbeth e lhe promettesse algum processo de aromatizar as mãos melhor do que os perfumes da Arábia.

Henry disse de repente: “Isso realmente faz tanta diferença? Claro, não sou católico, padre, mas não vejo...”.

“Ela teria ficado mais feliz...”

“Mas por quê?”

“A Igreja oferece privilégios, sr. Miles, assim como responsabilidades. Há missas especiais que dedicamos a nossos mortos. Orações são feitas regularmente. Nós nos lembramos de nossos mortos”, acrescentou ele, e pensei com raiva: Como vocês se lembram deles? Suas teorias estão todas certas. Vocês pregam a importância do indivíduo. Nossos cabelos são todos numerados, vocês dizem, mas posso sentir os cabelos dela nas costas da minha mão: posso me lembrar da poeira fina de pelos na base de sua coluna quando ela se deitava de bruços na minha cama. Nós nos lembramos de nossos mortos também, à nossa maneira.

Assistindo Henry esmorecer, menti com firmeza: “Não temos absolutamente nenhuma razão para acreditar que ela teria se tornado católica”.

Henry começou: “Claro que a enfermeira disse”, mas o interrompi: “Ela estava delirando no final”.

O padre Crompton disse: “Nunca teria sonhado em me intrometer, sr. Miles, sem um motivo sério”.

“Recebi uma carta da sra. Miles escrita menos de uma semana antes de ela morrer”, eu disse a ele. “Faz quanto tempo que o senhor não a vê?”

“Quase o mesmo tempo. Cinco ou seis dias atrás.”

“Parece-me muito estranho que ela nem tenha mencionado o assunto na carta.”

“Talvez, sr.... sr. Bendrix, o senhor não tivesse a confiança dela.”

“Talvez o senhor tire conclusões precipitadas demais, padre. As pessoas podem se interessar pela sua fé, fazer perguntas sobre ela, sem necessariamente desejarem se tornar católicas.” Passei rapidamente a Henry: “Seria absurdo alterar tudo agora. Instruções foram dadas. Amigos foram convidados. Sarah nunca foi fanática. Ela seria a última a querer qualquer inconveniente causado por um capricho. Afinal”, continuei, fixando meus olhos em Henry, “será uma cerimônia perfeitamente cristã. Não que Sarah sequer fosse cristã. Não víamos sinais disso, de qualquer modo. Mas você sempre pode dar dinheiro ao padre Crompton para uma missa”.

“Não é necessário. Rezei uma esta manhã.” Ele fez um movimento com as mãos no colo, o primeiro instante em que sua rigidez cedeu: foi como assistir a uma parede sólida balançar e se inclinar após a queda de uma bomba. “Vou me lembrar dela todos os dias na minha missa”, disse ele.

Henry disse com alívio, como se isso resolvesse as coisas: “É muito gentil da sua parte, padre”, e lhe ofereceu um maço de cigarros.

“Parece uma coisa estranha e impertinente de se dizer, sr. Miles, mas não acho que o senhor se dá conta de como sua esposa era uma boa mulher.”

“Ela era tudo para mim”, disse Henry.

“Muitas pessoas a amavam”, eu disse.

O padre Crompton voltou seus olhos para mim como um professor que

escuta a interrupção de um jovem arrogante no fundo da classe.

“Talvez não o suficiente”, disse ele.

“Bem”, eu disse, “voltemos ao que estávamos discutindo. Não acho que possamos alterar as coisas agora, padre. Também causaria muito burburinho. Você não gostaria de burburinho, não é, Henry?”

“Não. Ah, não.”

“Já fizemos o anúncio no *The Times*. Teríamos que fazer uma correção. As pessoas percebem esse tipo de coisa. Isso daria ensejo a comentários. Afinal, você não é desconhecido, Henry. Em seguida, telegramas teriam que ser enviados. Muitas pessoas já terão enviado coroas de flores para o crematório. O senhor entende o que quero dizer, padre.”

“Não posso dizer que entendo.”

“O que o senhor pede não é razoável.”

“O senhor parece ter um conjunto de valores muito estranho, sr. Bendrix.”

“Mas o senhor certamente não acredita que a cremação afete a ressurreição do corpo, padre?”

“Claro que não. Já lhe dei minhas razões. Se elas não parecem fortes o suficiente para o sr. Miles, não há mais nada a dizer.” Ele se levantou da poltrona — e que homem feio ele era. Sentado, tinha ao menos a aparência de poder, mas suas pernas eram muito curtas para seu corpo, e se ergueu, inesperadamente pequeno. Foi como se de repente tivesse se afastado para muito longe.

Henry disse: “Se o senhor tivesse aparecido um pouco antes, padre. Por favor, não pense...”

“Não vejo nada de errado de sua parte, sr. Miles.”

“Da minha talvez, padre?”, perguntei com deliberado acinte.

“Ah, não se preocupe, sr. Bendrix. Nada que o senhor possa fazer a afetar agora.” Suponho que o confessor ensine um homem a reconhecer o ódio. Ele estendeu a mão para Henry e me deu as costas. Eu queria dizer a ele: O senhor está errado sobre mim. Não é Sarah que odeio. E o senhor está errado sobre Henry também. Ele é o corruptor, não eu. Eu queria me defender: “Eu a amava”, pois com certeza no confessor eles aprendem a reconhecer essa emoção também.

“HAMPSTEAD É A PRÓXIMA parada”, disse Sylvia.

“Você precisa descer para ver sua mãe?”

“Posso ir até Golders Green e lhe mostrar o caminho. Não costumo vê-la às terças.”

“Seria um ato de caridade”, eu disse.

“Acho que você vai precisar pegar um táxi para chegar na hora.”

“Suponho que não façam muita falta as palavras de abertura.”

Ela me acompanhou até o pátio da estação e depois quis voltar. Pareceu-me estranho que tivesse se dado tanto trabalho. Nunca vi em mim qualidades que agradassem uma mulher, e agora menos do que nunca. O pesar e a decepção são como o ódio: tornam os homens feios com autodepreciação e amargura. E como esses sentimentos nos tornam egoístas... Eu não tinha nada para dar a Sylvia: nunca seria um de seus professores, mas porque eu estava com medo da meia hora seguinte, dos rostos que estariam à espreita de minha solidão, tentando detectar pelos meus modos quais haviam sido minhas relações com Sarah, quem havia deixado quem, eu precisava de sua beleza para me apoiar.

“Mas não posso ir com essas roupas”, protestou ela quando implorei por sua companhia. Dava para ver o quão feliz estava por eu a querer comigo. Eu sabia que poderia tê-la roubado de Waterbury naquele primeiro instante. Seu tempo já havia acabado. Se eu quisesse, ele escutaria Bartók sozinho.

“Vamos ficar no fundo”, eu disse. “Você pode ser apenas uma estranha andando por ali.”

“Pelo menos elas são pretas”, disse ela, referindo-se às calças. No táxi, deixei minha mão pousar em sua perna como uma promessa, mas não tinha intenção de cumpri-la. A torre do crematório lançava fumaça, e a água formava poças meio congeladas nas trilhas de cascalho. Muitos estranhos saíam lá de dentro — de uma cremação anterior, eu supunha: eles tinham o ar animado e revigorado de pessoas que deixaram uma festa enfadonha e agora podem “seguir com a vida”.

“É por aqui”, disse Sylvia.

“Você conhece o lugar muito bem.”

“Papai foi cremado aqui há dois anos.”

Quando chegamos à capela, todos estavam saindo. As perguntas de Waterbury sobre o fluxo de consciência haviam me atrasado demais. Senti uma pontada de pesar estranha e convencional — afinal de contas, não tinha visto Sarah, e pensei estupidamente: Então era sua fumaça que estava soprando sobre os jardins suburbanos. Henry saiu incapaz de ver ao redor, sozinho: estivera chorando e não me viu. Eu não conhecia mais ninguém, exceto sir William Mallock, que vestia uma cartola. Ele me lançou um olhar de desaprovação e se apressou. Havia meia dúzia de homens com ares de

funcionários públicos. Estaria Dunstan lá? Não significava muita coisa. Algumas esposas haviam acompanhado seus maridos. Elas ao menos estavam satisfeitas com a cerimônia — isso ficava patente pelos chapéus. A extinção de Sarah havia trazido mais segurança a todas as esposas.

“Sinto muito”, disse Sylvia.

“A culpa não foi sua.”

Pensei: se a tivéssemos embalsamado, se fosse possível, elas nunca se sentiriam seguras. Até mesmo seu cadáver teria fornecido um padrão pelo qual seriam julgadas.

Smythe saiu e, às pressas, caminhou por entre as poças sem falar com ninguém. Ouvi uma mulher dizer: “Os Carter nos convidaram para o fim de semana do dia 10”.

“Você gostaria que eu fosse?”, perguntou Sylvia.

“Não, não”, eu disse, “gosto de ter você por perto.”

Fui até a porta da capela e olhei para dentro. O corredor que dava na fornalha estava vazio naquele instante, mas enquanto as coroas de flores velhas eram levadas, novas eram trazidas. Uma senhora idosa estava incongruentemente fazendo uma oração ajoelhada, como um ator de outra cena apanhado pelo inesperado levantar de uma cortina. Uma voz conhecida atrás de mim disse: “É um triste prazer vê-lo aqui, senhor, onde o passado é sempre o passado”.

“Você veio, Parkis!”, exclamei.

“Eu vi o anúncio no *The Times*, senhor, então pedi permissão ao sr. Savage para tirar a tarde de folga.”

“Você sempre segue seus investigados até aqui?”

“Ela era uma pessoa muito boa, senhor”, disse ele, em tom de censura.

“Ela me perguntou o caminho uma vez na rua, sem saber, é claro, meu motivo para estar por perto. E no coquetel ela me deu uma taça de xerez.”

“Xerez sul-africano?”, perguntei a ele, um tanto triste.

“Não saberia dizer, senhor, mas do jeito que ela ofereceu... ah, não havia muitos como ela. Meu menino também... Ele está sempre falando dela.”

“Como está seu filho, Parkis?”

“Não muito bem, senhor. Não mesmo. Dores de estômago muito violentas.”

“Você o levou a um médico?”

“Ainda não, senhor. Acredito em deixar as coisas para a natureza. Até certo ponto.”

Olhei em volta para os grupos de estranhos que haviam conhecido Sarah. Perguntei: “Quem são essas pessoas, Parkis?”

“A jovem eu não conheço, senhor.”

“Ela está comigo.”

“Ah, peço desculpas. Sir William Mallock é quem está no horizonte, senhor.”

“Eu o conheço.”

“O cavaleiro que acabou de evitar uma poça, senhor, é o chefe do departamento do sr. Miles.”

“Dunstan?”

“É esse o nome, senhor.”

“Como você sabe das coisas, Parkis.” Eu achava que o ciúme estivesse morto: pensara que estaria disposto a compartilhá-la com um mundo de homens caso ela pudesse estar viva novamente, mas a visão de Dunstan despertou por alguns segundos o antigo ódio. “Sylvia”, chamei, como se Sarah pudesse me ouvir, “você vai jantar em algum lugar esta noite?”

“Eu prometi a Peter...”

“Peter?”

“Waterbury.”

“Deixe-o pra lá.”

Você está aí?, perguntei a Sarah. Você está assistindo a tudo isso? Está vendo como posso continuar sem você? Não é tão difícil, disse a ela. Meu ódio podia acreditar na sobrevivência de Sarah: só meu amor sabia que ela não existia mais do que um pássaro morto.

Uma nova cerimônia estava se formando, e a mulher perto do gradil levantou-se, confusa, ao ver os estranhos entrando. Ela esteve a ponto de ser flagrada na cremação errada.

“Acho que eu poderia telefonar.”

O ódio pairava como o tédio sobre a noite que se avizinhava. Eu havia me comprometido: sem amor, eu teria de encenar os gestos do amor. Sentia a culpa antes de cometer o crime, o crime de atrair a inocente para o meu próprio labirinto. O ato sexual pode não ser nada, mas quando se chega à minha idade, aprende-se que a qualquer momento ele pode provar ser tudo. Eu estava a salvo, mas quem poderia dizer a qual neurose desta criança eu apelaria? No final da noite eu transaria desajeitadamente, e minha própria falta de jeito, senão minha impotência, caso me mostrasse impotente, poderia ser o gatilho, ou eu seria habilidoso na hora certa, e minha experiência poderia igualmente envolvê-la. Implorei a Sarah: Tire-me daqui, tire-me daqui, pelo bem dela, não pelo meu.

Sylvia disse: “Posso dizer que minha mãe estava doente”. Ela estava pronta para mentir: era o fim de Waterbury. Pobre Waterbury. Com essa primeira mentira nos tornaríamos cúmplices. Ela ficou lá em suas calças pretas, entre as poças congeladas, e pensei: É aqui que todo um longo futuro pode começar. Implorei a Sarah: Socorro, me tire daqui. Não quero começar tudo de novo e machucá-la. Sou incapaz de amar. Exceto por você, exceto por você, e a senhora grisalha se voltou na minha direção, quebrando o gelo fino. “Você é o sr. Bendrix?”, ela perguntou.

“Sim”.

“Sarah me contou”, ela começou, e enquanto hesitava, uma esperança louca me acometeu de que ela tivesse uma mensagem para entregar; de que os mortos pudessem falar. “Você era o melhor amigo dela... ela me disse isso

muitas vezes.”

“Eu era um deles.”

“Eu sou a mãe dela.” Nem me lembrava que a mãe dela estava viva: naqueles anos, sempre houvera tanto o que conversar entre nós que áreas inteiras de nossas vidas estavam em branco como um esboço de mapa, a serem futuramente preenchidas.

Ela disse: “Você não sabia sobre mim, não é?”.

“Na verdade...”

“Henry não gostava de mim. Isso deixou as coisas um tanto estranhas, então me afastei.” Ela falava de maneira calma e razoável, mas mesmo assim as lágrimas brotavam de seus olhos com um efeito de independência. Os homens e suas esposas haviam todos se afastado: os estranhos abriam caminho entre nós três, entrando na capela. Apenas Parkis se demorava, pensando, suponho, que ainda pudesse me ser útil fornecendo mais informações, mas manteve distância, sabendo, como ele diria, o seu lugar.

“Tenho um grande favor para pedir a você”, disse a mãe de Sarah. Tentei me lembrar do nome dela — Cameron, Chandler, começava com C. “Eu vim hoje de Great Missenden com tanta pressa...” Ela enxugou as lágrimas dos olhos com indiferença, como se estivesse usando uma toalha de rosto. Bertram, pensei, era esse o nome, Bertram.

“Sim, sra. Bertram”, disse eu.

“E esqueci de colocar o dinheiro na minha bolsa preta.”

“Algo que eu possa fazer?”

“Se puder me emprestar uma libra, sr. Bendrix. Preciso jantar alguma coisa na cidade antes de partir, sabe. Tudo fecha muito cedo em Great Missenden”, e ela enxugou os olhos novamente enquanto falava.

Algo nela me lembrava Sarah: um pragmatismo em seu pesar, talvez uma ambiguidade. Teria ela “comovido” Henry além da conta? Eu disse: “Jante comigo, podemos comer mais cedo”.

“Não é o caso de incomodá-lo.”

“Eu amava Sarah”, disse eu.

“Eu também.”

Voltei à Sylvia e expliquei: “Essa é a mãe dela. Vou ter de jantar com ela. Desculpe. Posso ligar para você e marcar outro encontro?”.

“Claro.”

“Você está na lista telefônica?”

“Waterbury está”, disse ela, melancolicamente.

“Na próxima semana.”

“Eu adoraria.” Ela estendeu a mão e disse: “Adeus”. Dava para ver que sabia que era uma daquelas coisas cujo momento passara. Graças a Deus, não importava — um leve remorso e curiosidade que não passou da estação de metrô: uma palavra contrariada a Waterbury durante o Bartók. Voltando-me à sra. Bertram, peguei-me falando novamente com Sarah: Veja, eu te amo. Mas o amor não tinha a mesma convicção de ser ouvido que o ódio

tinha.

Ao nos aproximarmos dos portões do crematório, percebi que Parkis havia escapulado. Eu não o tinha visto partir. Ele deve ter percebido que agora eu não precisava mais dele.

A sra. Bertram e eu jantamos no Isola Bella. Eu não queria ir a nenhum lugar onde já tivesse estado com Sarah e, é claro, imediatamente comecei a comparar aquele restaurante com todos os outros que havíamos visitado juntos. Sarah e eu nunca bebíamos Chianti e agora o ato de bebê-lo me lembrava *desse* fato. Já que era para pensar tanto nela, devia ter logo pedido o nosso clarete favorito. Até os vazios estavam impregnados dela.

“Não gostei da cerimônia”, disse a sra. Bertram.

“Lamento.”

“Foi tão desumana. Como uma esteira transportadora.”

“Pareceu adequada. Afinal, houve orações.”

“Aquele clérigo... ele era um clérigo?”

“Eu não o vi.”

“Ele falou sobre o Grande Todo. Levei um bom tempo para entender. Achei que estava dizendo o Grande Toldo.” Suas lágrimas começaram a pingar novamente na sopa. Ela disse: “Quase comecei a rir, e Henry viu. Deu pra perceber que ficou contrariado comigo por conta disso”.

“Vocês não se entendem?”

“Ele é um homem péssimo”, disse ela. Enxugou os olhos com o guardanapo e depois sacudiu a colher com força na sopa, mexendo o macarrão. “Uma vez tive que pedir dez libras emprestadas a ele porque viera a Londres para ficar e esquecer a minha bolsa. Isso pode acontecer a qualquer pessoa.”

“Claro que pode.”

“Sempre me orgulho de não ter uma única dívida.”

Sua conversa era como o sistema de metrô. Movia-se em círculos, girava em torno de si mesma. Quando chegamos à hora do café, já podia perceber as estações recorrentes: a mesquinhez de Henry, sua própria integridade financeira, seu amor por Sarah, sua insatisfação com a cerimônia fúnebre, o Grande Todo — era a partir deste último que certos trens seguiam até Henry.

“Foi tão engraçado”, disse ela. “Eu não queria rir. Ninguém amava Sarah mais do que eu.” Como é comum a todos nós, sempre, fazer esse tipo de afirmação e ficar irritados quando a ouvimos na língua de outra pessoa. “Mas Henry não entenderia isso. Ele é um homem frio.”

Fiz um grande esforço para trocar os pontos. “Não vejo que outro tipo de cerimônia poderíamos ter tido.”

“Sarah era católica”, disse ela. Pegou sua taça de porto e tomou metade em um gole.

“Bobagem”, eu disse.

“Ora”, disse a sra. Bertram, “ela mesma não sabia.”

De repente, inexplicavelmente, senti medo, como um homem que

cometeu o crime quase perfeito e vê a primeira rachadura inesperada na parede de seu engano. Quão profunda era a rachadura? Pode ser corrigida a tempo?

“Não entendo uma palavra do que você está dizendo.”

“Sarah nunca lhe disse que eu fui católica... um dia?”

“Não.”

“Eu não era muito dedicada. Veja, meu marido odiava todo esse negócio. Eu era sua terceira esposa e, quando me zanguei com ele no primeiro ano, costumava dizer que não éramos propriamente casados. Ele era um homem péssimo”, acrescentou ela mecanicamente.

“O fato de você ser católica não torna Sarah católica.”

Ela deu outro gole em seu porto. Ela disse: “Eu nunca contei isso a outra alma. Acho que estou um pouco alta. Você acha que estou alta, sr. Bendrix?”

“Claro que não. Tome outro porto.”

Enquanto esperávamos, ela tentou mudar de assunto, mas eu a trouxe de volta sem misericórdia. “O que você quis dizer com... Sarah era católica?”

“Prometa que não vai contar a Henry.”

“Prometo.”

“Estivemos uma vez no exterior, na Normandia. Sarah tinha pouco mais de dois anos. Meu marido costumava ir para Deauville. Era o que ele dizia, mas eu sabia que estava tendo encontros com sua primeira esposa. Fiquei muito zangada. Sarah e eu saímos para caminhar pela areia. Sarah queria sentar toda hora, mas eu lhe dava um descanso e depois caminhávamos um pouco. Eu disse: ‘Este é um segredo entre você e eu, Sarah’. Já criancinha ela era boa com segredos — quando queria. Tive medo, pode acreditar, mas foi uma boa vingança, não foi?”

“Vingança? Não a entendo muito bem, sra. Bertram.”

“Contra o meu marido, é claro. Não foi apenas por causa de sua primeira esposa. Eu disse a você, não disse, que ele não me deixava ser católica? Ah, havia cada briga quando eu tentava ir à missa, então pensei: Sarah vai ser católica e ele não vai saber e não vou contar a ele, a menos que fique realmente zangada.”

“E você não contou?”

“Ele foi embora, me deixou um ano depois disso.”

“Então você conseguiu ser católica de novo?”

“Ah, bem, eu não acreditava assim *muito*, sabe? E então me casei com um judeu, e ele também foi difícil. Dizem que os judeus são muito generosos. Não caia nessa. Ai, que homem péssimo.”

“Mas o que aconteceu na praia?”

“Claro, a coisa não se deu na praia. Só quis dizer que andamos naquela direção. Deixei Sarah na porta e fui procurar o padre. Tive de contar-lhe algumas mentiras... mentirinhas de nada, é claro... para explicar as coisas. Eu podia botar tudo na conta do meu marido, claro. Disse que ele havia prometido antes de nos casarmos, e então quebrou sua promessa. Ajudou

muito não conseguir falar quase nada de francês. Você soa terrivelmente verdadeira se não souber as palavras certas. De qualquer forma, ele fez tudo lá mesmo, e pegamos o ônibus de volta para almoçar.”

“Fez o quê?”

“Batizou-a católica.”

“É tudo?”, perguntei com alívio.

“Bem, é um sacramento... ou assim dizem.”

“A princípio pensei que queria dizer que Sarah era uma católica de verdade.”

“Bem, veja, ela era, só não sabia. Gostaria que Henry a tivesse enterrado de maneira adequada”, disse a sra. Bertram e recomeçou o grotesco gotejar de lágrimas.

“Você não pode culpá-lo se nem mesmo Sarah sabia.”

“Eu sempre tive um desejo de que aquilo ‘pegasse’. Como vacina.”

“Não parece ter ‘pegado’ muito com você”, foi irresistível dizer, mas ela não se ofendeu. “Oh”, disse ela, “já passei por muitas tentações na vida, espero que no final tudo dê certo. Sarah foi muito paciente comigo. Era uma boa menina. Ninguém a apreciava como eu.” Ela tomou mais um pouco de porto e disse: “Se ao menos você a tivesse conhecido bem. Ora, se ela tivesse sido criada da maneira certa, se eu não tivesse sempre me casado com homens tão ruins, ela poderia ter sido uma santa, eu realmente acredito nisso”.

“Mas não pegou”, eu disse irritado, e chamei o garçom para trazer a conta. Uma asa daqueles gansos cinzentos que voam acima de nossas futuras sepulturas tinha feito uma corrente de ar descer pelas minhas costas, ou então tinha recebido a friagem do solo congelado: se ao menos pudesse ser uma friagem mortal como a de Sarah.

Não pegou, repeti para mim mesmo durante todo o caminho para casa no metrô, depois de deixar a sra. Bertram em Marylebone e emprestar-lhe mais três libras “porque amanhã é quarta-feira e tenho que acompanhar o serviço da empregada”. Pobre Sarah, o que havia “pegado” havia sido aquela fileira de maridos e padrastos. Sua mãe a ensinara com bastante eficácia que um homem não era o bastante para a vida toda, mas ela mesma havia compreendido o fingimento dos casamentos da mãe. Quando ela se casou com Henry, casou-se para sempre, como eu sabia com desespero.

Mas essa sabedoria nada tinha a ver com a cerimônia fugaz perto da praia. Não foi Você que “pegou”, eu disse ao Deus em que não acreditava, aquele Deus imaginário que Sarah pensava ter salvo minha vida (para qual propósito concebível?) e que havia arruinado mesmo em sua inexistência a única felicidade profunda que eu já tinha experimentado: ah, não, não foi Você que pegou, pois isso teria sido magia e acredito na magia ainda menos do que em Você: a magia é a sua cruz, a sua ressurreição do corpo, a sua sagrada Igreja católica, sua comunhão de santos.

Deitei de costas e observei as sombras das árvores do parque se moverem

no meu teto. É apenas uma coincidência, pensei, uma coincidência horrível que quase a trouxe de volta para Você no final. Você não pode marcar uma criança de dois anos para o resto da vida com um pouco de água e uma oração. Se eu começasse a acreditar nisso, poderia acreditar no corpo e no sangue. Você não a possuiu todos esses anos: eu a possuí. Você venceu no final, Você não precisa me lembrar disso, mas ela não me enganava com Você quando se deitava aqui comigo, nesta cama, com este travesseiro apoiando as costas dela. Quando ela dormia, eu estava com ela, não Você. Fui eu quem a penetrou, não Você.

Todas as luzes se apagaram, a escuridão caiu sobre a cama e sonhei que estava em uma feira com uma arma na mão. Atirava em garrafas que pareciam feitas de vidro, mas minhas balas ricocheteavam nelas como se fossem revestidas de aço. Atirei e atirei, e não consegui estilhaçar nenhuma garrafa, e às cinco da manhã acordei com exatamente o mesmo pensamento na cabeça: durante esses anos você foi minha, não Dele.

HAVIA SIDO UMA PIADA macabra minha quando pensei que Henry poderia me convidar para dividir com ele sua casa. Eu realmente não esperara a oferta e, quando ela veio, fui pego de surpresa. Mesmo sua visita uma semana após o funeral foi uma surpresa: ele nunca tinha vindo à minha casa antes. Duvido que já tivesse se aproximado mais da face sul do parque do que na noite em que o encontrara na chuva. Ouvi minha campainha tocar e olhei pela janela porque não queria receber visitas — tinha uma ideia de que poderia ser Waterbury com Sylvia. O poste próximo ao plátano na calçada iluminava o chapéu preto de Henry. Desci as escadas e abri a porta. “Eu estava de passagem”, Henry mentiu.

“Entre.”

Ele ficou de pé e titubeou sem jeito enquanto eu pegava minhas bebidas de um armário. Ele disse: “Você parece interessado no general Gordon”.

“Eles querem que eu escreva uma biografia dele.”

“Você vai fazer?”

“Creio que sim. Não estou com muita vontade de trabalhar esses dias.”

“Está acontecendo a mesma coisa comigo”, disse Henry.

“A Comissão Real ainda está reunida?”

“Está”.

“Isso lhe dá algo em que pensar.”

“Dá? Sim, suponho que sim. Até pararmos para almoçar.”

“É um trabalho importante, de qualquer maneira. Aqui está o seu xerez.”

“Não fará nenhuma diferença para uma única alma.”

Que longo caminho Henry havia percorrido desde a fotografia complacente na *Tatler* que tanto me irritara. Eu tinha uma foto de Sarah, ampliada de um instantâneo, virada para baixo na minha mesa. Ele a virou. “Lembro-me de ter tirado essa foto”, disse ele. Sarah me dissera que a fotografia havia sido tirada por uma amiga. Suponho que mentira para preservar meus sentimentos. Na foto, ela parecia mais jovem e mais feliz, mas não mais adorável do que nos anos em que eu a conhecera. Gostaria de ter sido capaz de fazê-la ter aquele ar, mas é o destino de um amante ver a infelicidade endurecer como uma casca em torno de sua amante. Henry disse: “Eu estava bancando o palhaço para fazê-la sorrir. O general Gordon é um personagem interessante?”.

“Em certos sentidos.”

Henry disse: “A casa parece muito esquisita estes dias. Tento me manter fora o máximo possível. Suponho que você não esteja livre para jantar no clube, está?”.

“Tenho muito trabalho para terminar.”

Ele olhou em torno da sala. Disse: “Você não tem muito espaço para seus livros aqui”.

“Não. Tenho que manter alguns debaixo da cama.”

Ele pegou uma revista que Waterbury havia me enviado antes da entrevista para mostrar um exemplo de seu trabalho e disse: “Na minha casa tem espaço. Poderia praticamente ter um apartamento só para você”. Fiquei surpreso demais para responder. Ele prosseguiu rapidamente, virando as folhas da revista como se realmente não estivesse interessado na própria sugestão: “Pense bem. Você não precisa decidir agora”.

“É muito gentil de sua parte, Henry.”

“Você estaria me fazendo um favor, Bendrix.”

Pensei: Por que não? Os escritores são considerados pessoas pouco ou nada convencionais. Serei eu mais convencional do que um funcionário público de carreira?

“Sonhei ontem à noite”, disse Henry, “com todos nós.”

“Sério?”

“Não me lembro de muita coisa. Estávamos bebendo juntos. Estávamos muito contentes. Quando acordei, pensei que ela não estivesse morta.”

“Não sonho com ela agora.”

“Antes tivéssemos deixado aquele padre fazer as coisas à maneira dele.”

“Teria sido absurdo, Henry. Ela não era mais católica do que você ou eu.”

“Você acredita em sobrevivência, Bendrix?”

“Se você quer dizer sobrevivência pessoal, não.”

“Não se pode refutá-la, Bendrix.”

“É quase impossível refutar qualquer coisa. Eu escrevo uma história. Como você pode provar que os eventos dela nunca aconteceram, que os personagens não são reais? Ouça. Eu conheci um homem no parque hoje com três pernas.”

“Que terrível”, disse Henry, sério. “Uma aberração?”

“E elas estavam cobertas com escamas de peixe.”

“Você está tirando sarro da minha cara.”

“Mas prove que estou, Henry. Você não pode refutar minha história, não mais do que eu posso refutar Deus. Mas eu simplesmente sei que ele é uma mentira, assim como você sabe que minha história é uma mentira.”

“Claro que há debates.”

“Ora, eu poderia inventar um argumento filosófico para a minha história, digamos, baseado em Aristóteles.”

Henry voltou abruptamente ao assunto. “Você economizaria um pouco se viesse e ficasse comigo. Sarah sempre dizia que seus livros não eram tão bem-sucedidos quanto deveriam ser.”

“Mas a sombra do sucesso está recaindo sobre eles.” Pensei no artigo de Waterbury. Eu disse: “Chega um momento em que você pode ouvir os críticos populares molhando suas penas para os aplausos... mesmo antes que o livro seguinte seja escrito. É tudo uma questão de tempo”. Eu falava porque ainda não me decidira.

Henry disse: “Não sobrou nenhum mal-estar, não é, Bendrix? Fiquei

bravo com você no seu clube... por causa daquele homem. Mas que importa agora?”.

“Eu estava errado. Ele era apenas um racionalista vociferador e louco que a interessava com suas teorias. Esqueça, Henry.”

“Ela era boa, Bendrix. As pessoas falam, mas ela era boa. Não era culpa dela que eu não conseguia, bem, amá-la da maneira adequada. Você sabe que sou extremamente prudente, cauteloso. Não sou do tipo amante. Ela queria alguém como você.”

“Ela me deixou. Ela seguiu em frente, Henry.”

“Você sabe que uma vez li um de seus livros... Sarah me obrigou. Você descreveu uma casa depois que uma mulher morreria lá dentro.”

“*O ambicioso anfitrião.*”

“Era esse o nome. Na época pareceu tudo certo. Achei muito plausível, mas você entendeu tudo errado, Bendrix. Você descreveu como o marido achava a casa terrivelmente vazia: ele se movia pelos cômodos, mudando as cadeiras, tentando dar um efeito de movimento, de outro estar ali. Às vezes, ele se servia de bebidas em dois copos.”

“Eu tinha me esquecido disso. Parece um tanto literário.”

“Está errado, Bendrix. O problema é que a casa não parece vazia. Veja bem, muitas vezes, nos velhos tempos, eu voltava para casa do escritório, e ela estava fora em algum lugar... talvez com você. Eu ligava e ela não atendia. Aí sim a casa estava vazia. Eu quase esperava descobrir que a mobília havia sumido. Você sabe que eu a amei do meu jeito, Bendrix. Cada vez que ela não estava lá quando eu voltava para casa, naqueles últimos meses, temia ver uma carta esperando por mim. ‘Querido Henry’... você sabe o tipo de coisa que escrevem nos romances?”

“Sim.”

“Mas agora a casa nunca parece vazia assim. Não sei como expressar isso. Como ela está sempre longe, ela nunca está longe. Veja, ela nunca está em nenhum outro lugar. Não está almoçando com ninguém, não está no cinema com você. Não há nenhum lugar para ela estar a não ser em casa.”

“Mas onde fica a casa dela?”, perguntei.

“Ah, você precisa me perdoar, Bendrix. Estou nervoso e cansado... não durmo bem. Você sabe que a segunda melhor opção depois de falar *com* ela é falar sobre ela, e só há você.”

“Ela tinha muitos amigos. Sir William Mallock, Dunstan...”

“Não posso falar sobre ela com eles. Não mais do que com aquele homem, Parkis.”

“Parkis!”, exclamei. Haveria ele se alojado em nossas vidas para sempre?

“Ele me contou que foi a um coquetel que oferecemos. Era cada estranho que Sarah convidava. Ele disse que você também o conhecia.”

“O que diabos ele queria com você?”

“Ele disse que ela tinha sido gentil com o filho dele... só Deus sabe quando. O menino está doente. Ele parecia querer algo dela como

lembrança. Dei a ele um ou dois dos antigos livros infantis dela. Havia muitos deles em seu quarto, todos rabiscados a lápis. Foi uma boa maneira de se livrar deles. Não se pode simplesmente mandá-los para a Foyle's, não é? Não vejo mal nisso... você vê?"

"Não. Esse foi o homem que coloquei para vigiá-la, da agência de detetives de Savage."

"Meu Deus, se eu soubesse... Mas ele parecia realmente gostar dela."

"Parkis é humano", eu disse. "Ele se comove com facilidade." Olhei em volta pela minha sala — não haveria mais de Sarah de onde Henry viera: menos, talvez, pois lá ela estaria diluída.

"Eu vou ficar com você, Henry, mas deve me deixar pagar algum aluguel."

"Fico muito feliz, Bendrix. Mas a casa é propriedade alodial. Você pode pagar sua parte nas contas."

"Aviso prévio de três meses para encontrar nova moradia quando você se casar novamente."

Ele me levou muito a sério. "Nunca vou querer fazer isso. Não sou do tipo que se casa. Causei um grande mal a Sarah quando me casei com ela. Hoje eu sei disso."

MUDEI-ME, ENTÃO, PARA A face norte do parque. Perdi o aluguel de uma semana porque Henry queria que eu fosse de imediato, e paguei cinco libras por um carroto que levasse meus livros e roupas até o outro lado. Fiquei com o quarto de hóspedes, e Henry arrumou um depósito de lenha para que fosse meu escritório, e havia uma banheira no andar de cima. Henry tinha se mudado para seu quarto de vestir, e o quarto que haviam dividido, com as camas de solteiro vazias, foi deixado para hóspedes que nunca vieram. Depois de alguns dias, comecei a entender o que Henry queria dizer sobre a casa nunca ficar vazia. Eu trabalhava no Museu Britânico até fechar, e aí voltava e esperava por Henry, e normalmente saíamos e bebíamos alguma coisa no Pontefract Arms. Certa vez, quando Henry ficou ausente por alguns dias para uma conferência em Bournemouth, peguei uma garota e a levei para casa. Não foi muito bom. Soube na mesma hora; fiquei impotente, e para não lhe causar constrangimentos, disse-lhe que havia prometido a uma mulher que amava nunca ir para a cama com outra pessoa. Ela foi muito doce e compreensiva: as prostitutas têm um grande respeito pelos sentimentos. Dessa vez, não houvera vingança em minha mente, e senti apenas tristeza por abandonar para sempre algo de que gostava tanto. Sonhei com Sarah depois, e voltamos a ser amantes no meu antigo quarto na face sul, mas novamente nada aconteceu, só que desta vez não houve tristeza no fato. Éramos felizes e sem remorsos.

Poucos dias depois, abri um armarinho no meu quarto e encontrei uma pilha de livros infantis antigos. Aquele devia ter sido o armarinho saqueado para o filho de Parkis. Havia vários livros de contos de fadas de Andrew Lang com suas capas coloridas, muitos de Beatrix Potter, *As crianças de New Forest*, *Golliwog no Polo Norte*^[8] e também um ou dois livros mais antigos — *A última expedição* do capitão Scott e os poemas de Thomas Hood, este último encadernado em couro escolar com uma etiqueta dizendo que fora premiado a Sarah Bertram por sua excelência em álgebra. Álgebra! Como as pessoas mudam.

Não consegui trabalhar naquela tarde. Deitei-me no chão com os livros e tentei esboçar pelo menos alguns elementos característicos nos espaços em branco da vida de Sarah. Há momentos em que um amante deseja ser também pai e irmão: ele tem ciúme dos anos em que não esteve presente. *Golliwog no Polo Norte* foi provavelmente o primeiro dos livros de Sarah: estava inteiro rabiscado, de uma ponta a outra, sem qualquer sentido, destrutivamente, com giz colorido. Em um dos livros de Beatrix Potter, o nome dela aparecia escrito a lápis, uma grande letra maiúscula mal traçada de forma que o que aparecia era САРА. Em *As crianças de New Forest*, ela dizia em escrita muito ordenada e cuidada: “Este livro é de Sarah Bertram. Se você quiser, eu posso lhe emprestar. Você vai se arrepender se roubar”. Eram

os vestígios de cada criança que já viveu: vestígios tão anônimos quanto as pegadas que os pássaros deixam no inverno. Quando fechei o livro, eles foram imediatamente cobertos pelo correr do tempo.

Duvido que ela tenha lido em algum momento os poemas de Hood: as páginas estavam tão limpas como quando o livro fora entregue a ela pela diretora ou pelo ilustre visitante. Na verdade, quando eu estava prestes a colocá-lo de volta no armarinho, uma folha impressa caiu no chão — provavelmente o programa daquela mesma entrega de prêmios. Numa caligrafia que pude reconhecer (mas mesmo a nossa caligrafia começa jovem e assume os arabescos cansados do tempo) havia uma frase: “Que babaquice”. Eu era capaz de imaginar Sarah escrevendo e mostrando à amiguinha ao lado enquanto a diretora voltava a se sentar, aplaudida respeitosamente pelos pais. Não sei por que outra frase dela me veio à cabeça quando vi aquele comentário de colegial com toda sua impaciência, sua incompreensão e sua segurança: “Eu sou um embuste e uma farsa”. Aqui sob minha mão estava a inocência. Parecia uma pena que ela tivesse vivido mais vinte anos apenas para sentir isso de si mesma. Um embuste e uma farsa. Seria isso uma descrição que fizera dela em algum momento de raiva? Ela sempre acolhia minhas críticas: apenas os elogios lhe escorreriam pelos dedos como a neve.

Virei a folha e li o programa de 23 de julho de 1926: *A música aquática*, de Handel, tocada pela srta. Duncan, do Royal College of Music; uma recitação de *Eu vagava solitário como uma nuvem*, poema de Wordsworth, por Beatrice Collins; árias da era Tudor, pela School Glee Society; recital de violino de *Valsa em lá bemol*, de Chopin, por Mary Pippitt. A longa tarde de verão de vinte anos atrás estendia suas sombras sobre mim, e eu odiava a vida que tanto nos altera para pior. Pensei: naquele verão eu tinha acabado de começar meu primeiro romance; havia tanta emoção, ambição, esperança, quando me sentava para trabalhar: eu não estava amargo, estava feliz. Coloquei a folha de volta no livro não lido e empurrei o volume para o fundo do armarinho, embaixo do *Golliwog* e dos volumes de Beatrix Potter. Nós dois éramos felizes com apenas dez anos de diferença e alguns condados entre nós, e mais tarde nos uniríamos sem nenhum propósito aparente senão o de oferecer muita dor um ao outro. Peguei *A última expedição* de Scott.

Esse havia sido um dos meus livros favoritos. Parecia curiosamente datado agora, esse heroísmo que tinha apenas o gelo como inimigo, um autossacrifício que não envolvia nenhuma morte além da própria. Havia duas guerras entre nós e eles. Olhei as fotos: as barbas e os óculos de proteção, os pequenos montes de neve, a bandeira britânica, os pôneis com suas crinas compridas como penteados antiquados entre as pedras listradas. Até as mortes eram “históricas”, e “histórica” também era a estudante que traçava linhas e pontos de exclamação nas páginas, que escreveu em letra elegante na margem da última carta de Scott para casa: “E o que vem a seguir? É Deus? Robert Browning”. Mesmo nessa época, pensei, *Ele* viera à mente

dela. Ele era tão dissimulado como amante, aproveitando-se de um estado de espírito passageiro, feito um herói que nos seduz com suas improbabilidades e suas lendas. Coloquei o último livro de volta no lugar e girei a chave na fechadura.

“Onde você esteve, Henry?”, perguntei. Ele geralmente era o primeiro no café da manhã e às vezes saía de casa antes de eu descer, mas esta manhã seu prato não havia sido tocado e ouvi a porta da frente se fechar suavemente antes que ele aparecesse.

“Oh, aqui mesmo na rua”, disse ele, vagamente.

“Esteve fora a noite toda?”, perguntei.

“Não. Claro que não.” Para se livrar dessa acusação, ele me disse a verdade. “O padre Crompton rezou a missa hoje por Sarah.”

“Ele ainda está nisso?”

“Uma vez por mês. Achei que seria educado aparecer.”

“Não acho que ele soubesse que você estava lá.”

“Eu o vi depois para lhe agradecer. Na verdade, eu o convidei para jantar.”

“Então sairei.”

“Eu gostaria que você ficasse, Bendrix. Afinal, ele também era amigo de Sarah, à sua maneira.”

“Você também está se tornando um carola, Henry?”

“Claro que não. Mas eles têm tanto direito ao seu ponto de vista quanto nós.”

Então ele veio jantar. Feio, encovado, insosso com seu nariz de Torquemada, ele era o homem que mantivera Sarah longe de mim. Ele a havia apoiado no voto absurdo que viria a ser esquecido em uma semana. Foi até a igreja dele que ela caminhara na chuva em busca de refúgio, “pegando a morte”, em vez disso. Era difícil para mim demonstrar até a mais simples polidez, e Henry teve que arcar com o fardo do jantar. O padre Crompton não estava acostumado a comer fora. Esta parecia ser uma obrigação na qual tinha dificuldade em manter o foco. Jogar conversa fora não era sua especialidade, e suas respostas tombavam como árvores na estrada.

“Você encontra um bocado de pobreza por aqui, suponho”, disse Henry, um tanto cansado, por cima do queijo. Ele havia tentado tantas coisas — a influência dos livros, o cinema, uma visita recente à França, a possibilidade de uma terceira guerra.

“Isso não é um problema”, respondeu o padre Crompton.

Henry se esforçou. “Imoralidade?”, perguntou, com a nota ligeiramente falsa que não podemos evitar com tal palavra.

“Isso nunca é um problema”, disse o padre Crompton.

“Pensei que talvez... o parque... percebe-se que à noite...”

“Você vê isso acontecendo com qualquer espaço aberto. E agora é inverno, de qualquer maneira.” E com isso o tópico se encerrou.

“Mais um pouco de queijo, padre?”

“Não, obrigado.”

“Suponho que em um distrito como este você tenha muitos problemas

para arrecadar dinheiro... para a caridade, quero dizer.”

“As pessoas dão o que podem.”

“Um pouco de conhaque com seu café?”

“Não, obrigado.”

“Você não se importa se nós...”

“Claro que não. Não consigo dormir tomando isso, essa é a razão, e preciso acordar às seis.”

“Para quê?”

“Rezar. Você se acostuma.”

“Acho que nunca consegui rezar muito”, disse Henry, “desde que era menino. Eu costumava rezar para me escalarem no segundo time de rúgbi da escola.”

“E você conseguiu?”

“Fui escalado para o terceiro. Receio que esse tipo de oração não tenha muita serventia, não é, padre?”

“Qualquer tipo de oração é melhor do que nada. De qualquer forma, é um reconhecimento do poder de Deus, e isso é uma espécie de adoração, suponho.” Eu não o tinha ouvido falar tanto desde o início do jantar.

“Ora, e eu aqui pensando”, eu disse, “que era mais como bater na madeira ou evitar as linhas na calçada. Pelo menos nessa idade.”

“Ah, bem”, disse ele, “não sou contra um pouco de superstição. Dá às pessoas a ideia de que este mundo não é tudo.” Com seu nariz, dirigi-me uma carranca. “Pode ser o começo da sabedoria.”

“Sua igreja certamente recorre bastante à superstição... são Januário, estátuas ensanguentadas, visões da virgem... esse tipo de coisa.”

“Procuramos separar uma coisa da outra. E não é mais sensato acreditar que *qualquer coisa* pode acontecer do que...?”

A campainha tocou. Henry disse: “Falei à empregada que ela podia ir para a cama. Você me dá licença, padre?”

“Eu vou”, eu disse. Fiquei feliz por me afastar daquela presença opressora. Ele possuía as respostas sempre na ponta da língua: o amador não tinha a menor esperança de pegá-lo, era como um mágico que entediava a pessoa com sua própria habilidade. Abri a porta da frente e vi uma mulher corpulenta vestida de preto segurando um pacote. Por um momento, pensei que fosse nossa faxineira, até que ela disse: “É o sr. Bendrix?”

“Sim.”

“Eu precisava lhe entregar isso”, e enfiou o pacote rapidamente na minha mão como se contivesse algo explosivo.

“De quem é?”

“Da parte do sr. Parkis, senhor.” Examinei o pacote, perplexo. Até me ocorreu que ele pudesse ter guardado em algum lugar errado certas provas que agora estava me entregando tarde demais. Eu queria esquecer o sr. Parkis.

“O senhor me daria um recibo? Eu fiquei de lhe entregar o pacote em

mãos.”

“Eu não tenho um lápis... ou papel. Eu realmente não ligo para isso.”

“Você sabe como o sr. Parkis trata os registros, senhor. Tenho um lápis na minha bolsa.”

Assinei o recibo para ela no verso de um envelope usado. Ela o guardou com cuidado e então se apressou até o portão como se quisesse ir o mais longe possível o mais rápido que conseguia. Fiquei parado no corredor examinando o objeto em minha mão. Henry chamou-me da sala de jantar: “O que é, Bendrix?”

“Um pacote de Parkis”, eu disse. A frase soou como um trava-língua.

“Acho que ele está devolvendo o livro.”

“A esta hora? E está endereçado a mim.”

“Bem, o que é então?” Eu não queria abrir o pacote: não estávamos ambos envolvidos no doloroso processo de esquecimento? Eu sentia que já tinha sido punido o suficiente por minha visita à agência do sr. Savage. Ouvi a voz do padre Crompton dizendo: “Preciso ir agora, sr. Miles”.

“É cedo ainda.”

Pensei: se eu ficar fora do cômodo, não terei que acrescentar minha educação à de Henry, e talvez ele saia antes. Abri o pacote.

Henry estava certo. Era um dos livros de contos de fadas de Andrew Lang, mas havia um pedaço de papel dobrado espetado entre as folhas. Era uma carta de Parkis.

“Caro sr. Bendrix”, li, e pensando que fosse uma nota de agradecimento, meus olhos foram com impaciência às últimas frases. “Portanto, dadas as circunstâncias, prefiro não ficar com o livro em casa e espero que você explique ao sr. Miles que não há ingratidão da parte de seu, cordialmente, Alfred Parkis.”

Sentei-me no corredor. Ouvi Henry dizer: “Não pense que tenho a mente fechada, padre Crompton...” e comecei a ler a carta de Parkis desde o início:

“Caro sr. Bendrix, estou escrevendo para você e não para o sr. Miles tendo por certa sua empatia dada a nossa estreita, embora triste, associação, e por se tratar o senhor de um cavalheiro literário de imaginação e acostumado a acontecimentos estranhos. Você sabe que meu filho não tem se sentido bem ultimamente, padecendo de dores terríveis no estômago, e, não tendo relação com o sorvete, temo ser apendicite. O médico sugeriu a operação, não há perigo, mas tenho muito medo de ver meu pobre garoto ser submetido à faca, sua mãe tendo morrido sob seus efeitos por negligência, disso tenho certeza, e o que faria se perdesse o meu filho da mesma maneira? Eu ficaria bastante sozinho. Perdoe todos os detalhes, sr. Bendrix, mas em minha profissão somos orientados a colocar as coisas em ordem e explicar o que vem na frente antes, de forma que o juiz não possa reclamar que não foi informado dos fatos claramente. Então eu disse ao médico na segunda-feira, vamos esperar até termos certeza. Mas às vezes penso que foi o frio o responsável e ele esperando e vigiando do lado de fora da casa da sra. Miles, e o senhor me

perdoará se eu disser que ela era uma senhora muito gentil que merecia ser deixada em paz. Não podemos nos dar ao luxo de escolher em meu trabalho, mas desde aquele primeiro dia em Maiden Lane, desejei que a dama a ser vigiada fosse qualquer outra.

“De qualquer forma, meu filho ficou terrivelmente magoado quando soube como a pobre senhora havia morrido. Ela só falou com ele uma vez, mas de alguma forma ele concebeu a ideia, eu acho, de que sua mãe tinha sido como ela, o que não é o caso, embora também fosse uma mulher boa e verdadeira à sua maneira, de quem sinto saudades todos os dias da minha vida. Bem, quando sua temperatura chegou em trinta e nove graus, que é alta para um menino como ele, ele começou a falar com a sra. Miles da mesma forma que fizera na rua, mas disse a ela que a estava observando, o que é claro que não faria, tendo orgulho profissional mesmo na sua idade. Aí ele começou a chorar quando ela foi embora, e então dormiu, mas quando acordou com a febre ainda em trinta e oito, pediu o presente que ela lhe havia prometido no sonho. Então foi por isso que incomodei o sr. Miles e o enganei, do que tenho vergonha, não havendo motivo profissional, apenas o meu pobre rapaz.

“Quando peguei o livro e dei a ele, ficou mais calmo. Mas fiquei preocupado porque o médico disse que não ia correr mais riscos e que ele devia ir ao hospital na quarta-feira e, caso houvesse leito vazio, tê-lo-ia recebido naquela noite mesmo. Então, veja, eu não conseguia dormir por estar preocupado pensando em minha pobre esposa, em meu pobre filho e com medo da faca. Não sinto vergonha de *lhe* dizer, sr. Bendrix, que orei muito. Orei a Deus e depois orei à minha esposa para fazer o que pudesse, porque se há alguém no céu, ela está no céu agora, e pedi a intercessão da sra. Miles se ela estivesse lá também, para fazer o possível. Agora, se um homem adulto pode chegar a esse ponto, sr. Bendrix, o senhor pode entender o meu pobre menino imaginando coisas. Quando acordei esta manhã, a temperatura dele estava em trinta e sete e ele não tinha nenhuma dor, e quando o médico chegou não havia mais nenhuma sensibilidade, então ele disse que podíamos esperar um pouco, e o rapaz passou o dia inteiro bem. Só que ele disse ao médico que foi a sra. Miles quem veio e tirou a dor — tocando-o no lado direito da barriga, se o senhor me perdoa a indelicadeza — e ela escreveu no livro para ele. Mas o médico diz que ele precisa ficar muito quieto, e o livro o agita. Portanto, dadas as circunstâncias, prefiro não ficar com o livro em casa...”

Quando virei a carta, havia um pós-escrito. “Há algo escrito no livro, mas qualquer um pode ver que foi há muitos anos, quando a sra. Miles era uma garotinha, só que não consigo explicar isso ao meu pobre filho por medo de que a dor volte. Respeitosamente, A. P.” Abri o livro na contracapa e lá estava o rabisco informe com lápis indelével, exatamente como já o tinha visto antes nos outros livros em que a criança Sarah Bertram havia composto seus versinhos.

“Mamãe, quando cáí doente,
Deu-me este livrinho de presente.
Se uma pessoa saudável o roubar
Ela vai bem feio se machucar.
Mas se estiver acamada sem o que fazer
Pode então pegá-lo para ler.”

Levei o livro comigo para a sala de jantar. “O que era?”, Henry perguntou.
“O livro”, eu disse. “Você leu o que Sarah tinha escrito nele antes de entregá-lo a Parkis?”

“Não. Por quê?”

“Uma coincidência, só isso. Mas parece que você não precisa pertencer à confissão do padre Crompton para ser supersticioso.” Entreguei a carta a Henry: ele a leu e entregou ao padre Crompton.

“Não gosto disso”, Henry disse. “Sarah está morta. Detesto vê-la aparecendo em conversas por aí.”

“Sei o que você quer dizer. Também sinto o mesmo.”

“É como ouvi-la ser discutida por estranhos.”

“Não estão falando mal dela”, disse o padre Crompton. Ele largou a carta. “Preciso ir agora.” Mas não fez nenhum movimento, olhando para a carta sobre a mesa. Perguntou: “E o que está escrito?”

Empurrei o livro pela mesa para ele. “Veja, foi escrito anos atrás. Ela escreveu esse tipo de coisa em muitos de seus livros, como todas as crianças.”

“O tempo é uma coisa estranha”, disse o padre Crompton.

“É claro que a criança não entenderia que tudo foi feito no passado.”

“Santo Agostinho perguntou de onde vinha o tempo. Ele disse que vinha do futuro que ainda não existia, para o presente que não tinha duração, e ia para o passado que havia deixado de existir. Não sei se podemos entender o tempo melhor do que uma criança.”

“Não foi minha intenção...”

“Bem...”, disse ele, levantando-se, “você não deve levar isso a sério, sr. Miles. Isso só mostra que sua esposa era uma boa mulher.”

“Isso não me ajuda em nada, não é? Ela é parte do passado que deixou de existir.”

“O homem que escreveu esta carta é um poço de sensatez. Não há mal nenhum em orar aos mortos, assim como por eles.” Ele repetiu a frase: “Ela era uma boa mulher”.

De repente, perdi a paciência. Acho que fiquei irritado principalmente com sua postura presunçosa, a sensação de que nada intelectual jamais poderia perturbá-lo, a suposição de conhecer intimamente alguém com quem tivera contato apenas por algumas horas ou dias e que nós conhecíamos há anos. Eu disse: “Ela não era nada disso”.

“Bendrix”, quis Henry interromper bruscamente.

“Ela podia colocar antolhos em qualquer homem”, eu disse, “até mesmo em um padre. Ela apenas enganou você, padre, como enganou a mim e ao marido. Ela era uma mentirosa contumaz.”

“Ela nunca fingiu ser o que não era.”

“Eu não era seu único amante...”

“Pare com isso”, disse Henry. “Você não tem o direito...”

“Deixe-o continuar”, disse o padre Crompton. “Deixe o pobre homem desabafar.”

“Não quero sua pena profissional, padre. Guarde-a para seus penitentes.”

“Você não pode me dizer de quem devo ter pena, sr. Bendrix.”

“Qualquer homem podia ficar com ela.” Quis muito acreditar nas palavras que dizia, pois então não haveria nada a perder ou a lamentar. Eu não estaria mais amarrado a ela onde quer que estivesse. Eu estaria livre.

“E o senhor não pode me ensinar nada sobre penitência, sr. Bendrix. Tenho vinte e cinco anos de confissão. Não há nada que possamos fazer que alguns dos santos não tenham feito antes de nós.”

“Não tenho nada do que me arrepender, exceto o fracasso. Volte para os seus, padre, volte para o seu maldito caixote e seu terço.”

“Estarei lá à sua espera quando quiser.”

“Eu querer você, padre? Padre, não quero ser rude, mas não sou Sarah. Não mesmo.”

Henry disse, constrangido: “Sinto muito, padre”.

“Não se sinta assim. Eu sei quando um homem está acuado pela dor.”

Eu não conseguia atravessar a couraça de sua presunção. Empurrei minha cadeira para trás e disse: “Você está errado, padre. Isso não é algo sutil como a dor. Não estou com dor, estou com ódio. Odeio Sarah porque não era mais do que uma puta, odeio Henry porque ela ficou presa a ele e odeio você e seu Deus imaginário porque vocês a tiraram de nós.”

“Seu ódio é promissor”, respondeu o padre Crompton.

Meus olhos estavam mergulhados em lágrimas porque eu não tinha força para ferir qualquer um deles. “Para o inferno com todos vocês”, eu disse.

Bati a porta atrás de mim e os deixei lá dentro juntos. Que ele derrame sua sabedoria sagrada sobre Henry, pensei, estou sozinho. Quero ficar sozinho. Se não posso ter você, estarei sempre sozinho. Ah, sou tão capaz de acreditar quanto qualquer outro. Eu só precisaria fechar os olhos da minha mente por um tempo longo o bastante, e poderia acreditar que você foi ao filho de Parkis à noite com seu acalanto. No mês passado, no crematório, pedi a você que poupasse aquela garota de mim e você empurrou sua mãe entre nós — ou é o que se poderia dizer. Mas se eu começar a acreditar nisso, terei de acreditar no seu Deus. Eu teria que amar o seu Deus. Prefiro amar os homens com quem você dormiu.

Tenho que ser razoável, eu disse a mim mesmo, subindo as escadas. Sarah já morreu há um bom tempo: não se segue amando os mortos com essa intensidade, só os vivos, e ela não está viva, não pode estar viva. Não devo

acreditar que ela está viva. Deitei na cama, fechei os olhos e tentei conservar o bom senso. Se a odeio tanto quanto a odeio às vezes, como posso amá-la? Pode-se realmente odiar e amar? Ou sou apenas eu mesmo que realmente odeio? Odeio os livros que escrevo com sua arte trivial e insignificante, odeio a mente do artesão em mim tão ávida por matéria-prima que decidi seduzir uma mulher que não desejava pelas informações que ela podia me dar, odeio esse corpo que desfrutou tanto, mas foi inadequado para expressar o que o coração sentia, e odeio minha mente desconfiada, que contratou os serviços de Parkis, que polvilhou as campainhas das portas, revirou cestas de lixo, roubou seus segredos.

Peguei o diário dela da gaveta da minha mesa de cabeceira e, abrindo-o ao acaso, em uma data de janeiro passado, li: “Ó Deus, se eu realmente pudesse odiar você, o que isso significaria?” E pensei: Odiar Sarah é apenas amar Sarah e odiar a mim mesmo é apenas amar a mim mesmo. Não sou alguém que sequer vale a pena odiar — Maurice Bendrix, autor de *O ambicioso anfitrião*, *A imagem coroada*, *O túmulo à beira-mar*. Bendrix, o escrevinhador. Nada — nem mesmo Sarah — vale nosso ódio se Você existir, exceto Você. Pensei: Às vezes odiei Maurice, mas será que o teria odiado se não o tivesse amado também? Ó Deus, se eu realmente pudesse odiar você...

Lembrei-me de como Sarah havia orado ao Deus em que não acreditava, e agora falei com a Sarah em que não acreditava. Eu disse: Um dia você sacrificou nós dois para me trazer de volta à vida, mas que tipo de vida é essa sem você? Está tudo certo para você amar a Deus. Você está morta. Você o tem. Mas eu estou doente de vida, estou apodrecendo de saúde. Se eu começar a amar Deus, não posso simplesmente morrer. Tenho que fazer algo a respeito. Tive que tocar você com minhas mãos, tive que provar você com minha língua: não se pode amar e não fazer nada. Não adianta me dizer para não me preocupar, como fez uma vez em um sonho. Se eu chegasse a amar assim, seria o fim de tudo. Amando você, eu não tinha apetite por comida, não sentia desejo por nenhuma outra mulher, mas ao amá-lo não haveria prazer em nada com ele longe. Eu até perderia meu trabalho, deixaria de ser Bendrix. Sarah, estou com medo.

Naquela noite, acordei e perdi completamente o sono às duas da manhã. Desci até a despensa e peguei alguns biscoitos e um copo d'água. Lamentava ter falado daquela forma sobre Sarah na frente de Henry. O padre dissera que não havia nada que pudéssemos fazer que algum santo não tivesse feito. Isso poderia ser verdade no caso de assassinato e adultério, os pecados espetaculares, mas teria um santo alguma vez sido culpado de inveja e maldade? Meu ódio era tão mesquinho quanto meu amor. Abri a porta suavemente e olhei para Henry. Ele dormia com a luz acesa e o braço protegendo os olhos. Com os olhos ocultos, havia um anonimato sobre todo o corpo. Ele era apenas um homem — um de nós. Era como o primeiro soldado inimigo que um homem encontra no campo de batalha, morto e indistinguível, não um Branco ou um Vermelho, mas apenas um ser humano

como ele. Coloquei dois biscoitos ao lado de sua cama para o caso de ele acordar e apaguei a luz.

MEU LIVRO NÃO ESTAVA indo bem (que perda de tempo parecia o ato de escrever, mas de que outra forma se poderia gastar o tempo?) e dei uma caminhada pelo parque para ouvir os discursos. Havia um homem de quem me lembrava que costumava me divertir nos dias anteriores à guerra e fiquei feliz em vê-lo em segurança de volta em seu outeiro. Ele não tinha nenhuma mensagem a transmitir como os oradores políticos e religiosos. Era um ex-ator e apenas contava histórias e recitava trechos de poemas. Desafiava seu público a pegá-lo no erro pedindo qualquer poema. “*A balada do velho marinheiro*”,^[9] alguém gritava, e imediatamente, com grande empostação, ele declamava uma quadra. Um gaiato disse: “*Soneto 32 de Shakespeare*”, e ele recitou quatro versos ao acaso e, quando o gaiato o contestou, disse: “Você tem a edição errada”. Olhei para a plateia em torno e vi Smythe. Talvez ele tivesse me visto primeiro, pois estava com a face bonita do rosto voltada para mim, a face que Sarah não tinha beijado — mas se era esse o caso, evitava me olhar.

Por que eu sempre queria falar com qualquer um que Sarah tivesse conhecido? Abri caminho até o lado dele e disse: “Olá, Smythe”. Ele cobriu o lado ruim do rosto com um lenço e se virou para mim. “Ah, é o sr. Bendrix”, disse.

“Não o vejo desde o funeral.”

“Eu estive fora.”

“Você ainda fala aqui?”

“Não.” Ele hesitou e depois acrescentou, com relutância: “Desisti de falar em público”.

“Mas você ainda dá aulas em casa?”, quis eu provocá-lo.

“Não. Também parei com elas.”

“Suas convicções não mudaram, espero?”

Ele disse sombriamente: “Não sei em que acreditar”.

“Em nada. Era essa a questão, não?”

“Era.” Ele começou a se mover um pouco para longe da multidão e me vi diante de seu lado ruim. Não pude resistir a provocá-lo um pouco mais. “Você está com dor de dente?”, perguntei.

“Não. Por quê?”

“Pareceu que estava. Por causa do lenço.”

Ele não respondeu, mas tirou o lenço. Não havia feiura a esconder. Sua pele parecia bastante vigorosa e jovem, exceto por uma manchinha insignificante.

Ele disse: “Fico cansado de explicar quando encontro pessoas que conheço”.

“Você encontrou uma cura?”

“Encontrei. Foi por isso que me ausentei.”

“Para uma casa de saúde?”

“Sim.”

“Operação?”

“Não exatamente.” Ele acrescentou a contragosto: “Foi feito por toque”.

“Cura pela fé?”

“Eu não tenho fé. Eu nunca iria a um charlatão.”

“O que era? Urticária?”

Ele disse vagamente, para encerrar o assunto: “Métodos modernos. Eletricidade”.

Voltei para casa e novamente tentei me concentrar no meu livro. Quando começo a escrever, sempre descubro que há um personagem que reluta muito em ganhar vida. Não há nada de psicologicamente falso nele, mas ele empaca, tem de ser arrastado, palavras têm de ser encontradas para ele, toda a habilidade técnica que adquiri ao longo de anos de trabalho precisa ser empregada para fazê-lo parecer vivo aos meus leitores. Às vezes me dá uma satisfação dolorosa ver um crítico elogiando-o como o personagem mais bem amarrado do livro: se não foi amarrado, com certeza foi arrastado. Como uma refeição mal digerida no estômago, ele se acomoda pesadamente em meus pensamentos sempre que começo a trabalhar, roubando-me o prazer da criação em qualquer cena em que esteja presente. Ele nunca faz coisas inesperadas, nunca me surpreende, nunca assume o comando. Todos os outros personagens ajudam, ele apenas atrapalha.

E, no entanto, não se pode ficar sem ele. Posso imaginar um Deus tendo sentimentos similares em relação a alguns de nós. Os santos são, pode-se supor, criadores de si mesmos, de certa maneira. Eles ganham vida. São capazes de atos ou palavras surpreendentes — existem apartados da trama, não são condicionados por ela. Já nós precisamos de um empurrão. Teimamos em não existir, e não arredamos pé da trama; resta a Deus nos arrastar vez por outra segundo suas intenções, personagens sem poesia e sem vontade própria, cuja única importância reside no fato de que ajudamos, em algum lugar, em algum momento, a compor a cena em que um personagem vivo se move e fala, fornecendo talvez aos santos as oportunidades de exercício do *seu* livre-arbítrio.

Fiquei contente quando ouvi a porta se fechar e Henry avançar pelo corredor. Foi uma desculpa para parar. Aquele personagem podia ficar inerte até o dia seguinte: era finalmente chegada a hora de ir ao Pontefract Arms. Esperei que ele me chamasse (depois de um mês já estávamos tão aferrados aos nossos modos quanto dois solteirões que vivem juntos há anos), mas ele não chamou, e eu o ouvi entrar em seu escritório. Depois de um tempo, fui atrás dele: sentia falta da minha bebida.

Lembrei-me da primeira ocasião em que voltara com ele — ele sentado ali, ao lado do Discóbolo verde, preocupado e abatido, mas agora, olhando para ele, não sentia inveja nem prazer.

“Uma bebida, Henry?”

“Sim, sim. Claro que sim. Eu só ia trocar de sapato.” Ele tinha sapatos para o campo e para a cidade, e o parque, segundo seu entendimento, era o campo. Ele se curvou sobre os cadarços: havia um nó que não conseguia desatar — ele nunca se entendia bem com os dedos. Cansou de lutar e arrancou o sapato. Eu o peguei e desatei o nó para ele.

“Obrigado, Bendrix.” Talvez um pequeno gesto de companheirismo lhe desse confiança. “Uma coisa muito desagradável aconteceu hoje no escritório”, disse ele.

“Hum, conte”.

“A sra. Bertram apareceu. Acho que você não conhece a sra. Bertram.”

“Claro que conheço. A gente se conheceu no outro dia.” Uma expressão curiosa: “no outro dia”, como se todos os dias fossem iguais, menos aquele.

“Nunca nos demos muito bem.”

“Ela me contou na ocasião.”

“Sarah sempre foi muito boa nisso. Ela a mantinha afastada.”

“Ela veio pedir dinheiro emprestado?”

“Sim. Ela queria dez libras... a história de sempre: vai passar o dia na cidade, fazer compras, ficou sem, bancos fechados... Bendrix, não sou um homem mesquinho, mas fico muito irritado com a folga dela. Ela recebe dois mil por ano. É quase tanto quanto eu ganho.”

“Você deu a ela?”

“Ah, claro. Sempre acontece, mas o problema é que dessa vez não pude resistir a um sermão. Isso a deixou furiosa. Eu contei a ela: quantas vezes havia pedido e quantas vezes havia me devolvido... foi fácil, só a primeira vez. Ela pegou o talão e disse que ia me dar um cheque por todos os empréstimos, ali, na hora. Estava com tanta raiva que tenho certeza de que estava falando a sério. De fato esquecera que havia usado seu último cheque. Ela quis me humilhar e só consegui humilhar a si mesma, pobre mulher. Claro, isso piorou as coisas.”

“O que ela fez?”

“Ela me acusou de não dar um funeral adequado a Sarah. Contou uma história esquisita...”

“Eu sei. Ela me contou depois de umas tacinhas de porto.”

“Você acha que ela está mentindo?”

“Não.”

“É uma coincidência impressionante, não é? Batizada aos dois anos, e depois começar a retornar àquilo que você nem lembra... É como uma infecção.”

“Mas é o que você diz, uma estranha coincidência.” Houve um momento em que eu fornecera a Henry a força necessária; não ia ser agora que o deixaria enfraquecer. “Já vi coincidências mais estranhas”, prossegui. “Durante o ano passado, Henry, fiquei tão entediado que até comecei a anotar placas de carros. Isso te ensina algo sobre coincidências. Dez mil números possíveis e só Deus sabe quantas combinações, e ainda assim, uma

vez atrás da outra, eu via dois carros com os mesmos números lado a lado em um congestionamento.”

“Sim, imagino que aconteça.”

“Nunca vou perder a fé na coincidência, Henry.”

O telefone tocava baixinho no andar de cima: não tínhamos ouvido até agora, porque o interruptor estava desligado no escritório.

“Oh, meu Deus, meu Deus”, Henry disse, “eu não ficaria nem um pouco surpreso se fosse aquela mulher de novo.”

“Deixe tocar”, e enquanto eu falava, o toque parou.

“Não é que eu seja mesquinho”, Henry disse. “Não acho que ela tenha tomado emprestado mais de cem libras em dez anos.”

“Vamos sair, vamos beber.”

“Claro! Ah, não coloquei meus sapatos.” Ele se curvou sobre eles, e pude ver a área calva na coroa de sua cabeça: era como se suas preocupações o tivessem desgastado — e eu tinha sido uma delas. Ele disse: “Não sei o que faria sem você, Bendrix”. Espanei um pouco de caspa de seu ombro. “Bom, Henry...”, e então, antes que pudéssemos nos mover, o telefone voltou a tocar.

“Deixe isso pra lá”, eu disse.

“É melhor eu atender. Você não sabe...” Ele se levantou com os cadarços desamarrados e foi até a mesa. “Olá”, respondeu, “Miles falando.” Passou o fone para mim e disse com alívio: “É para você”.

“Sim?”, eu disse. “Aqui é Bendrix.”

“Sr. Bendrix”, disse uma voz masculina, “senti que precisava ligar para o senhor. Não lhe contei a verdade esta tarde.”

“Quem é você?”

“Smythe”, disse a voz.

“Não estou entendendo.”

“Eu disse que estive em uma casa de saúde. Não é verdade.”

“Mas eu não ligo a mínima para isso.”

Sua voz se mostrou mais enfática do outro lado da linha. “Claro que liga. Você não está me ouvindo. Ninguém tratou meu rosto. As manchas desapareceram, de repente, uma noite.”

“Como? Ainda não entendo...”

Ele disse, num terrível tom conspiratório: “Você e eu sabemos como. Não há como ignorar o fato. Não foi certo de minha parte esconder isso. Foi um...”, mas desliguei antes que pudesse usar aquela palavrinha tola que se usa para vender jornal, a alternativa para “coincidência”. Lembrei-me de sua mão direita fechada, lembrei-me da minha raiva de como os mortos podem ser assim repartidos, divididos como suas peças de roupa. Pensei: Ele é tão orgulhoso que sempre deve ter algum tipo de revelação. Em uma ou duas semanas, estará falando sobre isso no parque e mostrando seu rosto curado. Leremos nas manchetes: “Palestrante racionalista convertido por cura milagrosa”. Tentei reunir toda a minha fé na coincidência, mas tudo em que

conseguia pensar, e isso com inveja, pois eu não tinha nenhuma relíquia, era no rosto deformado deitado à noite sobre a mecha de cabelo dela.

“Quem era?”, Henry perguntou. Hesitei por um momento se deveria dizer a ele, mas então pensei: Não. Não confio nele. Ele e o padre Crompton vão se juntar.

“Smythe”, eu disse.

“Smythe?”

“Aquele sujeito que Sarah costumava visitar.”

“E o que ele queria?”

“O rosto dele foi curado, só isso. Pedi que me dissesse o nome do especialista. Tenho um amigo...”

“Tratamento elétrico?”

“Não tenho certeza. Li em algum lugar que a urticária tem origem histórica. Uma mistura de psiquiatria e rádio.” Parecia plausível. Afinal de contas, talvez fosse essa a verdade. Outra coincidência, dois carros com a mesma placa, e pensei com certo cansaço: Quantas coincidências vai haver? A mãe dela no funeral, o sonho da criança. Vai ser isso todo dia? Eu me sentia como um nadador no limite de suas forças, que sabe que a maré está mais forte do que ele, mas, se eu me afogasse, conservaria Henry na superfície até o último instante. Afinal, não era esse o dever de um amigo? — pois se isso não fosse refutado, se saísse nos jornais, ninguém poderia dizer onde é que acabaria. Lembrei-me das rosas em Manchester — aquela fraude havia levado um bom tempo para ser reconhecida pelo que era. As pessoas hoje em dia estão muito histéricas. Podem surgir caçadores de relíquias, orações, procissões. Henry não era desconhecido; o escândalo seria enorme. E todos os jornalistas fazendo perguntas sobre a vida dos dois juntos e desenterrando aquele caso estranho do batismo perto de Deauville. A vulgaridade da pia Imprensa. Eu era capaz de imaginar as manchetes, e as manchetes produziram mais “milagres”. Essa era uma coisa que precisávamos matar no ninho.

Lembrei-me do diário na minha gaveta no andar de cima e pensei: Ele também precisa desaparecer, pois pode ser interpretado do jeito que quiserem. Era como se, para conservá-la conosco, fôssemos obrigados a destruir seus vestígios um a um. Até os livros infantis dela haviam se provado um perigo. Havia fotos — a que Henry havia tirado: não podiam chegar à Imprensa. Seria Maud confiável? Nós dois havíamos tentado construir uma casa paliativa juntos, e até mesmo isso estava sendo destruído.

“E a nossa bebida?”, quis saber Henry.

“Já encontro você, só um minuto.”

Subi até o meu quarto e peguei o diário. Arranquei as capas. Elas eram duras: o forro de algodão se desprende de dentro delas como filamentos; era como desmembrar um pássaro, e ali estava o diário na cama, um bloco de papel sem asas e ferido. A última página estava voltada para cima e a li mais uma vez: “Você estava lá, ensinando-nos a esbanjar, como Você ensinou ao

homem rico, para que um dia não tivéssemos outra coisa além do Seu amor. Mas Você é muito bom para mim. Quando Lhe peço dor, Você me dá paz. Dê a ele também. Dê a ele minha paz — é ele quem mais precisa”.

Pensei: Você falhou aí, Sarah. Pelo menos uma de suas orações não foi respondida. Não tenho paz e não tenho amor, exceto por você, você. Eu disse a ela: Sou um homem de ódio. Mas eu não sentia muito ódio; havia chamado outras pessoas de histéricas, mas havia exagero em minhas palavras. Era capaz de identificar a falta de sinceridade nelas. O que eu sentia, acima de tudo, era mais medo do que ódio. Pois se esse Deus existe, pensei, e se até mesmo você — com suas luxúrias, seus adultérios, as mentirinhas que costumava largar aqui e ali — pode mudar assim, todos nós poderíamos nos tornar santos, bastaria saltar como você saltou, fechar os olhos e pular de uma vez por todas: se *você* é uma santa, não é tão difícil ser santo. É algo que Ele pode exigir de qualquer um de nós, o salto. Mas não vou saltar. Sentei-me na cama e disse a Deus: Você a levou, mas ainda não me pegou. Conheço Sua astúcia. É Você que nos leva a um lugar alto e nos oferece todo o universo. Você é um demônio, Deus; tudo o que quer é nos levar à tentação do salto. Mas eu não quero Sua paz, não quero Seu amor. Eu queria algo muito simples e muito fácil: eu queria Sarah pelo resto da vida, e Você a levou embora. Com Suas grandes mirabolâncias, Você arruína a nossa felicidade como uma ceifeira destrói um ninho de rato: Eu O odeio, Deus, eu O odeio como se Você existisse.

Olhei para o bloco de papel. Era mais impessoal do que uma mecha de cabelo. Você pode tocar o cabelo com os dedos e os lábios, e eu estava exaurido de tanto pensar. Tinha vivido para seu corpo e queria seu corpo. Mas o diário era tudo que eu tinha, então coloquei-o de volta no armário, pois não teria sido mais uma vitória para Ele destruí-lo e me deixar mais completamente sem ela? Eu disse a Sarah: Tudo bem, façamos do *seu* jeito. Acredito que você vive e que Ele existe, mas será necessário mais do que suas orações para transformar esse ódio por Ele em amor. Ele me roubou e, como aquele rei sobre o qual você escreveu, vou roubar d'Ele o que ele quer em mim. O ódio está em meu cérebro, não em meu estômago, nem em minha pele. Não pode ser removido como um prurido ou uma dor. Eu não a odiei assim como a amei? E eu não me odeio?

Anunciei a Henry lá embaixo: “Estou pronto”, e caminhamos lado a lado pelo parque em direção ao Pontefract Arms; as luzes estavam apagadas, e amantes se encontravam onde os caminhos se cruzavam; e do outro lado do relvado estava a casa com os degraus em ruínas onde Ele me devolveu esta vida aleijada e desesperançada.

“Fico sempre à espera dessas nossas caminhadas noturnas”, disse Henry.

“Que bom.”

Pensei comigo: Pela manhã, vou ligar para um médico e perguntar a ele se uma cura pela fé é possível. E então pensei: Melhor não; desde que não se *sai*ba, pode-se imaginar inúmeras curas... Coloquei minha mão no braço de

Henry e a deixei ali; agora eu tinha de ser forte por nós dois, e ele não estava seriamente preocupado ainda.

“São as únicas coisas pelas quais espero”, disse Henry.

Escrevi no início que este era um relato de ódio e, caminhando ao lado de Henry em direção ao copo de cerveja noturno, encontrei a única oração que parecia servir ao clima de inverno: Ó Deus, Você já fez o suficiente, Você já me privou do suficiente, estou cansado demais, velho demais para aprender a amar, me deixe em paz para sempre.

NOTAS

1. As referências são a Edward Gibbon (1737–1794), autor de *A história do declínio e queda do Império Romano*, e Walter Scott (1771–1832), escritor conhecido sobretudo pelos romances históricos, como *Ivanhoé*. *Discóbolo* é uma escultura de Míron (século v a.C.). (N. E.) **2.** *Warden*, no original. Refere-se aos recrutados para participar das organizações voluntárias civis Air Raid Precautions como fiscais que atuavam supervisionando o escurecimento das janelas à noite para que a luminosidade não servisse de alvo a bombardeiros aéreos, além de disparar sirenes, coordenar evacuações, reportar incidentes e prestar outros auxílios. (N. E.) **3.** *Comandante do Império Britânico*, em tradução, comenda outorgada pela ordem de cavalaria Excelentíssima Ordem do Império Britânico. (N. E.) **4.** Em 1941, as Air Raid Precautions fundiram-se na organização de voluntários civis Civil Defense Service, estruturando os esforços dos recrutados na Grã-Bretanha durante o período da guerra. (N. E.) **5.** Em tradução, o.B.E. é o Oficial do Império Britânico; c.B.E. é o previamente citado Comandante; k.B.E. é o Comandante Cavaleiro. Tais comendas aparecem aqui em ordem hierárquica dentro da Ordem do Império Britânico. (N. E.) **6.** No original, *Father*, que significa tanto pai quanto padre. (N. E.) **7.** *The bell, the book and the candle* [o sino, o livro e a vela], expressão que aparece em *Vida e morte do Rei João*, de Shakespeare, e faz referência a um método cristão de excomunhão por anátema. (N. E.) **8.** No original, *The Children of the New Forest* (1847) e *The Golliwog at the North Pole* (1900), ambos inéditos no Brasil, respectivamente de Frederick Marryat e Florence Kate Upton — os títulos não são traduções oficiais. (N. E.) **9.** Referência a *The Rime of the Ancient Mariner* (1798), poema de Samuel Taylor Coleridge. (N. E.)

**Confira nossos lançamentos,
dicas de leituras e
novidades nas nossas redes:**



@editorabibliotecaazul



<https://www.facebook.com/abibliotecaazul>

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995)

Editora responsável: Amanda Orlando
Assistente editorial: Renan Castro
Preparação: Santiago Santos
Revisão: Cão Rodrigues
Diagramação: João Motta Jr.
Capa: Thiago Lacaz
Imagem da capa: Peter Dazeley/Getty Images
Editora de livros digitais: Ludmila Gomes
Produção do e-book: Ranna Studio

Título original: *The end of the affair*

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G83f

3. ed.

Greene, Graham

Fim de caso / Graham Greene ; tradução Bruno Gambarotto. - [2. ed.]. - Rio de Janeiro :
Biblioteca Azul, 2024.

Tradução de: The end of the affair
ISBN impresso: 978-65-5830-216-2
ISBN digital: 978-65-5830-212-4

1. Romance inglês. I. Gambarotto, Bruno. II. Título.

24-89092

CDD: 823
CDU: 82-31(410.1)



Meri Gleice Rodrigues de Souza — Bibliotecária — CRB-7/6439

1ª edição, Record, 1985

2ª edição, Edições BestBolso, 2000

3ª edição, 2024

Direitos exclusivos de edição em língua portuguesa para o Brasil adquiridos por Editora Globo s.a.
Rua Marquês de Pombal, 25
Rio de Janeiro – RJ – 20.230-240 – Brasil
www.globolivros.com.br